



O Partido Nazista no Paraná 1933-1942



RAFAEL ATHAIDES

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ 1933-1942



Editora da Universidade Estadual de Maringá

Reitor: Prof. Dr. Júlio Santiago Prates Filho. **Vice-Reitora:** Profa. Dra. Neusa Altoé. **Diretor da Eduem:** Prof. Dr. Ivanor Nunes do Prado. **Editor-Chefe da Eduem:** Prof. Dr. Alessandro de Lucca e Braccini.

Conselho Editorial

Presidente: Prof. Dr. Ivanor Nunes do Prado. **Editores Científicos:** Prof. Adson C. Bozzi Ramatis Lima, Profa. Dra. Ana Lúcia Rodrigues, Profa. Dra. Anaete Regina Schelbauer, Prof. Dr. Antonio Ozai da Silva, Prof. Dr. Clóves Cabreira Jobim, Profa. Dra. Eliane Aparecida Sanches Tönolli, Prof. Dr. Eduardo Augusto Tomanik, Prof. Dr. Eliezer Rodrigues de Souto, Profa. Dra. Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso, Prof. Dr. Evaristo Atêncio Paredes, Prof. Dr. João Fábio Bertonha, Profa. Dra. Larissa Michelle Lara, Profa. Dra. Luzia Marta Bellini, Prof. Dr. Manoel Messias Alves da Silva, Profa. Dra. Maria Suelly Pagliarini, Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado, Prof. Dr. Osvaldo Curty da Motta Lima, Prof. Dr. Raymundo de Lima, Prof. Dr. Reginaldo Benedito Dias, Prof. Dr. Ronald José Barth Pinto, Profa. Dra. Rosilda das Neves Alves, Profa. Dra. Terezinha Oliveira, Prof. Dr. Valdeni Soliani Franco, Profa. Dra. Valéria Soares de Assis.

Equipe Técnica

Fluxo Editorial: Edilson Damasio, Edneire Franciscon Jacob, Mônica Tanamati Hundzinski, Vânia Cristina Scomparin. **Projeto Gráfico e Design:** Marcos Kazuyoshi Sassaka. **Artes Gráficas:** Luciano Wiliam da Silva, Marcos Roberto Andreussi. **Marketing:** Marcos Cipriano da Silva. **Comercialização:** Norberto Pereira da Silva, Paulo Bento da Silva, Solange Marly Oshima.

Rafael Athaides

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ 1933-1942



Maringá
2011

Copyright © 2011 para Rafael Athaides

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização, por escrito, do autor.

Todos os direitos reservados desta edição 2011 para Eduem.

Revisão textual e gramatical: Débora Azevedo Malentachi e Maria Aparecida Pavan

Normalização textual e de referências: Marinalva Aparecida Spolon (CRB 9-1094)

Projeto gráfico/diagramação: Marcos Kazuyoshi Sassaka

Imagens: fornecidas pelos autores

Capa - imagem principal: Apresentação da Juventude Teuto-Brasileira na Sociedade Handwerker, Curitiba (sem data). Fonte: Pront. 770, Top. 316, "Clement Banach", DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Capa - imagem em transparência: Selo da Deutsche Winterhilfe Paraná. Fonte: Pront. 770, Top. 316, "Clement Banach", DOPS-PR, Arquivo Público do Paraná.

Capa - arte final: Luciano Wilian da Silva

Ficha catalográfica: Edilson Damasio (CRB 9-1123)

Fonte: Aldine401 BT, Aldine721 BdCn BT

Tiragem - versão impressa: 500 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

(Eduem - UEM, Maringá – PR., Brasil)

A865p Athaides, Rafael

O Partido Nazista no Paraná 1933-1942 / Rafael Athaides. -- Maringá :
Eduem, 2011.

224 p. : il., fotos, tabs.

ISBN 978-85-7628-324-9

1. Partido Nazista - Paraná. 2. Imigração alemã - Paraná. 3. Repressão
policial. 4. Nazismo. I. Título.

CDD 21. cd. 324.2138098162



Eduem - Editora da Universidade Estadual de Maringá

Av. Colombo, 5790 - Bloco 40 - Campus Universitário

87020-900 - Maringá-Paraná - Fone: (0xx44) 3011-4103 - Fax: (0xx44) 3011-1392

www.eduem.uem.br - eduem@uem.br

AGRADECIMENTOS

Apesar de carregar meu nome, a produção deste livro careceu da atenção, dedicação e paciência de muitas pessoas. Por isso, digo que ele foi feito por ‘muitas mãos’. Incluo aqui boa parte daqueles que colaboraram com esta jornada, que começou há 7 anos em uma aula do curso de graduação em História da Universidade Estadual de Maringá.

Primeiramente, agradeço ao Professor João Fábio Bertonha, mestre e amigo, cujo estímulo e orientação foram constantes durante todas as etapas deste projeto.

Aos meus pais, Osvaldo e Maria, pelo amor, motivação e sustento. Pessoas que nunca deixaram de trazer o incentivo para me fazer ir mais além.

Aos amigos, Luís Claudio e Douglas, pela contribuição nas primeiras revisões da língua portuguesa e inglesa.

À professora Maria Ana Muller, pelo auxílio com a língua alemã.

Aos queridos tios Henrique e Laura, que me abrigaram (e me suportaram) nos meus longos períodos de pesquisa na capital paranaense.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela ajuda financeira essencial à pesquisa.

Ao pessoal do Grupo de Pesquisa sobre Movimentos Autoritários do séc. XX, da Universidade Estadual de Maringá, cujas sugestões e cafés sempre contribuíram na confecção desta obra.

Aos amigos de trabalho da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, local de onde realizei boa parte da tarefa de revisão da versão inicial.

Aos professores René Gertz, Adriano Duarte e à professora Marion Brepohl, pelas críticas que ajudaram a lapidar o texto final.

Enfim, a todos que colaboraram para a concretização deste sonho. Sintam-se incluídos nesta lista.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

5ª RM – Quinta Região Militar

AN – Arquivo Nacional

AO – *Auslandsorganization der NSDAP* (Organização do Partido Nazista para o Exterior)

APP – Arquivo Público do Paraná

DAF – *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemã do Trabalho)

DESPS/RJ – Delegacia Especial de Segurança Política e Social

DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social

DOPS/PR – Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná

GSA – *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (Companhia para Colonização no Exterior)

NSDAP – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães)

NSDAP/BR – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Landesgruppe Brasilien* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – grupo país Brasil ou Seção Brasileira do Partido Nazista)

NSDAP/PR – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Kreis Paraná* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – Círculo Paranaense)

NSDAP/SC – *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei – Kreis Santa Catarina* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães – Círculo de Santa Catarina)

Pront. – Prontuário

TSN – Tribunal de Segurança Nacional

SUMÁRIO

ABREVIATURAS UTILIZADAS.....	7
PREFÁCIO.....	11
INTRODUÇÃO.....	21
I – A NSDAP NO BRASIL.....	33
1.1 A Organização Partidária.....	36
1.2 Perfil dos Partidários.....	42
1.3 Objetivos para a NSDAP/BR.....	47
II – A NSDAP NO PARANÁ	61
2.1 A Imigração Alemã no Paraná	65
2.2 O Início da Organização da NSDAP/PR.....	71
2.3 Clubes e sociedades germânicas: o ‘assalto’ nazista e o conflito com os não-partidários	78
2.3.1 Sociedade dos Ex-combatentes da Grande Guerra .	82
2.3.2 Verband Deutscher Vereine (União das Sociedades Alemãs).....	88
2.4 Estrutura Organizacional da NSDAP/PR.....	95
2.5 O Nazismo no Interior do Estado	105
2.6 O Perfil dos Militantes da NSDAP/PR	118
2.7 A Proximidade com o Consulado	126
2.8 A Propaganda Nazista	132
2.9 Os Cismas Internos: a ação dos partidários e a crítica da comunidade alemã	142

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ: O ESTADO NOVO E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	165
3.1 O pano de fundo: o golpe do Estado Novo, a Segunda Guerra e as relações Brasil/Alemanha	170
3.2 O Paraná e a Repressão a NSDAP	179
3.2.1 Os primeiros alvos – 1938-1942.....	181
3.2.2 “ <i>O fim do estado de coisas</i> ”: 1942.....	187
 CONCLUSÃO.....	 205
 REFERÊNCIAS.....	 211

PREFÁCIO

PREFÁCIO

Não vou conseguir me recordar a data exata em que conheci Rafael Athaides. Com certeza, foi no curso de História Contemporânea II que ministrei aulas a ele na Universidade Estadual de Maringá, em 2004. Minha lembrança é que, numa conversa, fui eu quem o estimulou a estudar o nazismo e sugeri o tema da presença nazista no Estado do Paraná.

Se minha memória não me trai eu sou realmente o “culpado” pela caminhada de Rafael para este campo de estudos, só posso ressaltar o quanto isso me deixa satisfeito. Desde então, ele tem percorrido uma trajetória notável e que só pode deixar feliz um ex-professor e orientador. A dissertação por ele defendida e este livro, versão modificada e corrigida da primeira, é prova cabal disto.

Rafael, na verdade, se insere num esforço historiográfico recente que busca reavaliar a questão da presença do nazismo em terras brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 e que reúne historiadores como René Gertz, Marionilde Brepohl, Luís Edmundo Moraes, Ana Maria Dietrich e outros. Todos eles, seguindo o caminho seminal traçado por Gertz, têm procurado romper ideias pré-estabelecidas e definir com mais rigor o que significou a presença da suástica no Brasil.

Como indicado por Gertz já há quase um quarto de século, a visão tradicional do que representava o nazismo no Brasil era mais ou menos clara e simples. A Alemanha nazista, seguindo a tradição expansionista alemã e a reforçando com seus impulsos racistas, tinha um plano claro de conquista do sul do Brasil. Para tanto, enviou para cá os militantes do NSDAP e outros agentes, os quais conquistaram completamente as coletividades alemãs, até serem derrotados e eliminados pela ação repressiva do governo Vargas.

Nesta linha de pensamento, a adesão dos alemães e seus descendentes ao projeto nazista era dada como lógica. Emigrados

para o Brasil já dentro desse espírito imperial e recusando-se completamente a se assimilar à sociedade maior e à cultura dominante luso-brasileira, eles se sentiam alemães e não haveria como não responderem entusiástica e maciçamente aos apelos de Berlim.

A recente historiografia tem demonstrado como este cenário é muito menos claro e que não apenas Berlim nunca teve um plano real de conquista do sul do Brasil (o que não significa dizer, claro, que ele não poderia se constituir em caso de oportunidade), como sua “conquista” das colônias foi bem menos absoluta do que o tradicionalmente afirmado. Por fim, o próprio isolamento e recusa de integração dos teuto-brasileiros à cultura brasileira tem sido questionado. Com certeza, a maioria desejava manter a língua e a cultura alemã, mas isso não implicava, obrigatoriamente, numa recusa a participar da sociedade maior.

O trabalho de Rafael está claramente dentro dessa nova perspectiva historiográfica, mas avançando dentro da problemática estadual. Uma perspectiva de história regional, mas elaborada com enorme cuidado, de forma a não exagerar na busca do específico e esquecer que há contextos maiores a serem levados em conta. Pelo contrário, a história regional aqui utilizada é aquele que visa estudar empiricamente casos isolados de forma a permitir a formação de conclusões mais gerais, o que é metodologicamente válido.

No caso deste tema em questão, o livro de Rafael se fazia ainda mais necessário, pois, frente ao número razoável de trabalhos sobre São Paulo, Rio de Janeiro e, especialmente, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o Paraná era praticamente ignorado. Essa lacuna era especialmente grave quando recordamos a importância da colônia teuta local e do Estado dentro da estrutura nazista nacional. O

PREFÁCIO

presente trabalho colabora para sanar essa falha e o faz de forma eficiente.

O livro, realmente, trabalha a relação do macro com o micro com enorme cuidado e lucidez. Depois de fazer uma cuidadosa reconstrução da questão do NSDAP em nível nacional, ele avança para seus meandros no Estado, indicando as igualdades e diferenças frente ao quadro maior. A composição sociológica dos membros do partido no Estado, a tentativa nazista de conquistar as associações teutas locais, a diferença entre apreciar o nazismo e ser nazista e outras questões são exploradas com maestria, formando um quadro cristalino da presença nazista no Paraná.

Ele também indica ter consciência que o quadro estudado não se limita nem ao Paraná, nem ao Brasil e nem mesmo à América do Sul, sendo, na verdade, uma ação global projetada a partir de Berlim e que só pode ser estudada com esta perspectiva. Ele ressalta que não pretende, neste trabalho, fazer uma história comparada com outros Estados do Brasil e países e é claro que é essa a opção certa para um estudo de âmbito limitado. Mas talvez valesse a pena pensar neste tipo de história no futuro.

Efetivamente, as perspectivas para algum tipo de história comparada ou transnacional com relação à presença do nazismo entre os imigrantes alemães espalhados pelo mundo são das melhores. Que assunto poderia ser mais bem explorado com essa visão teórica do que essa presença, espalhada nos cinco continentes e que, ao mesmo tempo em que manteve um caráter comum, englobava realidades as mais diversas?

Realmente, haveria muito a se ganhar com este estudo. Explorar a presença de comunidades de sua origem no exterior para seus próprios fins geopolíticos não era nenhuma invenção alemã ou nazista, já tendo sido usada pela Itália, Espanha, Bélgica e outros

países já antes da Primeira Guerra Mundial. No caso nazista, contudo, a própria aproximação racialista da questão nacional indicava que não haveria como escapar da recuperação daquele “sangue germânico” espalhado pelo exterior.

A partir dessa teoria, contudo, as variações práticas foram imensas. Num lugar como a Nova Guiné, a sede local do NSDAP não deveria ser muito mais do que um clube de congregação dos alemães ali residentes. Na Polônia ou na Romênia, em plena esfera de ação do poder e do expansionismo do Reich, a manipulação e o esforço de usar estas comunidades para o jogo geopolítico alemão eram imensamente superiores, enquanto, em países como o Brasil e a Argentina, a questão era muito mais matizada. Enfim, apenas uma indicação de estudos e aprofundamentos que mereceriam algum investimento.

Do mesmo modo, seria interessante comparar as ações nazistas no exterior e no Brasil com a de fascistas italianos, falangistas espanhóis, salazaristas portugueses e outros. Todos agiram de forma mais ou menos semelhante com relação a suas coletividades, mas, em muitas questões, a maneira de eles lidarem com algumas questões era bem diferente da nazista, o que mereceria ser explorado. As relações entre todos esses grupos e sua solidariedade/conflito também seria um tema de interesse.

Há, aliás, pensando no caso específico do Paraná, alguns casos que mereceriam um cuidado especial. Neste Estado, havia imensas coletividades de poloneses e ucranianos que, nos anos 30, receberam certa propaganda do governo de direita polonês e influência dos grupos nacionalistas ucranianos emigrados. Pouco se sabe sobre estas atividades e valeria a pena explorá-las com mais cuidado, até para permitir que se forme um quadro mais geral da problemática.

PREFÁCIO

O livro de Rafael também aborda com cuidado a repressão varguista aos nazistas e alemães no Estado e indica a maior ironia desta repressão. Como ele bem indica, a maioria dos alemães filiados ao NSDAP, no Brasil e no Paraná, era alemães natos, residentes nas cidades (especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo) e de classe média, além de serem, numericamente, poucos. A repressão atingiu majoritariamente, contudo, descendentes de alemães há gerações no Brasil, habitantes do campo e da região Sul, num processo injusto e que se repetiu, igualmente, no caso, por exemplo, dos italianos e, numa escala muito maior, com os japoneses.

Talvez seja importante, aliás, fazer uma distinção cuidadosa entre os erros da repressão e sua necessidade e/ou justificativa. Como indicado acima, o governo Vargas errou ao não identificar com cuidado o verdadeiro inimigo e/ou utilizou a questão do nazismo para eliminar as bases da cultura germânica no país, garantido a sua unificação cultural. Outra injustiça grave foi a de criminalizar pessoas apenas por pertencerem a um partido “legal” no país (como era o caso do NSDAP antes de 1938) ou, por exemplo, por tirarem fotos utilizando a bandeira nazista, que era a do seu país naquele momento. Algo a se lamentar, pois trouxe problemas e dificuldades a pessoas que nem de longe representavam uma ameaça ao Brasil e representou uma perda cultural ao país.

No entanto, é importante evitar o polo oposto e cair numa “vitimização” que apresenta as coletividades alemãs ou italianas como 100% inocentes e vítimas passivas de um governo que não via a sua lealdade e boas intenções. A partir de 1942, especialmente, o Brasil estava em guerra com a Alemanha e a Itália e o Estado tinha o direito e até o dever de vigiar os cidadãos dos países inimigos e, em caso de necessidade, confiná-los. O caso japonês é, neste

contexto, muito mais grave, pois, oficialmente, o Brasil não entrou em guerra contra o Japão até 1945 e o tratamento reservado aos japoneses foi infinitamente mais duro, como, aliás, aconteceu também nos Estados Unidos, no Canadá e em outros países. Além disso, apesar do Estado atacar duramente e de forma lamentável a cultura dos imigrantes – jornais, associações, uso público da língua etc –, não houve nem sombra da política de aniquilação cultural e física promovida pelo nazismo na Polônia ou na Ucrânia. Perspectiva histórica é algo necessário, ainda mais nesse mundo contemporâneo onde quase todos os grupos procuram justificativas no passado para algum tipo de privilégio ou regalias, quase sempre indefensáveis.

Por fim, impossível não notar uma ausência no livro de Rafael: o integralismo. Já está mais do que claro, na historiografia, que a relação da Ação Integralista foi muito mais densa com a Itália fascista (e com a Península Ibérica) do que com Berlim, com questões ideológicas de peso separando o principal corpo doutrinário dos dois partidos. Mas é conhecido o intenso relacionamento dos integralistas com os nazistas em solo nacional, normalmente mediado pelo fato de que um número substancial de teutos aderiu a AIB. Uma relação cheia de contradições, com solidariedade e conflito se sucedendo (especialmente pela questão nacionalista), mas que é chave para entender a dinâmica relacional entre eles. Creio que esta dinâmica deveria ter sido ao menos esboçada, no caso desse livro, para o caso do Paraná.

Nesse ponto, aliás, tenho dúvidas se realmente não houve contatos mais densos entre o NSDAP local e a Embaixada alemã com as lideranças do Integralismo, inclusive com o fornecimento de fundos. No caso italiano, isto está mais do que comprovado, mas as evidências frente aos alemães ainda são embrionárias e

PREFÁCIO

contraditórias e talvez fosse um avanço explorar a questão em nível regional, verificando, por exemplo, se empresas alemãs ou o consulado alemão, em Curitiba, não transferiram fundos para os integralistas locais.

Essa minha última crítica é mais sugestão do que outra coisa, especialmente porque sei que, neste momento, Rafael está trabalhando justamente com o tema do Integralismo no Estado do Paraná. Um sinal de que, em pouco tempo, teremos outro ótimo livro em mãos e que eu terei, certamente, a chance de ver que a semente que lancei continua a dar bons frutos.

João Fábio Bertonha

Roma, março de 2010

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Em fevereiro de 1920, entre alguns copos de chope e o estalar de mesas, lançavam-se em Munique, capital do estado alemão da Baviera, as bases para a formação do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*), que ficaria mais conhecido pela corruptela *nazi*.

Naquela ocasião, noite de 24 de fevereiro, Adolf Hitler anunciou 25 pontos de um programa partidário que, apesar de ridicularizado na época, teve resultados futuros assombrosos.

O primeiro ponto abordava a questão da união de todos os alemães em uma *Grossdeutschland* (Grande Alemanha).

O ex-vagabundo de Viena e soldado mensageiro na Grande Guerra teve de esperar até o fim da década de 1920 para ver os resultados políticos do grupo do qual assumira a liderança. A partir da Crise do Capitalismo de 1929, o Partido Nazista logrou resultados expressivos dentro do sistema representativo da República de Weimar (1918 – 1933), o mesmo sistema que pretendia extinguir.

A partir de 1933, Adolf Hitler teve a oportunidade de resgatar aquela noite de 24 de fevereiro. Seu partido, agora, não era mais um dentre os numerosos grupos antissemitas, antidemocráticos e antissocialistas da Alemanha pós-guerra. O nazismo elevava-se ao poder e, de súbito, enterrara com o *III Reich* a frágil República.

Antes mesmo de ocupar o governo, o sonho da Grande Alemanha já havia saído das pranchetas da NSDAP¹. Em 1931, era fundada uma espécie de departamento do partido, sob a denominação *Auslandsabteilung* (Divisão do Exterior), responsável pela questão dos alemães residentes no exterior (MÜLLER, 1997).

1 Sigla alemã da *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, que adotaremos durante todo o texto.

Em fevereiro de 1934, tal divisão passou a ser chamada pelo título mais conhecido: *Auslandsorganisation der NSDAP* (Organização do Partido Nazista para o Exterior). Em 1935, a AO (sigla da divisão) deixou o *status* de departamento e passou a se inserir no partido como comarca (*Gau*). Na ordem hierárquica do *III Reich*, seu líder, Wilhelm von Bohle, estava diretamente subordinado a Rudolf Hess, vice de Adolf Hitler (DIETRICH, 2007a).

O objetivo: trazer os alemães residentes fora do *Vaterland* (Pátria-mãe) para dentro da órbita da ideologia nacional-socialista. Em outras palavras, a ideia era constituir uma grande ‘comunidade étnica do povo’ (*Völksgemeinschaft*), que incluía os *Auslandsdeutsche* (alemães do exterior), baseada no nacionalismo alemão, este último com características próprias da visão de mundo nazista.

A historiografia, de forma geral, tem se debruçado nas últimas duas décadas sobre a questão do nazismo no exterior, mais especificamente sobre a questão do ‘Partido Nazista’ no exterior. Alguns historiadores creditam a aventura da AO a seu chefe máximo, von Bohle. Por esta perspectiva, o trabalho da NSDAP fora da Alemanha estaria baseado mais em intentos pessoais do que em princípios ideológicos (MOORE, 1987).

Por outro lado, boa parte dos estudiosos que trabalham com o tema tem apoiado a tese de que a Organização para o Exterior cumpria respeitável função nos planos geopolíticos de Hitler. Nesse sentido, John Perkins afirma:

É certo que Hitler, Bohle e outros líderes nazistas, imediatamente após a chegada ao poder em 30 de Janeiro de 1933, expressavam com frequência o ditado ‘O nazismo não é exportável’. Contudo, a AO de Bohle representava um importante papel nas ambições globais de Hitler (1991, p. 111).

INTRODUÇÃO

Fato é que hoje temos conhecimento de que ‘braços’ do Partido Nazista se instalaram em diversas regiões do globo – muitas, culturalmente distintas – a partir de 1928 e durante a década de 1930. De acordo com Ana Maria Dietrich, a NSDAP arregimentou no exterior cerca de 29.000 militantes, em 83 países (2007a). Vejamos alguns exemplos, antes de chegarmos ao objeto específico deste trabalho.

Tomaremos como referência, aleatoriamente, o caso da Austrália. Os esforços nazistas para conquistar a minoria germânica nesse país de tradição cultural anglo-saxã refletem aspectos da própria formação populacional e cultural local. Perkins (1991) mostrou que, nos anos 1930, alguns teuto-australianos adotavam posturas pró-nazismo apenas por nutrirem profunda anglofobia; essa atitude bebia nas fontes do pensamento católico irlandês, fortemente arraigado em setores médios australianos.

Além da organização partidária, que chegou a abarcar 160 filiados, na Austrália também observamos a presença de organizações subsidiárias à NSDAP, como a *Deutsche Arbeitsfront* (Frente de Trabalho Alemã) e a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), que serviam como válvula de escape para “indivíduos não aceitáveis ou que não queriam ingressar oficialmente como membros, porém, simpáticos aos objetivos do partido” (PERKINS, 1991, p. 117).

Uma das principais tarefas do Partido era lutar pelo controle dos clubes e das sociedades germânicas locais. De 1933 em diante, praticamente todas as agremiações teutas das mais importantes cidades australianas estavam sob a coordenação da NSDAP local. Para tanto, a ajuda do Consulado Geral da Alemanha em Sidney foi fundamental. Os dois órgãos, Partido e Consulado, praticamente se fundiram no trabalho de propaganda da ideologia e da manutenção dos interesses germânicos na região.

Por mais espantoso que pareça, se substituirmos o país mencionado nas linhas acima por outro de tradição cultural totalmente distinta, como México, Argentina ou Brasil, pouca coisa mudaria no quadro geral da ação nazista no exterior. Com obviedade, só podemos fazer essa afirmação salvaguardando os diferentes caminhos tomados pelo Partido e que remetem às idiossincrasias locais.

No México, por exemplo, os nazistas intentaram, em 1933, ocupar o poder na *Asociación de Ciudadanos del Reich*, um clube de natureza étnica; o feito só foi possível com o auxílio, tal qual na Austrália, da representação diplomática alemã, na época, a Legação Alemã no México (MÜLLER, 1995).

Igualmente, no Brasil a união entre o Partido e entidades consulares fica patente quando notamos, por exemplo, que o líder nacional da NSDAP, Hans Henning von Cossel, também foi adido cultural na Embaixada Alemã do Rio de Janeiro.

A situação se repete em outros aspectos. As células paralelas na Argentina, por exemplo, também contavam com a DAF e a *Hitlerjugend* (NEWTON, 1995). A mesma situação se observava no Brasil.

Os números acerca dos militantes variam, sendo proporcionais ao número de alemães em cada país: Argentina e México agrupavam, aproximadamente, 2.000 membros cada. O Brasil representou uma das maiores seções fora da Alemanha, algo em torno de 2.900 filiados (DIETRICH, 2007a; MORAES, 1996).

Certamente, em grande número de aspectos, as ações da NSDAP pelo mundo divergiram – e isso justifica prontamente os estudos locais. Com essas pinceladas, queremos apenas demonstrar que o objeto com o qual lidamos, neste livro, encontra-se em uma

INTRODUÇÃO

rede muito maior, que remonta aos altos interesses do Partido Nazista, e por que não do *III Reich*.

O problema de alguns estudos regionais – e não apenas os estudos restritos às seções da NSDAP – reside no fato de que, às vezes, o recorte feito é tão profundo que se perde de vista que a região estudada ‘localiza-se no planeta Terra’. Não temos a pretensão aqui de fazer exaustivos exercícios comparativos. Remetemo-nos, não obstante, à Austrália, México e Argentina no sentido de lançar luz sobre nosso objeto, a saber, o Partido Nazista no Brasil, mais especificamente no Estado do Paraná.

A título de exemplo, no México, observa-se certa rejeição ao nazismo entre os imigrantes alemães de uma geração anterior – pelo menos em duas décadas – à dos militantes do Partido. Poderíamos observar semelhante comportamento no caso do Brasil e no Paraná? A resposta pode ser negativa, contudo, parece-nos um elemento explicativo que deve ser considerado. Assim, entendemos que é possível localizar, no exterior e em outros Estados, exemplos de variáveis a serem observadas neste estudo específico do Partido Nazista².

O objetivo central desta obra é mapear as linhas gerais de funcionamento da NSDAP na circunscrição do Estado do Paraná, entre os anos 1933-1942. Tenciona-se, ainda, verificar as diferentes percepções dos grupos-alvo da cooptação nacional-socialista, suas falas e elaborações construídas em torno da ideologia e da prática do Partido Nazista local.

2 Certamente não devemos procurar, por exemplo, uma tradição católica irlandesa no Paraguai que explique a adesão ao nazismo. As comparações aqui propostas devem ter o mínimo de coerência que justifique o trabalho.

Para tanto, nosso texto está dividido em três partes: a primeira aborda a questão do Partido Nazista no Brasil, enfocando os principais aspectos dessa atuação partidária estudados pela historiografia brasileira. A segunda parte acerca-se do Círculo Paranaense do Partido Nazista, entre os anos 1933 e 1938, período em que a NSDAP funcionou livremente no Estado. Por fim, a terceira parte centra-se no desmonte dessa mesma máquina partidária, sob a sombra das autoridades repressoras do Estado Novo, primeiramente no contexto da Campanha de Nacionalização e, posteriormente, durante a Segunda Guerra Mundial.

A documentação referente à perseguição feita pelo Estado ao nazismo no Paraná, da qual esta pesquisa se valeu, está localizada no setor DOPS-PR do Arquivo Público do Paraná e foi disponibilizada ao público pelo decreto nº 577, do governo do Estado, de 11 de julho de 1991. Àquela época, foram transferidos para o Departamento de Arquivo Público do Estado do Paraná os documentos da Subdivisão de Informações da Polícia Civil, onde se localizava o acervo da extinta Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

Lamentavelmente, a distância temporal e o ‘trajeto’ que esse acervo percorreu até chegar ao Arquivo Público do Paraná resultaram em lacunas que são evidentes em uma simples leitura sequencial dos documentos. Observando, durante a pesquisa, a ausência de páginas e prontuários inteiros, percebemos, cada vez mais, a necessidade de resgate dessa história. Nesse sentido, tais lacunas – que podem ser provas da ardileza de grupos e/ou instituições que se sentiam protegidas sob o *status quo* – ao invés de nos desestimular, instigaram ainda mais o desejo de trazermos esse conhecimento à tona.

INTRODUÇÃO

De forma geral, o *corpus* aqui trabalhado é constituído por dossiês temáticos e pessoais, fruto do trabalho repressor da polícia política paranaense durante o Estado Novo (1937-1945). São ofícios, requerimentos, informes, inquéritos, prontuários, pedidos e aceites de salvo-condutos etc. Raras vezes encontramos algum documento anterior ao ano de 1937.

Assim, este trabalho deve ser lido, levando-se em conta as especificidades dessa fonte e o tipo de interrogação que a ela direccionamos (THOMPSON, 1981). Trata-se, quase no seu conjunto, de documentos pelos quais conseguimos estabelecer contato indireto com nosso objeto. De outra forma, foram produzidos por observadores que falam de uma terceira pessoa; tais indivíduos, em nosso caso, funcionários de uma polícia política, carregavam elevadíssima carga ideológica, além de estarem condicionados pela lógica interna de seu trabalho, assim, condicionando também suas imagens acerca dos personagens aqui estudados.

Dos personagens, por sua vez, quando conseguimos dos meandros das imagens policiais extrair suas percepções, sempre teremos em mente a circunstância em que se encontravam: foram vistos e falaram, na maioria das vezes, atrás de grades ou em empoeiradas salas de interrogatório. Não os vemos no cotidiano, no trabalho partidário, nas festas e semanas comemorativas; sempre falaram sob a cobertura de violência simbólica ou direta.

No caso dos nazistas, muitos indivíduos se expressaram sob dupla opressão: em primeiro lugar, aquela a que estavam submetidos pelas autoridades brasileiras; em segundo, pelo onipresente temor de serem enquadrados como traidores do *III Reich*. De tal modo, quando suas respostas os livravam da

condenação ante a DOPS, invariavelmente eram lembrados: “o declarante tem conhecimento do que poderia acontecer a um estrangeiro, que na Alemanha, fizesse tais conceitos sobre o povo alemão?” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939i). Num caso limite, a extradição ou expulsão poderia significar a morte.

Essas ‘imagens’ advindas da ação policial sobre nosso objeto (que engloba não só o falar ‘da polícia’, mas também o falar ‘de si’ sob a guarda da polícia) seriam lapidadas, se tivéssemos a possibilidade de cotejá-las com fontes produzidas pelo Partido. Todavia, os anseios de qualquer historiador do Político que toma os partidos como objeto – os livros-ata, fichas de membros, as correspondências etc. – estão distantes. Mais de 20 anos de Estado democrático ainda não foram suficientes para a abertura das catacumbas das mais altas instituições repressoras – tão pouco se sabe quando, ou se o farão.

À disposição dos pesquisadores estão apenas os enunciados de tais ‘raridades’, frutos da comunicação entre os mecanismos repressores. Tais enunciados não nos deixam de ser válidos e talvez sejam a possibilidade de maior aproximação com nosso objeto *in natura*. Posta à nossa frente está a irônica e, ao mesmo tempo, infeliz contradição: aquilo que contribuiu outrora para maior coordenação das forças repressoras estatais é o que mais nos revela sobre o objeto a ser aqui perscrutado.

Por conseguinte, vale lembrarmos o velho argumento de E. P. Thompson em defesa das especificidades do ofício do historiador: “Todo conhecimento histórico é, pela sua natureza, provisório e incompleto (mas não, por isso inverídico), seletivo (mas não, por isso inverídico), limitado e definido pelas perguntas feitas à evidência” (1981, p. 49).

INTRODUÇÃO

Nosso intuito, ao mergulhar nessa documentação, é extrair as linhas mestras de ação do Círculo Paranaense do Partido Nazista, procurando estabelecer pontos de encontro e/ou colisão com o quadro maior do Partido e com alguns casos estaduais. Alguns dados foram retirados de outras fontes, tratadas aqui como secundárias; é o caso dos processos do Tribunal de Segurança Nacional (TSN), relativos às atividades nazistas no Paraná; também foram consultadas fontes jornalísticas, constantes no interior dos dossiês da DOPS-PR, como os jornais *Gazeta do Povo*, *O Dia* e *Diário da Tarde*.

A ausência de trabalhos sobre o nazismo no Paraná pode ser resultado de uma série de obstáculos: (1) a abertura ‘recente’ dos documentos policiais, aliada aos obstáculos advindos das lacunas documentais próprias da DOPS/PR (arquivos aqui pesquisados); (2) a dificuldade em se vasculhar vestígios de um passado que se quer esquecer ou esconder (caso alguém pergunte por que um luso-brasileiro e não um teuto-brasileiro está pesquisando imigrantes alemães); 3) e, talvez, o mais grave: o monopólio da informação por parte de instituições repressoras e de memorialistas estaduais.

Essas colocações refletem, respectivamente, o que foi nossa práxis investigativa: o grande assombro ao avistarmos conjuntos documentais nitidamente desaparecidos no arquivo público da capital paranaense; ao mesmo tempo, uma frustrada tentativa de capturar personagens vivos dessa história: talvez estivéssemos, nesse sentido, tentando retirar pedras que não querem ser movidas – tal fato nos levou, para este trabalho, à opção pelas fontes escritas; por fim, vivenciamos a truculência e o conservadorismo de instituições

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

pseudoeducativas que, de posse do conhecimento, manipulam-no para a manutenção da oficialidade no campo da História. A despeito da dificuldade da empreitada, aceitamos o desafio.

CAPÍTULO I

A NSDAP NO BRASIL

Para os estudiosos do nazismo, é lugar comum o conhecimento da frase atribuída a Adolf Hitler: ‘o nazismo não é uma mercadoria exportável’³. Na prática, isso não significava que a doutrina do *Führer* não tinha como uma de suas pilstras o expansionismo imperialista e a confecção de um mundo com a face do Nacional-socialismo. A frase do líder máximo do Partido Nazista ilustra uma conclusão obtida por pesquisas relativamente recentes, realizadas no Brasil e em países onde o Partido atuava: a *National Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, apesar de espalhar correligionários por quase todo o mundo, não pretendia com isso apregoar sua doutrina ‘aos povos’ como se ela fosse um ‘legado para a humanidade’.

O nazismo partiu *dos* alemães e era, portanto, *para* os alemães, mesmo se estes se encontrassem fora do *Vaterland*. Essa restrição e, ao mesmo tempo, esse pertencimento que davam ao alemão o direito de participar da *Völksgemeinschaft* (comunidade étnica do povo) não foi uma novidade trazida pelo nazismo. A própria legislação secular alemã garantia – como garante até hoje – o pertencimento racial (*jus sanguinis*) e não territorial (*jus soli*). O trabalho do nazismo foi acoplar essa tradição à doutrina, surgindo assim a máxima: ‘ser alemão é ser nazista’.

Para demonstrar essa colocação, podemos mencionar a frustrada tentativa dos fascistas italianos em formar uma ‘Internacional Fascista’, em meados da década de 1930, no sentido de expandir essa teoria ao globo, congregando, para tanto, diversos movimentos com as mesmas características. A imediata recusa dos hitleristas em

3 Existem várias ocorrências documentadas sobre o uso da frase. Citemos aqui duas distantes no tempo: a primeira vem de um discurso de Joseph Goebbels, ministro da propaganda de Hitler, proferido em Nürember, 1933; a segunda provém do *Testamento político de Hitler*, de 1945 (GOEBBELS, 1934; BORMANN, 1965).

aderir ao projeto italiano pode ser explicada, em boa medida, por esse caráter racial do nazismo, no qual a *Völksgemeinschaft* jamais aceitaria efetivamente se abrir para formar um comitê internacional pró-fascismo (BERTONHA, 2000). Além do mais, se, por um segundo, conjecturarmos tal atitude, os nazistas estariam muito próximos do tão odiado ‘internacionalismo comunista apátrida’.

Isso posto, podemos nos interrogar acerca do interesse dos nacional-socialistas em ‘enviar’ o nazismo para um país latino-americano, como o Brasil, por meio da montagem de um aparelho partidário semelhante ao existente na Europa. De forma geral, como isso foi feito aqui, em uma escala nacional?

Para nossos objetivos, iniciaremos este livro abordando a questão da ação do Partido Nazista no Brasil, tomando como base os trabalhos mais recentes e já reconhecidos pela historiografia que tratam do tema. Certamente, não pretendemos aqui dar conta do assunto, mesmo porque ele está longe de ser esgotado. Propomos demonstrar minimamente as características da NSDAP no âmbito nacional, para despejarmos maior atenção sobre a ação do Partido no plano estadual, no caso, o Paraná.

1.1 A ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA

Se, como mencionamos acima, existia no nazismo o interesse de levar a doutrina aos alemães espalhados pelos *Gastländer* (países hospedeiros) – atitude que muito se confundia com a própria tradição cultural alemã, que desde o séc. XIX cultuava o *Deutschtum* (germanismo) no exterior – havia um órgão do Partido Nazista, com sede na Alemanha, responsável pela questão dos *Auslandsdeutsche*, a

AO (*Auslandsorganisation der NSDAP*), à qual já aludimos, fundada em 1931.

Tinha por função coordenar toda a ação partidária no exterior e possuía uma divisão geográfico-hierárquica semelhante à da NSDAP na Alemanha. Sabemos, portanto, que, por intermédio da AO, diversas seções do Partido Nazista surgiram espalhadas pelo mundo e buscaram recrutar adeptos para o movimento entre os alemães e descendentes (DIETRICH, 2007a).

De acordo com Jürgen Müller, uma sistematização da ação partidária no exterior, ocorrida nos primeiros anos da década de 1930, trouxe resultados positivos para a NSDAP. A possibilidade de se buscar novos militantes e de incorporar ao quadro oficial os indivíduos não registrados ampliou as fileiras além-*Reich*: até 1930, apenas 486 pessoas em todo o mundo ingressaram na Organização; em 1934, já existiam 867 apenas no Brasil (MÜLLER, 1995; MORAES, 1996).

Podemos encontrar ‘partidos nazistas’ (entendidos como seções externas da NSDAP central, enquadradas na hierarquia por meio da AO) nos países vizinhos da Alemanha, como Tchecoslováquia e Áustria, assim como nos Estados Unidos, México, Argentina, Paraguai, Brasil, Nova Zelândia etc. A lista é bem maior. Nosso interesse com isso é ressaltar que a ideia de se ‘criar’ uma organização partidária fora da Alemanha está diretamente relacionada com a presença de imigrantes alemães⁴ nessas regiões – pelo menos no que diz respeito aos intuítos centrais do Partido. Como já afirmamos acima, não havia qualquer razão dentro da doutrina para apregoar o nazismo aos indivíduos sem ‘sangue alemão’.

4 ‘Imigrantes alemães’ aqui entendidos como alemães natos (*Reichsdeutsche*) ou descendentes (*Völkdeutsche*). Diversas questões serão abordadas mais adiante sobre o perfil do imigrante aderente ao nazismo.

No caso brasileiro, autores da década de 1930 e 1940 colocam a origem do grupo nacional do Partido ligada a casos individuais. O mais recorrente é o do imigrante Bruno Fricke, no Rio Grande do Sul (MARTINS, [1942])⁵. Contudo, a historiografia mais atual conseguiu precisar que, em 1928, a cidade de Benedito Timbó, no Estado de Santa Catarina, sediou o primeiro grupo da NSDAP (DIETRICH, 2007a).

Seguimos aqui a postura adotada por Luís Edmundo Moraes (1996, 2008), que considera a distinção entre o surgimento de grupos locais e da ‘Seção Brasileira da NSDAP’. O surgimento do Partido, nessa perspectiva, deu-se somente com a montagem de uma estrutura organizacional, uma direção centralizada e uma hierarquia geográfica.

Após Timbó, outros núcleos surgiram: Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, São Francisco, Porto União, Joinville e Salvador (MORAES, 2008). É importante salientarmos que a montagem desses embriões organizacionais se dava de forma autônoma, ou seja, até 1933 os próprios grupos reuniam-se para escolher lideranças, enviando os nomes para o crivo de Berlim, além de se reportarem diretamente ao Partido na Alemanha (GERTZ, 1987).

Na primeira metade do ano de 1933, ocorre certa reorganização no plano nacional,

quando o partido passa a contar com uma direção centralizada para todo o Brasil e estrutura-se, tanto no que diz respeito à constituição de hierarquias para todos os âmbitos da

5 Fricke teria sido o fundador de núcleos no Brasil, no Paraguai e na Argentina na década de 1920. Após os expurgos da ala ‘populista-revolucionária’ do Partido (1934), representada pelas SA e pelos irmãos Strasser, Fricke se converteu em opositor à NSDAP e tornou-se delegado da organização de Otto Strasser (*Schwarze Front*) na região do Cone Sul (NEWTON, 1995).

I – A NSDAP NO BRASIL

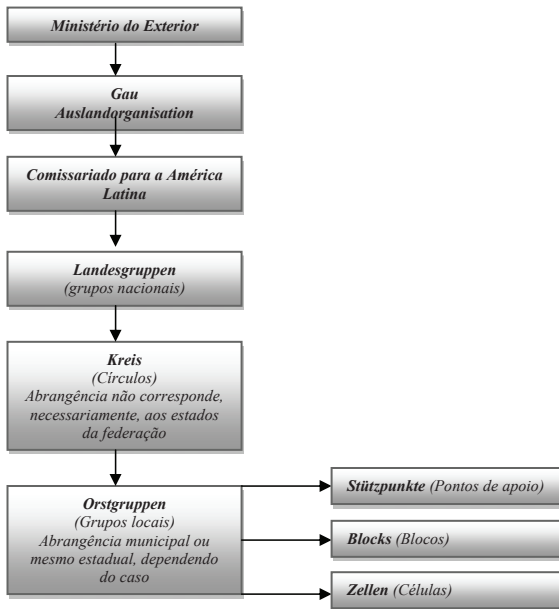
organização quanto pela formalização de áreas geográficas submetidas às diversas direções (MORAES, 1996, p. 108).

A partir de meados de 1933, conflitos internos levaram a NSDAP/BR a um novo processo reorganizador, que culminou com a expulsão de alguns membros e a entrega da direção nas mãos daquele que seria o mais conhecido chefe da organização no Brasil: Hans Henning von Cossel, então líder do núcleo paulista. Além disso, em 1934, a sede do Partido mudou do Rio de Janeiro para São Paulo (MORAES, 2008).

Com essa feição, a NSDAP organizava-se com a direção central em São Paulo, cinco Círculos (Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e com os *Orstgruppen*, grupos locais de amplitude estadual ou municipal. Podemos mencionar também as microdivisões: geralmente de amplitude municipal, temos os *Stützpunkte* (pontos de apoio) e os *Blocks* (Blocos); as *Zellen* (Células) abrangiam, em regra, bairros das maiores cidades como São Paulo (DIETRICH, 2007a).

Assim, a estrutura hierárquica que permaneceu para a América Latina e o Brasil – a partir, aproximadamente, de meados da década de 1930 até 1938 – pode ser descrita da seguinte forma:

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942



Organograma 1: Estrutura hierárquica da NSDAP para a América Latina
Fonte: Moraes (1996, p. 66).

O Partido contava também com organizações paralelas a ele conectadas, as quais possuíam correspondentes na Alemanha: *Deutschbrasilianischer Jungendring* (Círculo da Juventude Teuto Brasileira)⁶, *Deutsche Arbeitsfront* (DAF - Frente Alemã do Trabalho), *Nationalsozialistische Frauenschaft* (Associação das Mulheres Nacional- Socialistas) e *Nationalsozialistische Lehrerbund* (Liga de Professores Nacional-Socialista) (MORAES, 2008). De modo genérico, essas instituições cumpriam as mesmas funções exercidas na Alemanha. A título de exemplo, a DAF, órgão de implantação do

6 Também conhecida como Juventude Teuto-Brasileira; pode ser considerada como braço da *Hitlerjugend* alemã (Juventude Hitlerista).

I – A NSDAP NO BRASIL

corporativismo nazista, mediava relações de trabalho nas fábricas alemãs, propunha atividades de lazer e recolhia donativos.

No total, o Partido reuniu em suas fileiras, aproximadamente, 2.900 filiados (DIETRICH, 2007a), na década de 1930, distribuídos de acordo com a tabela seguinte:

Tabela 1: Distribuição dos Filiados à Seção Brasileira da NSDAP por Estado⁷

UF	Nº
SP	785
SC	528
RJ	447
RS	439
PR	185
SR	137
MG	66
PE	43
ES	41
BA	39
MT	31
PA	27
GO	23
PB	21
AM	4
CE	4
AM	4
AL	1
SE	1
Total	2822

SR = Sem referência de filiação ou endereço.

Fonte: Moraes (1996).

⁷ A tabela elaborada a partir da dissertação de mestrado de Luis Edmundo Moraes indica um total de 2.822 filiados. Contudo, pesquisas mais recentes utilizam as cifras de 2.900 ou 2.903 partidários de acordo com as estatísticas da AO de 1937 (DIETRICH, 2007a; MORAES, 2005).

Esses números fizeram da seção brasileira da NSDAP a maior, fora da Alemanha. Sua estrutura organizacional, ‘grosso modo’ exposta acima, perdurou até 1938, quando, por decreto do governo federal, a NSDAP, até então sem ser incomodada pelas autoridades brasileiras, foi posta na ilegalidade. Discutiremos esse contexto quando falarmos da repressão policial ao Partido no Estado do Paraná (Cf. Capítulo III).

1.2 PERFIL DOS PARTIDÁRIOS

Para alguns autores das décadas de 1930-1940, como o jornalista Mário Martins e o Cel. Aurélio da Silva Py (1942), se fizéssemos um questionamento acerca das razões para a existência de organizações nazistas no Brasil, a resposta seria imediata: ‘devido às zonas de colonização alemã no sul do país’ (variando entre propostas ‘anexionistas’ ou ‘arregimentistas’).

A associação feita entre os alemães do Sul do país e o nazismo insere-se em um constructo ideológico, que tem sua origem no século XIX, entendido por alguns historiadores como ‘o mito do Perigo Alemão’. A ideia de ameaça germânica, salientada, sobretudo, pelos pensadores do ‘embranquecimento’ na Primeira República, visualizava as zonas de colonização teuta como entrave ao projeto de miscigenação, propugnado como solução no processo de europeização do país. Assim, os alemães, por não se misturarem com a população luso-brasileira e por manterem suas tradições, língua religião etc., formavam verdadeiros ‘quistos raciais’ inseridos no território nacional (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998; SEYFERTH, 2002).

As duas guerras mundiais serviram para reacender a ideia do perigo teuto, contudo, nesses momentos, associado a possíveis anexações e golpes internos, engendrados pelos ‘não-aculturados’. De outra forma, ganham cada vez mais vozes as ideias de que as colônias germânicas do Sul estariam impregnadas de interesses subversivos a longo prazo. Elas teriam se instalado no Brasil, desde o século XIX, com o intuito de construir uma Nova Alemanha, anexando, para tanto, o Sul do país. Com a política externa agressiva e expansionista dos nazistas, essa ideia atingiu seu ponto nevrálgico, momento em que pulularam formulações um tanto absurdas. Gertz sintetiza essa visão com um excerto irônico e interessante:

[...] os imigrantes alemães que vieram ao Rio Grande do Sul a partir de 1824 já naquela época eram portadores de instruções incisivas para que se distribuíssem estrategicamente pela região, que interligassem residências com túneis secretos e doutrinassem seus descendentes para sabotar a nação brasileira – tudo para facilitar o trabalho do messias que viria uns 110 ou 120 anos depois (GERTZ, 1989, p. 158).

Tais temores, às vezes fomentados pelos próprios governos, tanto na Primeira, mas, sobretudo, na Segunda Guerra Mundial, convinhavam para a conjuntura nacional, no sentido da construção de um projeto nacionalista, fomentando identidades e legitimando aparatos repressores.

Em certo sentido, é correto afirmarmos que a NSDAP visava alcançar os imigrantes, incluindo aqueles concentrados nas áreas de colonização do Sul. Entretanto, se modificarmos a questão, podemos melhorar nosso foco de observação: quem eram os nazistas da seção brasileira do Partido? A resposta não pode ser simplesmente: os alemães da zona de colonização do Sul. Parece-nos correto afirmar que o intuito era arregimentar

adeptos entre os imigrantes alemães – nesse sentido, comprova-se a afirmativa dos contemporâneos –, mas quais imigrantes efetivamente se inscreveram no Partido?

Os trabalhos de Luís Edmundo Moraes e René Gertz demonstraram que, para o estudo da NSDAP no Brasil, a simples relação ‘número de alemães = Partido Nazista’ é falha. Senão, teríamos no Rio Grande do Sul o maior grupo nazista, em nível estadual, fora da Alemanha. A relativização do conceito de ‘alemão’ é extremamente importante no que tange a essa questão. Qual o perfil dos alemães pertencentes à NSDAP? Pertencem a qual grupo social? Nasceram no Brasil ou vieram da Alemanha? De qual geração fazem parte? A partir dessas e outras questões abordadas por esses autores, podemos estabelecer, de forma geral, a feição dos militantes do Partido Nazista no Brasil, feição esta, que vai de encontro com os vários mitos propagados pela literatura jonalístico-policial da época.

De acordo com a perspectiva da ‘ameaça germânica’, às vésperas e durante a Segunda Guerra Mundial, a ‘Nova Alemanha’ abarcaria os três Estados do Sul e seria anexada ao *III Reich* com o auxílio da ‘imensa’ comunidade ‘germânico-nazista’ residente nesses Estados.

Utilizamos a frase anterior recheada de aspas porque essa fantasia quixotesca, que nos recorda até a figura do cavalo de Troia, causa a falsa impressão da existência de uma colossal organização tentacular nazista nos Estados do Sul.

Não obstante, de acordo com a historiografia, apenas 40% dos filiados à NSDAP/BR eram dos três Estados sulinos. Em contrapartida, apenas São Paulo e Rio de Janeiro preenchiam 44% das filiações, concentrando São Paulo o maior número de filiados (785), 28% do total nacional (MORAES, 1996).

Além desses números, outra característica que nos salta aos olhos – e que nos distancia mais ainda da visão de que as tradicionais, ‘mal aculturadas’ e isoladas colônias alemãs do Sul eram nazistas – é a concentração dos partidários em áreas urbanas, mesmo nos Estados do Sul. Para ficarmos em apenas um exemplo, no Paraná, do número de 185 filiados, 94 eram da capital, ou seja, 50,8% do total (Cf. Tabela 4). Essa característica se confirma para o caso paulista, de acordo com o estudo de Ana Maria Dietrich (2001) sobre o Partido Nazista naquele Estado: os nazistas, de forma geral, estavam ligados a atividades urbanas e mantinham vínculos, através de suas empresas, com a pátria-mãe.

Outro ponto de observação relativo ao perfil dos partidários é o setor profissional ao qual pertenciam. Ficou constatado, no âmbito nacional, que apenas 11% dos militantes ocupavam-se no setor primário e apenas 4,6% destes estavam localizados nos Estados do Sul. Deste modo, a maioria dos militantes estava ligada às atividades comerciais, industriais e de serviços (Cf. Tabela 2). Em todos os casos, o eixo Rio - São Paulo liderava no que se refere ao número de militantes nessas atividades (MORAES, 1996).

Quanto ao local de nascimento, temos que cerca de 93% do total nacional de filiados fazia parte do grupo dos chamados *Reichsdeutsche*, indivíduos de origem germânica, que têm como pátria natal a Alemanha. Quase inexistem teuto-brasileiros no Partido. Do total, apenas 2% nasceram no Brasil (MORAES, 2008).

Ligada a isso está a questão geracional, que igualmente nos auxilia na compreensão da feição dos militantes: 65% do total de filiados nasceram entre 1890 e 1909 (1850 indivíduos); destes, 1083 nasceram entre 1900 e 1909; os nascidos entre 1880 – 1890 somam 14%. Esses números, de acordo com Moraes (1996), demonstram que os membros do Partido pertenciam a uma geração relativamente

jovem (entre 25 e 35 anos), que teve contato direto ou indireto com a Grande Guerra (1914 – 1918).

Tabela 2: Filiados à NSDAP/BR por profissão (1930 – 1941)

PROFISSÃO	Nº
Operários especializados e não-especializados	509
Grandes comerciantes	506
Pequenos comerciantes	405
Agricultores	318
Industriais e técnicos com nível superior	249
Artesãos	211
Profissionais liberais	186
Professores	123
Servidores públicos e funcionários de banco	80
Pastores	53
Estudantes	26
Não especificado / sem profissão	156
TOTAL	2822

Fonte: Moraes (1996).

Temos, portanto, um perfil minimamente traçado dos nazistas no Brasil: jovens entre 25 e 35 anos, nascidos na Alemanha, que experimentaram de alguma forma a Primeira Guerra Mundial; ocupavam no país, em sua maioria, funções comerciais e industriais e pertenciam aos “setores médios urbanos, boa parte com formação profissional definida e empregados em grandes firmas e indústrias alemãs que se instalaram no Brasil” (MORAES, 1996, p. 160).

Tais indivíduos alimentavam constantemente a perspectiva do retorno ao *Vaterland*, diferentemente, por exemplo, dos imigrantes camponeses das regiões coloniais do Sul do país. Estes, por sua vez, organizaram suas vidas desde o início da colonização no segundo quartel do século XIX, firmando raízes mais fortes na ‘nova pátria’ além mar. Basta lembrarmos as políticas restritivas prussianas – principalmente da era Bismarck – relativas à emigração, que entendiam o emigrante como fugitivo e traidor da nação, portanto, não seria bem recebido se voltasse (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998, p. 22).

1.3 OBJETIVOS PARA A NSDAP/BR

Certamente a empreitada nazista no Brasil não escapou – e ainda não escapa – isenta de controvérsias e debates, tanto no meio acadêmico quanto dentro da sociedade⁸. O trabalho da NSDAP foi alvo de interpretações mirabolantes, escapistas e de inúmeras críticas, algumas das mais ácidas vindas de dentro da própria comunidade alemã, como abordaremos. Da ‘inocência alemã’ – recorrendo até a figura do desengonçado *Deutscher Michel*⁹ – à conspiração mundial nazista, as visões sobre a ação partidária dos *nazis* são abundantes entre os anos 1930 e 1940.

8 Recentemente, o lançamento de uma obra do ex-embaixador do Brasil em Washington, Sergio Correia Costa (2004), *Crônicas de uma guerra secreta*, trouxe ao público geral um mapa da América Latina no qual o continente estaria redefinido segundo as intenções da Alemanha Nazista. O furor causado pelo trabalho reacendeu, na mídia, a questão do nazismo no Brasil.

9 O *Deutscher Michel*, figura que personificava o alemão (assim como o *Uncle Sam* nos EUA), sobretudo no século XIX, foi por vezes caricaturado para retratá-lo como um ingênuo camponês atabalhoado.

Por mais ‘calor’ momentâneo que algumas obras puderam captar, não nos deteremos nos trabalhos dos contemporâneos, pois poucos escritos da época servem para fundamentar nossas assertivas acerca dos intentos nazistas – servem e serviram, outrora, mais para legitimar os empregos dos escritores¹⁰. Buscamos fundamento, portanto, na historiografia que trabalhou com o tema e que, com algumas divergências interpretativas, trata com mais respaldo documental a questão.

As justificativas da historiografia para a presença de núcleos da NSDAP em determinadas localidades (e não em outras) ainda são conflitantes. Teria o Partido, no Brasil, objetivos fixos a ponto de escolher lugares estratégicos, indicando assim intentos bem definidos? Ou os núcleos surgiram de forma ‘espontânea’, da iniciativa de particulares?

Acreditamos que não existem razões para abandonar uma proposta em função da outra, principalmente se levarmos em conta a cronologia da organização já exposta acima. Gertz demonstra como era relativamente fácil, nos primeiros tempos (meados dos anos 1920 até 1933), tornar-se chefe da NSDAP no exterior: “Em geral era nomeado dirigente partidário quem escrevesse uma carta para a Alemanha, apresentando-se como membro do partido” (GERTZ, 1987, p. 78). Este é o caso do Paraná, como apontaremos adiante.

Contudo, torna-se difícil pensarmos que a autorização para a instalação ou formalização de um núcleo não levava em

10 De forma geral, esses trabalhos de cunho jornalístico e/ou policial veem o nazismo no Brasil imbuído do intento de preparar a anexação do Sul à *Grossdeutschland* (Grande Alemanha). Seria, portanto, uma máquina extremamente eficaz, capaz de estender seus tentáculos sobre toda comunidade alemã, aparelhando, através da propaganda e espionagem, um imenso ‘cavalo de Tróia’.

consideração alguns critérios, principalmente a partir de 1933-34, quando as bases da organização nacional já estavam assentadas. Quais critérios? Temos alguns indícios relativos ao nosso estudo para o caso paranaense, contudo, torna-se difícil afirmarmos generalizadamente. Talvez a presença da AO, interferindo diretamente na Organização e ‘fundando’ definitivamente o Partido no Brasil, possa ser levada em conta para contrariarmos a adoção ‘pura’ da tese da ausência de diretrizes¹¹.

É importante fazermos uma ressalva no que diz respeito aos projetos nazistas para o Brasil. Faz-se necessária uma distinção entre a ação concreta do Partido e os ‘possíveis’ intentos da Alemanha nazista. Como afirma Bertonha: “há indícios de que Berlin nunca teve planos reais de invadir a América Latina ou de usar as comunidades alemãs do sul do Brasil ou da Argentina como quinta coluna” (BERTONHA, 2006, p. 7). Os interesses de Hitler, dos quais os historiadores têm respaldo concreto, direcionavam-se basicamente para conquista da Europa e do *Lebensraum* (espaço vital) na URSS. Qualquer especulação deve ser avaliada com cuidado, para não incorrerem nos mesmos erros daqueles que escreveram no fervor do momento. Robert Newton, ao trabalhar com a questão no nazismo na Argentina, sintetiza o problema:

Atualmente, há consenso entre os historiadores sobre o fato de que Hitler, a autoridade estratégica suprema da Alemanha, não teria nenhum interesse na Argentina ou na América em geral. Acerca disto, o registro historiográfico é confuso: neste caso, devido às afirmações que de vez em quando deixavam escapar integrantes do Partido Nazista sobre ambições mais amplas da Alemanha na América, também, a vontade dos

11 Gertz afirma que “até 1936 não é possível detectar absolutamente nada de uma estratégia na atividade nazista no Brasil. Pode-se por isso partir do pressuposto de que o que aconteceu até ali foi um desenvolvimento ‘espontâneo’ [...]” (GERTZ, 1987, p. 80).

jornalistas europeus refugiados de tomar tais afirmações ao pé da letra e a preferência de certos funcionários estadunidenses pelas especulações a respeito do pior dos futuros prováveis (NEWTON, 1995, p. 29).

Ainda acerca dos intentos do Partido, Marion Brepohl destaca o papel da AO na distribuição das diretrizes para a NSDAP no Brasil. A historiadora aponta alguns objetivos definidos para o trabalho partidário: contrapropaganda sobre os adversários do movimento, recrutamento de um ‘exército de reserva’ para o caso de conflito militar, arrecadação de recursos para o Partido na Alemanha, contribuição com informações para possíveis transações comerciais e apoio à política externa do *III Reich* (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998).

Brepohl (1998) também faz menção aos ‘dez mandamentos’ do *Auslandsdeutscher*, uma lista de recomendações que a AO indicava como procedimento padrão para súditos no exterior. No impresso intitulado *Was Du als Nationalsozialist im Ausland zu beachten hast* (O que você como nacional-socialista no exterior deve observar) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938g, tradução nossa) encontramos as seguintes instruções:

1. Respeite as leis do país em que te hospedas. / 2. Deixe que a política do país hospedeiro seja feita pelos seus habitantes. A política interna de um país estrangeiro não te interessa. Não se misture nela, nem sociavelmente. / 3. Professe-se sempre e em toda parte como um partidário. / 4. Fale e aja sempre de modo que seja honrado o movimento nazista e dessa forma a nova Alemanha. / 5. Veja em cada alemão de fora teu camarada, uma pessoa do teu sangue, tua índole e da tua essência. Dê a ele a mão sem olhar sua situação. Somos todos administradores do nosso povo. / 6. Ajude de coração teu camarada alemão mesmo sem ser solicitado, quando ele estiver imerecidamente na miséria. / 7. Não seja apenas membro, mas também camarada em armas na linha de frente.

Informe-se rigorosamente sobre o caráter, o conteúdo e datas do nosso movimento. / 8. Construa e lute dia a dia a união de cada alemão honesto em nosso movimento. Convença-os da necessidade da nossa vitória, para que a Alemanha continue viva! Lute com armas espirituais. / 9. Leia o estatuto do nosso partido, nossos informativos e livros. / 10. Aproxime-se dos partidários que lhe estão próximos. Estabeleça lá um ponto de apoio ou um grupo local e seja ele disciplinado e colaborador. Não se envolva em nenhuma briga, ao contrário faça todo esforço para impedir qualquer conflito que se inicie¹².

Os itens 1 e 2 demonstram a ampla visão da AO sobre a situação local da NSDAP, após as primeiras experiências com a Organização. As recomendações quanto à maneira de agir dos nazistas no exterior reflete mais um cuidado interno, no sentido de não atrair transtornos na obra do Partido, do que ausência de subversividade¹³.

12 1. Befolge die Gesetze des Landes, dessen Gast du bist. 2. Die Politik Deines Gastlandes lasse dessen Bewohner machen. Dich geht die Innen-Politik eines fremden Landes nichts an. Mische Dich nicht in diese, auch nicht gesprächsweise. 3. Bekenne Dich stets und überall als Parteigenosse. 4. Sprich und handle stets so, daß Du der nationalsozialistischen Bewegung und damit dem neuen Deutschland ehre machst. 5. Sieh' in jeden Deutschen draußen Deinen Volksgenossen, einen Menschen Deines Bluts, deiner Art und Deines Wesens. Gib ihm die Hand ohne Ansehen seines Standes. Wir sind alle „Schaffende“ unseres Volkes. 6. Hilf von Herzen und unaufgefordert Deinem Deutschen Volksgenossen, wenn er unverschuldet in Not geriet. 7. Sei nicht nur Mitglied, sondern auch Mitkämpfer in vorderster Linie. Unterrichte Dich genau über Wesen, Inhalt und Zeit unserer Bewegung. 8. Werbe und kämpfe Tag für Tag um den Beitritt jedes ehrlichen Deutschen in unsere Bewegung. Ueberzeuge ihn von der Notwendigkeit unseres Sieges, auf daß Deutschland weiter lebe! Kämpfe mit geistigen Waffen. 9. Lies unser Parteorgan, unsere Druckschriften und Bücher. 10. Schließe Dich den Parteigenossen in Deinem Aufenthaltsort an. Besteht dort ein Stützpunkt oder eine Ortsgruppe, so sei ihr ein disziplinierter und rühriger Mitarbeiter. Stifte nicht nur keinen Streit, sondern sei mit allen Kräften bemüht, aufkommende Uneinigkeiten zu schlichten.

13 O conceito de subversividade aqui utilizado não se baseia no entendimento comum do termo, ou seja, uma atuação ordenada, realizada por agentes internos, que objetivam demolir um sistema político, econômico ou social. Caracterizamos como subversivas as ações de insubordinação contra instituições, leis e regras estabelecidas pelo governo brasileiro, bem como qualquer tentativa de ganhar influência entre os governos nacional e estadual. Sobre essa discussão, ver Seitenfus (2003).

O que podemos depreender dessas instruções é que a empreitada dos partidários tinha objetivo fixo, que não incluía a política brasileira ou arregimentação dos luso-brasileiros para as fileiras do Partido. Como aponta Moraes:

[...] nunca houve qualquer indício que demonstrasse o seu interesse em participar do jogo político brasileiro, buscando conquistar, através de pleitos eletivos, cargos ou mesmo funções em espaços formalizados de gerência do Estado ou mesmo ao [sic] nível legislativo (1996, p. 120).

Como já afirmamos acima, o nazismo era ‘para’ os alemães. Consequentemente, além das mencionadas diretrizes, havia outras que proibiam os militantes de propagar seus ideais aos estrangeiros.

O acesso às fileiras do Partido Nazista era exclusivo dos *Reichsdeutsche* (alemães natos), o que não significa que os ‘peixes’ teuto-brasileiros fígados foram lançados fora. A adesão de grupos *Völkdeutsche* – alemães nascidos no exterior – ao nazismo gerou situações conflituosas frente aos governos dos países hospedeiros.

Nesse sentido, um memorando escrito na reunião dos chefes de missão do Ministério do Exterior Alemão na Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, em julho de 1938, sugeriu “*uma separação orgânica dos nacionais alemães e dos Völkdeutsche [...]. Os Völkdeutsche, em princípio devem ter suas próprias lideranças*” (RELATÓRIO..., 1968, p. 105, grifo nosso). Não podemos esquecer que, no Brasil, este é o momento de início da repressão aos partidos estrangeiros e, logo, os conflitos se acirraram, o que também serve para justificar o conselho de ‘separar’ (porém, não abandonar) os *Völkdeutsche* dos *Reichsdeutsche*.

I – A NSDAP NO BRASIL

Contrariando a tese de que a NSDAP tinha pouca ou nenhuma objetividade no seu trabalho no Brasil, Brepohl analisou uma série de textos que circularam entre 1932 e 1936, direcionados à elite do Partido, com o intuito de coordenar a ação partidária:

Os textos citavam as regiões de concentração da população teuta do mundo inteiro, traçavam seu perfil sócioeconômico, político e cultural, o número de associações étnicas existentes, suas principais datas festivas e periódicos, bem como a dificuldade que enfrentavam em face da legislação vigente no país de hospedagem [...] as células da NSDAP instalar-se-iam em regiões onde se observasse uma homogeneidade cultural, política e ideológica em torno da causa germânica. Para estas regiões seriam enviadas pessoas com variadas especializações profissionais e que pudessem rapidamente conhecer o campo em que iriam atuar (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998, p. 140).

Seitenfus vai além e postula uma organização da NSDAP/BR muito bem estruturada quanto aos desígnios. Segundo o autor, o Brasil tinha razões para temer o movimento hitlerista e, nos primeiros tempos (1929-1938), o Governo não deu a devida atenção ao avanço do Partido. A partir de 1934, com a ascensão de Hans Henning von Cossel à liderança nacional e sob o comando direto de Berlim, os nazistas colocaram em prática “um impressionante sistema de infiltração e de propaganda entre os alemães do estrangeiro, [aumentando] sensivelmente suas atividades, tornando-as ostensivamente subversivas e anti-brasileiras” (2003, p. 30).

Dentro desse ‘impressionante sistema’ de propaganda, o autor destaca a utilização das escolas germânicas pelo nazismo (através de subsídios e materiais vindos da Alemanha), como instrumento

de propagação do ideário entre a comunidade teuta, e reafirma o atraso do Governo brasileiro em perceber a situação.

A abordagem de Seitenfus levou em consideração a influência Alemã no Brasil, na década de 1930, de forma ampla. Nesse sentido, concordamos com o autor ao visualizar o peso que a Alemanha representava para as relações econômicas e políticas do país na Era Vargas. Como exemplos, podemos citar o amplo domínio que os capitais germânicos tinham sobre as comunicações aéreas no país e até mesmo a considerável presença de alemães na região Sul.

Não obstante, a historiografia tende a visualizar a Seção Brasileira da NSDAP fora da órbita da grande ameaça à integridade do país. Além do mais, se esteve a ponto de sê-la, a repressão, a partir de 1938 e, mais intensamente, a partir de 1942, eliminou qualquer possibilidade. Sem dúvida, a NSDAP/BR não controlava as linhas aéreas e nem as colônias do Sul do país. Portanto, faz-se necessário levantarmos essa reflexão que separa o que temos chamado de NSDAP/BR (Seção Brasileira do Partido Nazista) e o *III Reich* como um todo.

Todavia, no que tange especificamente aos objetivos e a ação do Partido, o próprio Seitenfus coloca:

As atividades da NSDAP são variadas e numerosas. Paralelamente à organização do lazer, esportiva e benemerente, acrescentam-se ações francamente subversivas e antibrasileiras, o boicote social e econômico dos opositores, os exercícios paramilitares, as saudações hitleristas e as cerimônias de juramento de fidelidade ao III Reich. *Na verdade, a NSDAP visa apenas à identificação total dos alemães no exterior com as diretrizes de Berlim, ao agrupamento dos brasileiros de origem alemã e dos cidadãos alemães que vivem no Brasil e sua adesão à doutrina nacional-socialista* (2003, p. 33, grifo nosso).

Os trabalhos de Moraes e Dietrich, por objetivarem o estudo específico do Partido, trazem definições mais empíricas acerca dos objetivos partidários. De outra forma, esses autores procuraram mostrar, por meio de dados, aquilo que o *Partido* objetivou e efetivamente conseguiu empreender. Sem dúvida, algum militante e/ou contemporâneo sonhou com a ‘Alemanha Antártica’, com o ‘Cavalo de Troia’ e até mesmo, mais modestamente, com um partido muito bem organizado e unido em objetivos e ações.

Entretanto, essas abstrações não se materializaram, e aquilo que seria talvez ‘automático’ transformou-se em conflito. Estamos falando a respeito de um dos objetivos que Moraes propõe para a pauta da NSDAP/BR: a disputa pela legitimidade na direção da comunidade alemã.

Começemos a tocar neste assunto com uma citação extraída de uma carta de protesto da ‘colônia alemã’ de Curitiba contra a NSDAP – sobre a qual nos debruçaremos no segundo capítulo:

Agora, porém, aparece a N/S/D/A/P e quer impôr a toda a manifestação da colônia seu selo e cunho de partido; qualquer organização e instituição [com a] alma germânica aqui eles querem meter com sangue frio debaixo do tacão de suas botas. Os que criaram estas cousas aqui são brasileiros – de descendência alemã – e alemães nativos, que já há muito estão no país. Nós criamos estas cousas muito antes da época de Adolf Hitler. E não temos absolutamente nada que vêr com a N/S/D/A/P [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

Quando abordamos o mote do perfil dos partidários da seção brasileira do Partido Nazista, verificamos que quase a totalidade dos militantes era formada por *Reichsdeutsche*, que, de alguma forma, haviam experimentado os dissabores da Grande Guerra. Entretanto, observando esta carta é possível constatar que os

personagens referidos são outros. A ‘colônia alemã’ de Curitiba é aqui apresentada sendo composta por teuto-brasileiros e alemães natos ‘que já há muito estão no país’. São, portanto, os ‘criadores’ da comunidade ‘muito antes da época de Hitler’. O autor do documento estava se referindo às famílias de imigrantes do século XIX, das quais são descendentes, fundadoras das sociedades, clubes e organizações teutas do Paraná.

Fizemos questão de mencionar esse documento para analisarmos a dificuldade da empreitada da NSDAP. Aparentemente natural, na lógica nazista e no calor do momento: a Alemanha humilhada e destruída pela guerra se reergue sob a sombra da suástica. ‘O Nacional-socialismo salvou a nação’. Estado e Partido se fundem e a coerência é: todo alemão deve ser nazista. Por esse raciocínio, a receptividade da comunidade germânica deveria ser completamente diferente daquela contida no protesto. Entretanto, a ação partidária imbuída dessa presunção e truculenta na tentativa de impor tal lógica gerou manifestações de repúdio aos militantes e ao Nacional-socialismo, como a da carta acima.

Por se sentir no direito de gerenciar os assuntos relativos à comunidade alemã – incumbência antes concentrada nos órgãos diplomáticos e em organizações de caráter étnico não-estatais –, a NSDAP, de forma geral, tentou impor uma política elitista e excludente nos meandros das instituições germânicas existentes no país desde o século XIX (GERTZ, 1987). Essas instituições tinham pouco ou nenhum vínculo com o Estado alemão. Como afirma Moraes:

não se trata de uma seção ou uma organização estatal ou partidária. Este tipo de sociedade, ao contrário, constituída no Brasil a partir de tipos dos mais diversos de iniciativa era

I – A NSDAP NO BRASIL

juridicamente autônoma em relação ao Estado e a organizações congêneres na Alemanha (1996, p. 132).

Não raras vezes, vamos observar conflitos no interior dos clubes e das sociedades germânicas entre as lideranças da NSDAP e membros da comunidade alemã. Obviamente, esse padrão não pode ser verificado em todas as localidades. Dependendo das circunstâncias, as portas estavam abertas para a ‘nazificação’.

Em síntese, pensamos ser esse um objetivo imposto pela práxis: inicialmente, viam-se como líderes da comunidade alemã, uma vez que, sob seu próprio ponto de vista, ‘constituíam o Estado alemão (*Führerstaat*) e a nação alemã’; posteriormente, obrigaram-se a disputar essa hegemonia contra os cultivadores do germanismo secular¹⁴.

Devemos também lembrar que o repúdio à ação da NSDAP/BR entre a comunidade alemã, na década de 1930, não significava automaticamente, como na carta acima, repúdio ao nazismo como projeto político de sucesso na Alemanha. De acordo com Gertz (1987), um número muito acima dos 2.900 alemães filiados poderia ser incluído na ampla categoria de ‘simpatizantes’ (o autor chega a citar a cifra de 80% dos teutos). O ódio contra os ‘partidários’, como eram chamados, vinha, muitas vezes, da truculência com que agiam no seio dos grupos germânicos, utilizando-se de preconceito e pressões multiformes. Na mesma carta, podemos ler:

14 Não significa que germanismo e nazismo sejam excludentes em todos os casos. Pelo contrário, Brepohl e Gertz demonstraram como parte dos cultivadores do *Deutschtum* vislumbrou no nazismo um (re)florescimento da germanidade. Sobre o assunto, ver Gertz (2000) e Brepohl de Magalhães (1998).

O grupo local daqui da N/S/D/A/P soube organizar uma tal espionagem e mexerico e escarafunchamento dos sentimentos na colônia alemã, que a liberdade de opinião deixou de existir aqui tão bem como na Alemanha [...]. Se é possível alcançar a união desejada, fustando deste modo as opiniões e boicotando ao mesmo tempo economicamente os outros, para nós parece duvidoso [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, DOPS, 1936b).

Ainda sobre os objetivos partidários, Dietrich assevera que, antes da existência de uma coordenação central, o Partido Nazista tencionava combater o comunismo e apoiar a eleição de Hitler na Alemanha (2007a). Após a centralização, com a coordenação da AO,

outros fins foram se agregando: a propaganda das idéias nacional-socialistas centradas principalmente nos discursos de Hitler, a formação de uma juventude hitlerista, a criação da Grande Comunidade Nacional (*Volksgemeinschaft*) de alemães residentes além da fronteira do *Reich* e, finalmente, repatriamento dos alemães que aqui moravam através de incentivos de trocas de câmbio favoráveis (DIETRICH, 2004, p. 1).

Vários autores consideram como um dos intentos mais relevantes da ação da NSDAP no Brasil a propaganda partidária, centrada na ideia da formação da *Volksgemeinschaft*. Em outras palavras, a propaganda nazista buscava, no seu âmago, conservar ou construir os laços de nacionalidade, que mantinham os alemães unidos, mesmo estes estando fora da terra natal.

Nas diretivas da AO, citadas supra, podemos encontrar: “Veja em cada alemão de fora teu camarada, uma pessoa do teu sangue, tua índole e da tua essência. Dê a ele a mão sem olhar sua situação. Somos todos administradores do nosso povo”. E ainda: “Construa e

lute dia a dia a união de cada alemão honesto em nosso movimento. Convença-os da necessidade da nossa vitória, para que a Alemanha continue viva!” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938g, tradução nossa).

Para tal tarefa, o Partido utilizava, na maioria das vezes, materiais de propaganda em português e alemão – impressos na Alemanha ou mesmo no Brasil. Outro método eram as reuniões privadas, para discutir a doutrina entre os cabeças ou para conquistar novos adeptos; ou reuniões públicas: festividades, geralmente relacionadas ao Partido ou a datas comemorativas na Alemanha, como o 1º de maio (MORAES, 1996). Além disso, alguns periódicos da chamada imprensa teuto-brasileira, como os jornais *Deutsche Zeitung* (RS) e o *Deutscher Morgen* (SP), também eram canais de propagação da ideologia nazista.

Podemos então, grosso modo, definir dois grandes objetivos – estes efetivamente empreendidos de alguma maneira – no que concerne à ação da Seção Brasileira do Partido Nazista: (1) a construção/manutenção da *Völksgemeinschaft*, no sentido de unir os alemães do exterior dentro do constructo de nacionalidade, com características definidas pela doutrina nacional-socialista; (2) como consequência do primeiro, a peleja para alcançar o domínio sobre as comunidades alemãs espalhadas pelo país; obra que, como vimos, esteve longe de ser sem embaraços e bem sucedida na sua totalidade.

Dietrich ainda afirma que

no âmbito internacional, o partido visava incentivar as relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a Alemanha por intermédio dos partidários presentes na Embaixada e representações consulares da Alemanha no Brasil (2007a, p. 55).

Ainda que de passagem, podemos mencionar a questão da espionagem, que aparece com recorrência, principalmente na literatura jornalístico-policial dos anos 1942 – 1945. Atualmente, com trabalhos como os de Stanley Hilton (1983) e Priscila Perazzo (1999), sabemos que raras vezes membros da Seção Brasileira da NSDAP trabalharam em serviços de espionagem para o *III Reich*. Quando isso acontecia – geralmente nos anos beligerantes, quando já havia se iniciado a caça aos nazistas no Brasil – as ligações do espião sempre eram diretas com a *Abwehr* (o serviço de inteligência militar alemão), não passando pela pauta do Partido as ações de espionagem. Cabe lembrar que, se o Partido se propusesse a tal trabalho, estaria entrando em conflito com a própria *Abwehr* (especializada e responsável por esse assunto na hierarquia do *III Reich*) e com as diretrizes da AO.

Temos traçadas, portanto, as linhas gerais da feição da seção brasileira do Partido Nazista. Como afirmamos no início, não é nosso intuito esmiuçar todos os aspectos dessa Organização. Alguns trabalhos já fizeram reconhecidos levantamentos dessa estrutura. Debruçaremos agora a atenção sobre a questão da ação nazista no Estado do Paraná. Intentamos, a partir de agora, confrontar esse perfil desenhado até aqui com o caso paranaense, no intuito de verificar por quais caminhos os nazistas no Paraná operaram. Em um último momento, nosso foco se fixará no desmonte dessa estrutura partidária e, a reboque, na perseguição policial aos ‘alemães’ no Estado.

CAPÍTULO II

A NSDAP NO PARANÁ

No ano de 1942, o renomado jornalista Mário Martins cobria os eventos do conflito mundial na Inglaterra, quando foi congratulado por um funcionário do *Foreign Office* devido à publicação recente de uma obra jornalística. Verificando o engano cometido pelo inglês, Martins afirmou que jamais publicara qualquer obra com o título que lhe fora apresentado: *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*; publicara, sim, uma série de reportagens sobre a infiltração nazista nos Estados do Sul, que recebia o mesmo título. A insistência dos britânicos levou o autor a ser presenteado: pasmo, Martins recebeu em mãos a obra *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*, de sua autoria – como lhe haviam afirmado. O *Foreign Office* tinha vários exemplares (MARTINS, 1996).

O livro havia sido editado pelo governo do Estado do Paraná sem qualquer consulta ao autor. Para tanto, foram reunidas as reportagens que Martins publicou no jornal curitibano *O Dia*. Possuía no seu término uma separata intitulada *A infame trama nazista no Paraná*, que relatava, jornalisticamente e num tom de denúncia, os espaços de ação e as estratégias de penetração da NSDAP no seio da comunidade alemã paranaense.

Escritas no início da Campanha de Nacionalização imposta pelo governo Vargas e pela iniciativa de alguns governos estaduais – 1938, numa escala nacional –, as reportagens de Martins pretendiam demonstrar à população a ameaça do Partido Nazista nas regiões de concentração teuta no Sul do Brasil. Não tardou para que o tom acusatório de manchetes como *Reich rouba jovens do Brasil*, *Tropas nazistas no Brasil*, *Salvemos as nossas crianças se transformasse em panfleto contra o ‘quinta-columismo’*, por intermédio da iniciativa autoritária do governo Manoel Ribas, no Estado do Paraná.

O prefácio da obra, elaborado pelo irmão de Mário, o historiador paranaense Romário Martins, traz apelos patrióticos, assim como boa parte de seu conteúdo, conclamando os brasileiros a cumprirem um ‘dever perante a nossa Pátria’, em face à ‘traição’ que estava sendo engendrada no Sul do país:

O nosso país estava sendo trabalhado por forças que subrepticamente aqui preparavam o momento em que seríamos vizados pelas mesmas armas que agrediram povos de todos os continentes, na mais cruel e odiosa das conquistas. [...]. Quem manifestar dúvida sobre a existencia dessa traição, já é por isso mesmo dissimulado traidor da defesa do Brasil [sic] (MARTINS, [1942], p. 6).

Como já indicamos no capítulo anterior, esse tipo de literatura acreditava em uma tramoia nazista para tomar os Estados do Sul através da grande comunidade teuta ali localizada. Do mesmo modo, as reportagens de Martins direcionadas à questão do nazismo no Paraná apontam para essa perspectiva e maximizam o tema. No entanto, tendo acesso a documentos apreendidos pela polícia política do Paraná, o autor traz valiosas informações sobre a organização do *Kreis* (Círculo) paranaense do Partido, o que nos serviu como um dos pontos de partida para pensarmos as questões-chave deste livro: qual a dimensão da atividade nazista no Paraná? Por quais meios a NSDAP atuou? Enfim, houve uma ‘infame trama nazista no Paraná?’

Antes de responder a tais questionamentos e como preâmbulo para o tema central, faz-se necessário o apontamento de alguns aspectos e números acerca da imigração alemã para o Sul do Brasil e especificamente para o Paraná.

2.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO PARANÁ

O Brasil foi o segundo país da América em número de imigrantes alemães, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. A concentração desses imigrantes se deu principalmente na região Sul do país, merecendo destaque os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

De acordo com Marion Brepohl (1998), a primeira fase da imigração teuta para o sul corresponde aos anos 1824-1870. Nesse período, tanto o estímulo do Governo Imperial brasileiro quanto a iniciativa de interesses regionais fomentaram esse processo. Como exemplo, no caso do Rio Grande do Sul, Estado que mais recebeu imigrantes dessa etnia, destacamos o intento dos pecuaristas interessados no desbravamento das regiões e na formação de um mercado consumidor. Em geral, esses imigrantes ‘recebiam’ pequenos lotes de terras com o fito de trabalharem na lavoura, evitando, dessa forma, a concentração fundiária.

Nessa mesma fase, podemos observar uma subcorrente migratória que corresponde ao ano de 1848, ligada à derrocada dos movimentos liberais na Confederação Germânica. No bojo desse movimento, vieram para o Brasil indivíduos mais ligados à vida urbana, como intelectuais, artesãos e operários.

De forma geral, os imigrantes dessa primeira etapa não se mantiveram inteiramente ausentes da política e, muito menos, enclausurados nas regiões rurais de colonização. Por se apresentarem poucas perspectivas de regresso à Europa, alguns alemães deslocavam-se para áreas urbanas em busca de novos horizontes, além de requisitarem continuamente maior possibilidade de acesso aos assuntos públicos.

Gertz demonstrou a participação política dos teutos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul e com relação ao berço da presença alemã no Brasil, São Leopoldo – RS, o autor afirma: “o impulso para que os teutos finalmente conquistassem uma certa influência política, ao menos no plano local, é tradicionalmente atribuído à ‘geração de 1848’” (1987, p. 81).

A segunda fase caracteriza-se pela chegada de grandes levas de imigrantes da Alemanha pós-unificada; indivíduos mais ligados ao seu lugar de origem e zelosos pela manutenção da cultura. Criaram aqui o costume de se associarem com finalidades variadas: de sociedades de auxílio mútuo a grupos de cantores. Segundo Brepohl, “em Curitiba, por exemplo, entre 1856 e 1926, são fundadas cerca de cinquenta entidades, algumas de vida efêmera, outras de mais longa duração” (1998, p. 33); para o ano de 1929, Helmuth Abeck (1980) registrou a existência de mais de uma centena. Constantemente, essas associações assumiam um caráter paraestatal, tomando conta de questões referentes à vida da comunidade alemã, nas quais o Estado não atuava.

O contexto da virada do século até a Segunda Guerra Mundial representou outro impulso na imigração germânica para o Sul do país. A valorização do trabalhador branco e livre, em oposição ao ex-escravo negro, e as ideias de ‘branqueamento’ da população inseriam-se no discurso contemporâneo para incentivar o movimento migratório.

Na ordem do dia, contudo, também estavam as necessidades de mão de obra para os grandes centros, bem como o imperativo de se suprir o problema do abastecimento – daí a continuidade da distribuição de pequenos lotes agrícolas aos imigrantes nas áreas rurais. Com essa política de incentivo à imigração – até mesmo quando não faltavam mais braços – formava-se também um exército

II – A NSDAP NO PARANÁ

excedente de mão de obra, extremamente útil para o controle dos trabalhadores e do valor dos vencimentos (HALL, 1969).

No entreguerras, os imigrantes *Neudeutsche* (como eram chamados os alemães dessa última corrente) ampliaram o interesse pela prática associativa, iniciada no século XIX, contudo, fortemente imbuídos de um princípio unitário étnico, “visto não apenas como um fator cultural, mas político” (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998, p. 41).

Os números sobre a imigração teuta no Brasil são controversos, por ser controverso o próprio conceito de ‘alemão’ que eles carregam. As estatísticas dos censos nacionais não levavam em conta a origem étnica, mas, sim, o nascimento. Dessa forma, apenas alguns dados, extraídos de outras fontes, como o idioma falado, podem nos revelar a real proporção da população de origem alemã.

Gertz (1987) estabelece uma comparação entre o censo nacional e outros números de autores contemporâneos, principalmente alemães ou teuto-brasileiros. No século XX, o maior surto imigratório se dá entre os anos 1920 e 1929, quando, segundo o autor, podemos contar a entrada de 75.839 imigrantes teutos no Brasil, em contraste com os números na casa dos 20.000 no decênio anterior e posterior. A Primeira Guerra Mundial e seus efeitos destacam-se como os principais fatores que acarretaram esse surto.

Com relação aos três Estados do Sul, podemos mencionar para os anos 1930, contando imigrantes e descendentes: entre 520.000 e 600.000 para o Rio Grande do Sul, 220.000 e 275.000 para Santa Catarina e entre 70.000 e 126.000 no Paraná (GERTZ, 1987). No caso paranaense, o número de alemães corresponde a 6,9% e 12,4% da população total, respectivamente, sendo que os números do

censo de 1940 – que não levam em conta a descendência – apontam para 12.343 alemães residentes no Estado¹⁵.

No Paraná, foi a etnia alemã que inaugurou a presença de imigrantes. O primeiro registro se deu na região de Rio Negro, para onde teriam imigrado algumas famílias, em 1829, pela iniciativa de João da Silva Machado, o Barão de Antonina.

Existem registros da presença alemã em Curitiba e na região de Ponta Grossa, em meados do século XIX, fruto de novas iniciativas do Governo Imperial e da migração interna, principalmente da Colônia Dona Francisca, futura Joinville, Santa Catarina. Em Curitiba, os teutos adquiriram paulatinamente lugar de destaque nas atividades comerciais e mesmo na produção de erva-mate, chegando, na *Belle Époque*, a dominar alguns ramos da indústria e comércio (NADALIN, 1999).

Contudo, é a partir da virada do século que encontramos maior esforço do poder estadual para a ocupação do território paranaense por meio da mão de obra dos imigrantes, com destaque para os alemães. Mesmo que no discurso xenófobo das décadas de 1920 e 1930 a imigração patrocinada pelo Estado seja rechaçada, é notável o incentivo propagandístico ao ingresso de indivíduos por iniciativa particular (BREPOHL DE MAGALHÃES, 1998).

Werner Aulich (1953) dá destaque a algumas ondas migratórias em pormenorizado estudo sobre as origens do elemento teuto no âmbito estadual. De acordo com o autor, entre fevereiro e setembro de 1829, teriam chegado 51 famílias alemãs ao território onde se localiza Rio Negro – quatro anos depois vieram mais dez famílias. A partir de 1851, é possível perceber um movimento de migração

15 Os dados de Gertz (1987), extraídos de fontes germânicas, tomam o conceito de ‘alemão’ em sentido mais amplo, considerando a descendência. Por isso as cifras diferem com relação ao censo de 1940.

interna desde Santa Catarina, principalmente de Joinville (Colônia Dona Francisca). A partir de 1856, observamos a vinda das primeiras famílias de Roemerstadt (Norte da Merovíngia), movimento que permaneceu por força de outras levas até o fim do século.

Ainda segundo Aulich (1953, p. 12), entre 1877 e 1879, “alguns milhares de elementos germânicos” vieram do Rio Volga, Rússia, e, no mesmo período, cerca de 100 famílias da Bukovina, que se fixaram principalmente na região da Lapa; no biênio 1907/1908, entre imigrantes holandeses, poloneses, rutenos, vieram algumas centenas de famílias alemãs; porém, o maior surto concentrou-se entre 1920 e 1935, motivado pelos acontecimentos bélicos na Europa.

Quanto à assimilação desses indivíduos à sociedade paranaense (leia-se luso-brasileira) no limiar da década de 1930, as fontes são escassas. Se tomarmos a utilização da língua alemã como referência, os dados do geólogo Reinhard Maack, citados por Gertz (1987), indicam que, aproximadamente, 71.000, do total de 126.000 alemães do Paraná, ainda falavam o alemão regularmente; 40.000 não tinham nenhum conhecimento acerca do idioma dos pais.

Enfim, temos para a década de 1930 uma paisagem composta por forte presença de imigrantes alemães que vieram para o Paraná em várias levas imigratórias desde o século XIX. Como já citamos, os números variam de 70.000 a 126.000 alemães e descendentes que residiam no Estado.

Essa paisagem deve ser completada, levando-se em conta a importância desses indivíduos para o ‘desbravamento’ das regiões inóspitas e suas posições na sociedade urbana paranaense. Sem dúvida, podemos afirmar que o crescimento econômico verificado em Curitiba, a partir da segunda metade da década de 1930, tem acentuada participação dos teutos, que ocuparam postos de destaque

na indústria e no comércio; em certos casos, controlavam ramos inteiros desses setores. Entre 1920 e 1929, por exemplo, 45,3% das empresas curitibanas registradas na Junta Comercial do Paraná eram de responsabilidade de alemães (SOUZA, 2002).

Regina Maria S. Souza, em dissertação de mestrado, mostra que, em 1932, o jornal *Gazeta do Povo* se referia à população imigrante como parte de um ‘futuro promissor’ para Curitiba: “a reportagem utilizava-se da imagem do elemento estrangeiro como mão de obra ‘farta’ e os alemães, como portadores de requisitos diferenciados, inatos, empreendedores [...]” (2002, p. 19).

Entretanto, por compartilhar a tendência associativa, fundando clubes, escolas, jornais e sociedades ‘fechadas’ de caráter étnico-cultural (sem falar nas colônias agrícolas do interior), os teutos foram vistos com certa desconfiança desde fins do século XIX, sobretudo, para os adeptos da ideia da miscigenação embranquecedora. Essa percepção, como já assinalamos, via os agrupamentos germânicos como ‘quistos raciais’ inseridos na sociedade. Tal ponto de vista acerca dos alemães se acentua quando ocorre a ascensão do nazismo e o início da ação da NSDAP no âmbito estadual. Nesse sentido, jornalistas do fim da década de 1930 referiam-se à chegada do nazismo ao Paraná, como perfeito encaixe entre ideias de Hitler e “a tendência alemã para o fanatismo” (MARTINS, [1942], p. 103).

Dessa forma, bem ou mal, é pouco provável que qualquer observador da década de 1930 descrevesse o Paraná sem falar do elemento germânico. É nessa paisagem que se insere o movimento político do Nacional-socialismo. Vitorioso na terra natal dos imigrantes ou de seus pais, o nazismo, corporificado no Circulo Paranaense da NSDAP, colocou-se como representante de toda uma bagagem histórica da comunidade alemã no Estado. Essa intervenção se deu através de determinados canais, os quais tentaremos examinar a partir de agora.

2.2 O INÍCIO DA ORGANIZAÇÃO DA NSDAP/PR

Observado o cenário paranaense no que concerne à imigração alemã, iniciaremos o estudo da organização partidária. Nossa postura diante da NSDAP na circunscrição do Paraná, como objeto de estudo, é avaliar os intuitos, procedimentos e resultados do trabalho de *mediação política* entre os alemães (BERSTEIN, 2003). De outra forma, tentaremos apontar os canais utilizados pelo Partido para alcançar seus objetivos e ponderar os resultados obtidos, em uma tentativa de desmitificar os discursos dos agentes envolvidos, tanto na construção quanto no desmanche do Círculo Paranaense do Partido Nazista.

A documentação aqui trabalhada reporta-se à NSDAP/PR entre os anos 1933 e 1942, respectivamente, o ano da fundação do núcleo e o ano da *caça às suásticas* no Paraná, tomando emprestado o termo utilizado por Dietrich (2001). Adotaremos essa temporalidade dividida em dois subperíodos: o primeiro abrange da fundação do Partido (1933) até a Campanha de Nacionalização empreendida pelos governos estadual e federal (1938); o segundo vai deste último marco até o período da perseguição aos nazistas, efetivada a partir da tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942 (cf. Capítulo III).

No primeiro capítulo, discutimos a questão da voluntariedade¹⁶ no que tange ao surgimento dos núcleos nazistas em determinadas regiões. De acordo com essa perspectiva, os embriões estaduais e/ou municipais do Partido teriam surgido da iniciativa particular de

16 O conceito aqui empregado se refere à ausência de qualquer coordenação inicial da NSDAP Alemã no surgimento dos primeiros núcleos além-Reich.

um ou mais indivíduos, que enviavam correspondência a Berlim, para efetivar o registro da liderança partidária naquela região. Ora, no caso paranaense, se não perfeitamente, encontramos, pelo menos, alguns aspectos desse padrão no processo de construção do núcleo local.

Na documentação da DOPS, a trajetória da NSDAP/PR, no período 1933-1938, confunde-se com as iniciativas de seu líder máximo e fundador: Werner Hoffmann, homem visto como responsável pelo ‘sucesso’ do Partido no Paraná, conseguindo atrair para a órbita nazista “toda a colônia alemã [de Curitiba] composta de vinte e cinco mil almas” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Independente de todo discurso produzido pela polícia e pelo próprio Werner Hoffmann a respeito dos êxitos dessa Organização, cabe-nos avaliar o papel desempenhado por esse indivíduo na construção e organização do núcleo paranaense. Certamente a maximização de suas conquistas serviu tanto para um lado (polícia política) quanto para o outro (a própria organização nazista), como veremos.

Figura controversa e polêmica, Werner Heinrich Wilhelm Hoffmann nasceu na Alemanha, em 21 de abril de 1909. Solteiro, chegou ao Brasil em 1932, com 23 anos de idade. Antes de ser funcionário do Consulado Alemão de Curitiba, trabalhou na área comercial, na ‘Casa Favorita’. Não tinha função definida no Consulado, a única menção nos documentos é o posto de caixa, o que nos leva a refletir sobre a veracidade de sua atividade junto a essa instituição.

Enfim, Hoffmann teria levado uma vida dupla, entre o trabalho no Consulado e a direção do Partido Nazista, no período que vai de 1933 a 1938-39. Contudo, segundo a documentação,

II – A NSDAP NO PARANÁ

o reconhecimento formal da sua função de líder, por parte da NSDAP alemã, aparece tardiamente: somente no mês de junho de 1937 – portanto, dois anos antes de deixar o cargo – Hoffmann teria sido reconhecido pelo *Reich* como “chefe provincial” (MARTINS, [1942], p. 16).

As referências mostram-se confusas quanto à trajetória final de Werner na América. A maioria dos documentos encerra a presença dele no Brasil em 1939, quando teria saído pelo porto do Rio de Janeiro. Não obstante, um apontamento da 5ª Região Militar, de 12 de dezembro de 1941, afirma que, após ser preso, Hoffmann teria despistado a polícia (início de 1939) e voltado a Curitiba para, logo em seguida, deixar a cidade e rumar à Argentina, onde fora preso em julho de 1940, na cidade de Apóstoles¹⁷. Lá, o nazista teria dirigido a Frente Alemã de Trabalho e sido administrador da usina elétrica local (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1941b).

Talvez a própria riqueza em detalhes dessa ‘marcha’ de Hoffmann, apontada por esse documento, impeça-nos de descartar tal trajetória como possível. Também devemos levar em conta que a ação no exterior dos partidos fascistas cruzava o globo com militantes indo e vindo, trocando e encaixando suas lideranças de acordo com as necessidades em um processo transnacional (BERTONHA, 2000). Vale destacarmos ainda, nesse sentido, que antes de ser efetivado o seu processo de expulsão do território nacional, o próprio Consulado comunicou à polícia que Hoffmann manifestou interesse em se ausentar do

17 Localiza-se na província de Misiones, região que faz divisa com o Brasil e o Paraguai, no Noroeste da Argentina. Na década de 1930, Misiones concentrava cerca de 14.000 alemães, dentre estes um considerável número era proveniente do Brasil (NEWTON, 1995).

país, fato que corrobora a hipótese de uma possível transferência do líder nazista.

Ainda fundamentando essa proposição, consta no prontuário de Hoffmann uma carta de sua autoria, enviada de Berlim ao Paraná, em 12 de abril de 1939. O destinatário era Erich Finmann, outro membro do Partido, gerente de uma companhia alemã de colonização. A data condiz com o interregno entre sua saída do Brasil e sua possível prisão na Argentina.

Segundo esse documento, Hoffmann falou diretamente com Wilhelm von Bohle (chefe da Organização do Partido Nazista para o Exterior) e chegou a receber o encargo de “fazer uma conferência sobre o Brasil [...] diante do corpo dirigente do Partido e das forças armadas” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, [1939?]). Teria tido, portanto, breve passagem pela Alemanha antes de rumar para sua nova empreitada. Pelas suas palavras, Hoffmann parecia sem direção, aguardando a posição da AO quanto ao seu destino: acreditava até ser possível uma indicação para a FLAK (Artilharia Antiaérea Alemã), onde havia realizado treinamento militar por três meses, no ano de 1934.

Com relação ao nascimento do núcleo, em depoimento à polícia política, colhido em 1938, Werner afirmou “que em janeiro de mil novecentos e trinta e três, **por sua própria iniciativa**, [...] fundou nesta capital o núcleo do partido nazista e em abril do mesmo filiou-se a sede principal do Estado de São Paulo” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a, grifo nosso). Outra menção – esta um tanto confusa – aparece no primeiro depoimento que Hoffmann prestou à então Delegacia Auxiliar, em julho de 1936:

II – A NSDAP NO PARANÁ

no fim do ano de 1932 o declarante fundou uma sociedade denominada Partidário do Hitlerismo [sic], composta exclusivamente de súditos alemães, maiores de 18 dezoito anos [...] que o fito dessa Sociedade é a de manter e desenvolver o espírito de nacionalismo alemão [...] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936d).

Aparentemente podemos entender que a organização ‘Partidário do Hitlerismo’ funcionou, por questão de um ou dois meses, como embrião do núcleo nazista, efetivamente fundado em janeiro de 1933. Contudo, adjetivamos esse documento como ‘confuso’, pois não apresenta nenhuma referência à tradicional fundação da NSDAP/PR em 1933, recorrente na documentação. Essa referência tradicional só surgirá em 1938, quando ocorre o segundo depoimento de Hoffmann à polícia e então se reproduz em uma série de documentos.

Teria Hoffmann romanceado um marco inaugural para a NSDAP/PR em janeiro de 1933 (o ano da ascensão de Hitler na Alemanha)? Teria motivos para, em 1936, esconder o verdadeiro nome da Organização? Poderíamos multiplicar as questões, ou mesmo finalizar na hipótese de um erro de compreensão do escrivão, o que era muito comum¹⁸ (Hoffmann pode ter dito: ‘fundi uma associação de partidários do hitlerismo’). Pensamos ser mais válido acreditar que Hoffmann não queria falar em ‘Partido Nazista’ no ano de 1936, uma vez que fora convocado para o depoimento pela balbúrdia que a NSDAP fazia em Curitiba, por meio de desfiles da Juventude Hitlerista

18 O primeiro depoimento de Hoffman se dá em 1936, momento no qual o Partido tinha liberdade de atuação em todo o território nacional; Werner foi convocado para prestar declarações devido a uma investigação – independente de qualquer política repressora de Estado – empenhada pela Delegacia Auxiliar, predecessora da DOPS.

e da aparição de partidários uniformizados pelas ruas. Assim, era necessário não incomodar o país hospedeiro a fim de não chamar demasiadamente a atenção das autoridades e da população.

Enfim, a referência mais recorrente é a fundação do Círculo Estadual em janeiro de 1933 e sua filiação, em abril do mesmo ano, à sede em São Paulo. A primeira diretoria foi organizada em 13 de abril e, de acordo com declarações de Hoffmann à DESPS/RJ (1939), “a N.S.D.A.P. tornou publico suas atividades, dentro do ideal alemão, em vinte de Abril de mil novecentos e trinta e três, data do aniversário do ‘Führer’” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939g).

Por meio de alguns depoimentos, constatamos que uma fotografia foi tirada no dia da festa de fundação do Círculo Estadual, onde aparecem os primeiros militantes, alguns convidados, as lideranças e o chefe nacional da NSDAP/BR, Hans Henning von Cossel¹⁹.

Quanto à sede do Círculo, um dos ex-filiados afirmou em depoimento que a fundação do núcleo ocorreu no ‘parque Cruzeiro’, no Batel, sendo ali a primeira sede da NSDAP/PR (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c). Mais tarde, “um apazível palacete sito no Alto Cabral”, como dizia o anúncio de aluguel (O DIA, 1932 apud SOUZA, 2002, p. 75), com requintada fachada composta por colunas gregas, localizada na Av. Anita Garibaldi, passou a sediar o Partido. A Gustloff-Haus²⁰, como era denominada, acolhia não só a NSDAP/PR, como também a Juventude Teuto-Brasileira. Para sua inauguração foi organizada

19 A fotografia não foi encontrada no Arquivo Público do Paraná.

20 O nome da casa, comum às sedes da NSDAP, era uma homenagem ao partidário Wilhelm Gustloff, transformado em mártir pelo Terceiro *Reich*, por ter sido supostamente assassinado por um judeu na Suíça em 1936.

II – A NSDAP NO PARANÁ

uma festa que contou com a “presença oficial do partido NSDAP, frente de trabalho, Consul, Juventude teuto-brasileira, moças alemãs” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Acreditamos que a foto da ilustração 1 – em seu contexto original sem legenda – refere-se à cerimônia inaugural da nova sede.

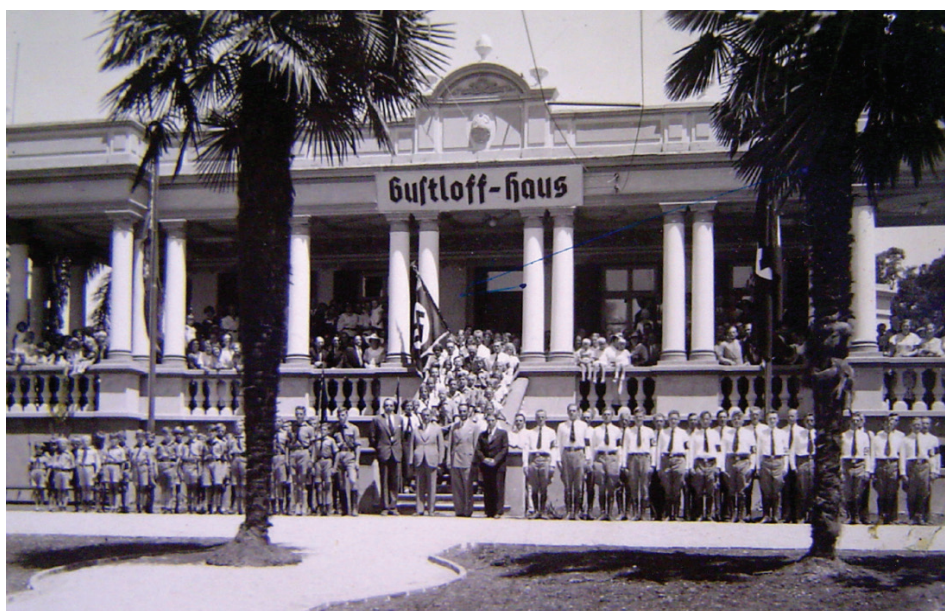


Ilustração 1: Gustloff-Haus, sede da NSDAP/PR

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1938-1945a).

De acordo com o próprio Hoffmann, após a montagem da Organização, a primeira iniciativa da NSDAP foi a ‘escalada’ para influenciar e – na melhor das hipóteses – tomar a liderança das sociedades e clubes teuto-brasileiros da capital do Estado.

2.3 CLUBES E SOCIEDADES GERMÂNICAS: O ‘ASSALTO’ NAZISTA E O CONFLITO COM OS NÃO-PARTIDÁRIOS

Como vimos no capítulo anterior, uma das finalidades do Partido era formar uma grande comunidade de alemães residentes no exterior a partir de um conceito de germanismo, com face nacional-socialista. Também assinalamos a existência, no Paraná, de considerável número de sociedades e clubes teuto-brasileiros, fundados a partir da segunda metade do século XIX. Essas associações possuíam natureza diversa e agrupavam parte vultosa dos alemães habitantes no Estado.

A partir de 1933, com a fundação do núcleo paranaense da NSDAP, podemos perceber um elemento, se não novo, mas visível de dissonância política no bojo dessas entidades; muitas delas, inclusive com caráter apolítico, mergulharam no dilema da adesão ou não a uma doutrina política que chegara ao poder na pátria-mãe.

Para o caso de Porto Alegre, Hayke Silva mostrou que a luta por uma identidade genuinamente teuto-brasileira nas associações foi o cerne das discussões a respeito da adesão ou não ao nazismo. Segundo a autora, “se delineava claramente uma cisão na germanidade da capital entre ‘alemães do reino’ e teuto-brasileiros” (SILVA, 2006, p. 208). Os nazistas procuraram fomentar a aderência das agremiações a órgãos de gerência do *Deutschtum* no exterior, como o *Verband Deutscher Vereine*, gerando conflito com o associativismo teuto de caráter brasileiro, que recusava o nazismo. Essa situação também é visível no Paraná.

Como veremos, membros da comunidade germânica de Curitiba (brasileiros de ascendência germânica e alemães do

II – A NSDAP NO PARANÁ

reino, com raízes mais profundas no Brasil), não aceitando ‘entregar’ seus clubes de ‘presente’ ao Partido Nazista, manifestaram-se tanto contra o Círculo Estadual quanto contra o Nacional-socialismo.

Além disso, a práxis agressiva da NSDAP/PR também gerou, entre as agremiações teutas, atitudes de afastamento ou neutralidade diante da ação do Círculo Estadual. Como já apontamos, Gertz assinalou que para os alemães do Rio Grande do Sul nem sempre a adesão ao nazismo significava aceitação da ‘tutela da NSDAP’ local sobre suas vidas e entidades. Manifestações de repúdio aos partidários não traziam obrigatoriamente a reboque a rejeição ao Nacional-socialismo. Nesse sentido, a fala de Alberto Bins, Prefeito de Porto Alegre entre 1928 e 1937, citada por Gertz (1987, p. 83), é significativa:

Mas isso de ter simpatia ao de ser partidário do hitlerismo há uma grande diferença, mormente tendo também dado a conhecer inconvenientes em se trazer para o estrangeiro a opinião de determinado credo político. Por isso repito: sempre achei que a propaganda hitlerista fica bem na Alemanha, mas nunca no Brasil.

Sem dúvida, o grande interesse dos nazistas em assumir o controle ou influenciar essas associações se insere no empenho de arregimentar adeptos, de forma quase que automática, para a órbita nazista. Tal controle sobre as sociedades não significava filiação imediata dos sócios à NSDAP, porém, seria o primeiro passo para a penetração da propaganda ideológica na comunidade alvo.

O início da ação nazista frente às sociedades e clubes germânicos de Curitiba aparece na documentação em data marcante: 20 de abril de 1933, dia do aniversário de Hitler. O Partido teria celebrado

nessa data a primeira festa, das muitas relatadas nos documentos, em comemoração a esse marco especial no calendário do *III Reich*. Hoffmann apresenta esse feito como o início da “batalha decisiva” para a conquista das sociedades (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Observando as expressões empregadas pelos partidários ao se referirem à incorporação dessas associações ao nazismo – como ‘golpe’ ou ‘golpe de mestre’ (*Husarenstück*)²¹, assim como ‘tomar de assalto’ –, é possível notarmos a utilização de uma linguagem bélica; um palavreado que é indicativo da espécie de conduta que os nazistas adotaram frente à comunidade germânica.

A ideia do *Anschluss* (anexação natural) dos clubes e sociedades, defendida pela literatura policial da época, é aqui aparente no linguajar dos próprios militantes, que entendem como um dever – assim como era para Hitler, por exemplo, a anexação da Áustria – a incorporação das sociedades, mesmo que fosse ‘de assalto’. Isso nos remete à questão levantada no capítulo anterior. Aquilo que poderíamos chamar de ‘naturalidade aparente’ na visão dos nazistas também é perceptível quando estudamos as investidas da NSDAP/PR sobre essas agremiações. Como cálculo automático: ‘se o clube é germânico, logo deve ser nazista’.

O próprio Wilhelm von Bohle, número um da *Auslandsorganisation*, teria dito, nesse sentido, que o objetivo final dos grupos regionais

21 De acordo com Hoffman, em 20 de abril de 1933 teria ocorrido o “primeiro ataque *hussarenstueck*” [sic] contra as sociedades germânicas de Curitiba. Essa afirmação, assim como boa parte de seu depoimento à DOPS, foi copiada ou ‘ensaída’, tomando-se como referência um relatório que Hoffman enviou para a Alemanha, apreendido pela 5ª Região Militar (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

II – A NSDAP NO PARANÁ

da NSDAP era a *Gleichschaltung* (unificação forçada). Para Müller (1995, p. 91), isso significava “assumir a direção das organizações da comunidade alemã que tinham reputação e dinheiro, e podiam servir para propagar as idéias nacional-socialistas”.

De acordo com Silva (2006, p. 204-205), o *Anschluss* se dava mediante entidades voltadas para os alemães no exterior, com sede no *Reich*. Tais organizações, com ajuda da NSDAP, buscavam “anexar as sociedades e demais instituições teuto-brasileiras de modo que estas se tornassem filiais das congêneres alemãs”. No caso do Paraná, veremos que o *Verband Deutscher Vereine Paraná* é o caso mais representativo dessa situação.

Contudo, a imagem de uma ação truculenta e da necessidade da *Gleichschaltung* pode não passar de mero discurso quando verificamos a facilidade da penetração nazista em algumas sociedades. Não afirmamos, nesse sentido, que as relações foram isentas de conflitos. Apontamos, entretanto, para um ponto de vista intermediário; um jogo de forças, no qual muitas variáveis (como o apego à identidade teuto-brasileira, a composição social das sociedades etc.) se aplicam para explicar determinados arranjos.

No segundo depoimento de Werner Hoffmann à polícia (considerado agora como criminoso contra ‘brasilidade’), o chefe do Partido apontou os degraus da ‘escalada’ frente às associações germânicas. Após a festa em comemoração ao aniversário do *Führer*, “[...] começa a batalha decisiva [sic] para a tomada da sociedade dos ex-combatentes, depois foi tomado o Consulado, mais tarde o V.D.V. e em seguida tudo o que não estava firme” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Essa aparente vitória, na qual o nazismo seria o conquistador de mais de “25.000 mil almas”, é relativizada pelo próprio

Hoffmann, quando afirma que “houve [...] divergências nessas sociedades, quanto á aceitação destes ideais” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a). Igualmente, Mário Martins, em suas reportagens, apontava para conflitos e até mesmo cisões dentro do associativismo teuto, em vista da ação dos ‘partidários’. Vejamos alguns exemplos.

2.3.1 SOCIEDADE DOS EX-COMBATENTES DA GRANDE GUERRA²²

A Sociedade dos Ex-combatentes da Grande Guerra (*Deutscher Reichskriegerbundes Kiffhäuserbund*), com sede nacional em São Paulo, possuía grupos espalhados pelo Brasil, que não correspondiam diretamente às divisões estaduais do país.

Em 1934, uma seção distrital de Ponta Grossa da então ‘Liga dos Camaradas de Guerra Alemães no Brasil’ teria aderido à organização-matriz dos ex-combatentes, com sede na Alemanha (Ilustração 2).

Sob a chefia do mestre-ervejeiro Wilhelm Fischer, [Ponta Grossa] tornou-se titular da entidade para os Estados do Paraná e de Santa Catarina, ao todo 11 grupos, sendo 3 no Paraná (Ponta Grossa, Castro e Curitiba), contando com cerca de 200 camaradas (ABECK, 1980, p. 29).

Guilherme Albino Fischer, alemão nato, era membro da NSDAP/PR e, de acordo com a DOPS, residia em Curitiba.

22 Apesar de figurar entre as sociedades filiadas à VDV, optamos por analisar o *Kiffhäuserbund* separadamente, devido ao fato de não encontrarmos documentos que demonstrem o controle da VDV sobre essa agremiação.

II - A NSDAP NO PARANÁ



Ilustração 2: Carteira de filiado da Deutscher Reichskriegerbund, Ponta Grossa

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1938-1945b).

O estatuto nacional da Sociedade dos Ex-combatentes revela o seu caráter político voltado para o cultivo da germanidade e o apoio ao Nacional-socialismo:

Os fins e as obras da camaradagem são de natureza patriótica em relação à Alemanha, social e de companheirismo:

a) avivar e fortalecer o amor e a fidelidade à pátria, ao povo alemão e a seu Führer, fortalecer em todos o pensamento militar, da convicção de ser alemão e da *Völkstum* alemã.

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

b) encher os camaradas com o espírito nacional socialista e combater energicamente os inimigos do Estado

[...]

d) festejar convenientemente as datas comemorativas da pátria (MORAES, 1996, p. 118).

Além da finalidade ideológica, os membros dessa Instituição reuniam-se periodicamente para prestar auxílio aos “camaradas necessitados, suas famílias e sobreviventes, especialmente veteranos” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Voltando os olhos para o estatuto da Associação dos Ex-Combatentes Alemães da Grande Guerra do Estado do Paraná, ‘fundada’ em 1938, temos a falsa impressão de que se trata de uma instituição completamente desvinculada do *Kiffhäuserbund* e totalmente isenta de característica política:

Art. 2º: A Associação terá por objetivo:

a) – congregar mediante reuniões recreativas todos os ex-combatentes alemães da Grande Guerra, sem distinção de posição social, partido, confissão ou grau de instrução, afim de conservar a camaradagem e alimentar o amor á Patria, através da literatura e conferencias.

b) – auxiliar companheiros de armas que, imerecidamente venham a ficar necessitados, aconselhando-os e socorrendo-os, constituindo esse designio a sua mais nobre finalidade.²³

Art. 3º: **É absolutamente proibida qualquer politica partidária** [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, [1938?], grifo nosso).

23 O auxílio aos camaradas necessitados se fazia por meio de um ‘fundo de socorro’ arrecadado com as doações dos filiados. A mensalidade estabelecida para os membros era de 2\$000 (dois mil réis), sendo isentos os filiados em más condições financeiras. Os sócios também recebiam o jornal da *Kiffhäuserbund*, editado em São Paulo, distribuído mesmo após a proibição da Sociedade.

II – A NSDAP NO PARANÁ

Todavia, as fontes indicam que esse texto é a reformulação do estatuto original que vigorava na Instituição antes de 1938, data que coincide com a Campanha de Nacionalização empreendida pelos governos estadual e federal. Além de encontrarmos fichas de filiação do *Kiffhäuserbund* junto aos demais documentos referentes à sociedade, em carta de 10 de janeiro de 1939, Otto Braum – Secretário do Consulado de Curitiba – informava ao líder da Associação que realizaria os procedimentos junto ao Ministério da Justiça, no Distrito Federal, para a legalização da mesma (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939b). Fischer ainda afirmou em depoimento que teve dificuldades para aprovar os estatutos por meio das autoridades paranaenses, remetendo assim a questão para o Rio de Janeiro.

Somando-se às atividades recreativas e de auxílio aos veteranos, o *Kiffhäuserbund* promovia passeatas dos ex-combatentes em Ponta Grossa e Curitiba. Um interessante relato sobre tais cortejos pode ser encontrado em uma carta de Guilherme Willy Roettger – chefe nazista de Iraty – endereçada a certa *Frau* Mull, funcionária da AO na Alemanha. Roettger aponta que as próprias autoridades brasileiras participavam dos festejos nazistas, inclusive cedendo a banda militar do 13º Regimento de Infantaria (Ponta Grossa) para tocar hinos de guerra alemães durante a caminhada:

Um excecional sucesso foi a recepção dos ‘Camaradas de Guerra’ do ‘Kyffhaeuserbund’, na cidade de Ponta Grossa. Os ‘camaradas’ vivem em tão bom acordo com os militares, que o Comandante do Regimento, em todas as oportunidades, põe à disposição do grupo a banda militar. Assim, também, para a ‘Semana Alemã’, ele enviou toda a banda militar para Curitiba. A partida na estação ferroviária, foi única. A senhora poderá imaginar isso! Uma banda militar brasileira, de negros, mulatos e brancos, tudo misturado, marcham na frente de uma bandeira com a cruz swastica e mais ou menos 200 ‘camaradas

de guerra' alemães, tocando sómente marchas alemãs [...]. Em Curitiba o cortejo vai até o Palácio do Governo, e então, vêm-se os nossos antigos combatentes do front, em marcha de parada ante o alto comando e o 'Landes-Gruppen-Leiter' da N.S.D.A.P., von Cossel. Depois de uma pequena oração do Presidente do Estado, o cortejo segue rumo à sede do partido o 'Gustloff Haus' [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1937a).

O caso da Sociedade dos Ex-combatentes no Paraná se insere na tentativa (comum na época) de adequação das agremiações teutas, no sentido de alcançar espaços legais para a permanência de suas atividades, após a proibição em 1938. Nesse sentido, Fischer afirmou em depoimento

que foi chefe geral no Paraná e em Santa Catarina da Sociedade dos ex-Combatentes; que com a saída da lei de dezoito de abril, deixou de funcionar a **parte social** dessa sociedade continuando o declarante a cobrar as contas atrasadas, e a trabalhar pela legalização da sociedade junto ao Ministério da Justiça [...] [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1940c, grifo nosso).

Na verdade, o que observamos na proposta do novo estatuto é que a 'parte política' deixaria de existir na ação da sociedade. A utilização do termo 'parte social' por Fischer pode ser entendida como fuga ante a resposta ao questionário da polícia, ou mesmo uma pausa no trabalho de ajuda aos veteranos necessitados, em virtude da força da Campanha de Nacionalização.

Vale observarmos o Decreto-lei 383, de 18 de abril de 1938, que proibiu atividades políticas estrangeiras no Brasil. Com relação às associações de imigrantes podemos ler:

Art. 2º. É-lhes vedado especialmente: 1 - Organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e

II – A NSDAP NO PARANÁ

quaisquer estabelecimentos de **caráter político**, ainda que tenham por fim exclusivo a propaganda ou difusão, entre os seus compatriotas, de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição estende-se ao funcionamento de sucursais e filiais, ou de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza que tenham no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção [sic] (BRASIL, 1938, grifo nosso).

Contudo, essa restrição tem sua exceção:

Art. 3º É lícito aos estrangeiros associarem-se para **fins culturais, beneficentes ou de assistência**, filiarem-se a clubes e quaisquer outros estabelecimentos com o mesmo objeto, bem assim reunirem-se para comemorar suas datas nacionais ou acontecimentos de significação patriótica (BRASIL, 1938, grifo nosso).

Dessa forma, a Sociedade dos Ex-combatentes retirou o elemento político dos seus estatutos, utilizando a brecha legal do artigo 3º para tentar a aprovação por parte das autoridades.

Se pensarmos acerca de seu caráter, chama-nos a atenção uma interessante contradição nesta tentativa de legalização da Associação dos Ex-combatentes por parte dos *nazis*: os filiados tinham ‘sangue’ alemão e defenderam a Alemanha na maior guerra de todos os tempos até então; como desvincular tal fato da política? Ainda mais se levarmos em conta o contexto expansionista da nova Alemanha (em 1938, já havia anexado os Sudetos da Tchecoslováquia e a Áustria). Diferentemente de agremiações de cantores ou leitores, uma associação de ex-combatentes carrega a marca do político em sua natureza. Parafraseando René Rémond (2003, p. 443): “em matéria de guerra, o que não é político?”.

Portanto, certamente o governo barraria o funcionamento da Associação e, por fim, em 1939, Fischer avaliava a dificuldade de atuação da sociedade frente às atividades policiais, assinalando que “as leis de nacionalização [estavam] sendo rigorosamente cumpridas”. As últimas referências documentais acerca da Instituição apontam para uma ação conjunta das polícias paranaense e catarinense, ao lado da 5ª Região Militar de Curitiba, em 1941, no sentido de “resguardar a neutralidade brasileira” diante do conflito Europeu. Nesse aspecto, a Sociedade dos Ex-combatentes Alemães, dada sua índole, entrou no rol das ameaças à “segurança interna do País” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1941a).

2.3.2 VERBAND DEUTSCHER VEREINE (UNIÃO DAS SOCIEDADES ALEMÃS)

A União das Sociedades Alemãs do Paraná era filiada à União das Sociedades Alemãs no exterior, com sede em Berlim. Congregava vários clubes, sociedades e outras entidades germânicas e sofreu forte influência da NSDAP na década de 1930. Em Curitiba, o Partido conseguiu colocar no mais alto posto da Instituição Otto Braun, tradutor e secretário do Consulado da Alemanha, encarregado “de assuntos de interesses dos alemães, junto às autoridades brasileiras”.

Braun, natural de Potsdam, quando fichado pela DOPS tinha 54 anos de idade. Naturalizado brasileiro desde 1923, Otto trabalhava no Consulado alemão de Curitiba nas funções mencionadas, além de ser gerente do Centro Agrícola (instituição de cunho cooperativo fundada pelo Cônsul Ludwig Aeldert, que coordenava colônias rurais alemãs). Era o encarregado de receber as demandas dos alemães e dar o devido encaminhamento junto ao Consulado. Também foi presidente da Sociedade Deutscher Saengerbund,

II – A NSDAP NO PARANÁ

sócio da Sociedade Física Jahn e do Handwerker Unterstützungs-Verein.

Foi preso na casa de detenção de Curitiba em janeiro de 1942 “por suspeita de estar exercendo atividades nazistas” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938d). No mesmo ano, foi encaminhado para o Rio de Janeiro, onde ficou até 1944. Em livro memorialista, Abeck afirma que, no pós-guerra, o “infatigável” Braun começou a trabalhar “discretamente” com a “fundação, naquele ano [1946], da Livraria Braun” (1980, p. 42).

Paira certa incoerência no que diz respeito à filiação de Otto Braun à NSDAP. Em depoimento, afirmou não fazer parte do Partido por ser brasileiro naturalizado (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942f). Entretanto, outra referência aponta que, a despeito da naturalização, a organização do grupo paranaense o aceitou na lista dos militantes, figurando inclusive entre os nomes da primeira diretoria (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

O embrião da VDV em 1916, com a denominação *Comissão Alemã*, servia “para a proteção de todos os interesses alemães durante a guerra” (ABECK, 1980, p. 26). Em 1928, a entidade obteve, além do novo nome, o *status* de coordenadora de agremiações germânicas, sendo que “sua tarefa consistia na representação das entidades teuto-brasileiras da cidade de Curitiba, perante as autoridades brasileiras e alemãs” (ABECK, 1980, p. 26).

A liderança da VDV sobre as sociedades germânicas foi habilmente utilizada pelos nazistas como meio de disseminação da propaganda nacional-socialista. Constituíam-se, dessa forma, em importante instrumento de aglutinação dos alemães em festas e reuniões frequentadas ou lideradas pelo Partido Nazista em Curitiba. Entre as orientações da NSDAP/PR relativas à

organização de festejos podemos encontrar: “Não é necessário que nas festas seja indicado sempre a organização do N.S.D.A.P. O principal fator é que esta tenha sempre a direção em tudo, mesmo que escondida” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Não obstante, não se estabelece como regra geral em todo o Brasil e durante toda a década de 1930 a utilização dessa Instituição tradicionalmente representativa do *Deutschtum* como ferramenta de propaganda do Partido Nazista. Gertz (1987) aponta que, em Porto Alegre, por volta de 1933, a dificuldade dos nazistas de adentrar à VDV local levou-os a negá-la como lugar de representação dos interesses da comunidade alemã. Como represália à não-adesão, os partidários enviaram relatórios para a Alemanha, acusando de antinazistas os indivíduos mais proeminentes da Instituição. Em São Paulo, por outro lado, sob a liderança de Hans Henning von Cossel, na mesma data, todas as sociedades filiadas ao *Verband Deutscher Vereine São Paulo* assinaram carta de cumprimento se solidarizando ao *Führer* (GERTZ, 1987).

Destacam-se dentre as atividades da VDV Paraná as festas do Auxílio de Inverno, a *Winterhilfe* (Ilustração 3). Nessas celebrações – que aconteciam inclusive nos núcleos do interior – a VDV, juntamente com o Consulado e a NSDAP, arrecadavam importâncias, com o intuito de remetê-las à Alemanha para os necessitados do inverno (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Com autorização da *Landsgruppe* em São Paulo, metade do dinheiro arrecadado nas festas do Auxílio de Inverno no Paraná ficava para a ajuda da própria colônia alemã local.

II – A NSDAP NO PARANÁ

Também encontramos entre os trabalhos da VDV o recebimento e a circulação de livros vindos diretamente da VDV/Berlim, atendendo aos pedidos da própria NSDAP.



Ilustração 3: Selo da *Deutsche Winterhilfe* Paraná. Circundando o símbolo composto pelo pinheiro e pela suástica, está a frase *Gemeinnutz geht vor Eigennutz* (o benefício comum vem antes do benefício privado)

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1938-1945c).

Para o intuito deste trabalho, ou seja, a análise da atuação nazista nas sociedades teutas, destacamos como partes da *Verband Deutscher Vereine* de Curitiba o *Handwerker Unterstützungs-Verein* (Sociedade Beneficente Operária), o *Teuto-brasilianischer Turn-Verein* (Sociedade

Teuto-Brasileira de Ginástica) e o *Verein Deutscher Saengerbund* (União dos Cantores Alemães)²⁴; atualmente, essas sociedades são mais conhecidas pelos nomes que receberam após a Campanha de Nacionalização das instituições estrangeiras, iniciada no Paraná no ano de 1937; respectivamente: Sociedade Rio Branco, Sociedade Duque de Caxias e Clube Concórdia²⁵.

Na Sociedade Beneficente Operária, uma das primeiras ações dos nazistas foi a celebração da festa do primeiro de maio, em 1934. De acordo com a documentação, a Sociedade possuía duas diretorias, uma com seis e outra com 30 membros. Após o pedido de cessão do salão da Sociedade por parte dos nazistas, a pequena diretoria aprovou automaticamente; contudo, a diretoria composta por 30 membros convocou uma assembleia geral para discutir a questão; “depois de uma grande propaganda, a assembleia geral, sofrendo influência direta do Partido Nazista [...], aprovou o ato da diretoria que havia deliberado ceder a sala para a referida reunião” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939g).

De acordo com Gertz (1998) e Silva (2006), esse tipo de triunfo dos *nazis* explica-se por uma estratégia corriqueira da NSDAP no Sul do Brasil: os partidários procuravam frequentar as assembleias das associações teuto-brasileiras com o fito de garantir votação

24 Abeck (1980) aponta 23 entidades ligadas ao VDV Paraná: Sociedade Beneficente Operária (*Handwerker Unterstuetzungs-Verein*); Sociedade Beneficente Cabral; União *Kyffhaeuser* de Ex. Combatentes Alemães; Associação de Cantores *Saengerbund*; Clube de Ginástica Teuto-Brasileiro; Sociedade de Cantores *Einigkeit*; Escola Alemã/Colégio Progresso; Escola Masculina Alemã Bom Jesus; Sociedade de Tiro ao Alvo; União de Professores; Colônia Hortícola (*Gartenbausiedlung* Vila Guaíra); Sociedade Teatral; Sociedade de Cantores Teutônia; Associação Beneficente; Clube de Vão a Vela *Ursinus*; Comunidade Evangélica; Comunidade Católica Alemã; União São José; Sociedade Teuto-Brasileira de Beneficência; Comunidade Evangélica Luterana; Centro Agrícola; Sociedade de Api-, Fruti- e Horticultura; Sociedade Elizabeth.

25 A escolha das três sociedades pertencentes ao VDV também levou em conta a disponibilidade de documentação no Arquivo Público do Paraná.

suficiente para aprovar as necessidades cotidianas do Partido (como a utilização dos salões de festas), assim como para a incorporação destas “a centrais localizadas na Alemanha, com que [...] se submeteriam ao controle de fora e perderiam sua independência” (GERTZ, 1998, p. 51). Assim, no caso da *Handwerker*, sua filiação ao VDV alemão significava sua submissão aos interesses do Partido, fato que, segundo as fontes, é possível conjecturarmos.

A interferência dos nazistas levou a ala oposicionista na diretoria da *Handwerker* a cindir a Sociedade, surgindo assim o *Teuto-Brasilianischer Unterstützungs-Verein Curitiba* (AULICH, 1953).

Essa luta interna pode ser observada no pedido que Hoffmann remete ao VDV/Berlim: o líder da NSDAP/PR explica que, com muita peleja, conseguiu a adesão ao nazismo de Germano Roessle – Presidente do *Handwerker* – e solicita que o VDV o presenteie com um livro vindo diretamente da Alemanha (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). A bajulação proposta por Hoffmann mede o interesse dos nazistas sobre a agremiação; seu número de filiados girava em torno de 3.500.

Encontramos também referências de que, em 1938, a *Handwerker* modificou seus estatutos para permanecer em funcionamento, sendo sua diretoria subordinada a uma junta de nacionalização e seu nome modificado. Porém, a partir de 1942, sucederam-se ataques e pilhagens de populares, até ser solicitado o prédio da sede para o Exército. Somente em 1949, a Sociedade recuperou o imóvel (ABECK, 1980).

A Sociedade Teuto-Brasileira de Ginástica (mais tarde, Sociedade de Cultura Física Jahn e depois Sociedade Duque de Caxias) foi fundada em 7 de dezembro de 1890. Em 1938, teve seus estatutos abrasileirados para manter-se ativa; como consta em seus regulamentos, o feito se deu “numa exata compreensão das grandes

necessidades da PÁTRIA BRASILEIRA” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938b).

A Sociedade resistiu à penetração nazista pelo esforço de João Meister Sobrinho, Presidente de honra, “comandante do Corpo de Bombeiros, [...] que durante sua gestão [se empenhou] em rude luta contra os elementos nazistas, ali radicados” (MARTINS, [1942], p. 106). Através da coação, os nazistas teriam conseguido a expulsão de dois sócios beneméritos, que se juntaram aos dissidentes do *Handwerker* no *Brasilianischer Unterstützungs-Verein Curitiba*. Meister Sobrinho é figura de destaque na memória da comunidade alemã de Curitiba como consolidador e “benemérito comandante por longos anos” do Corpo de Bombeiros da cidade (AULICH, 1953, p. 73).

Apesar da resistência, entre os documentos da própria NSDAP/PR, dos quais possuímos apenas resumos elaborados pela 5ª Região Militar de Curitiba, podemos encontrar vestígios da penetração nazista na Sociedade Teuto-Brasileira de Ginástica. As fontes trazem a informação de que a Organização recebia professores (instrutores de ginástica), por intermédio do Partido Nazista, diretamente do Ministério de Cultura e Propaganda do *Reich* (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

A Sociedade *Deutscher Saengerbund*, hoje um dos clubes germânicos mais conhecidos da capital paranaense, foi fundada em junho de 1884 pela fusão de duas sociedades: Germânia e Concórdia. Possuía algo em torno de 650 membros, em 1937. Desenvolvia suas atividades na área cultural, incentivando seus membros à prática da música e da leitura.

Nessa sociedade, os nazistas tiveram dificuldades para consolidar sua influência. Hans Bennevitz, número dois na hierarquia da

II – A NSDAP NO PARANÁ

NSDAP/PR, chegou a se candidatar para a presidência, mas sua chapa foi derrotada em uma das eleições. O controle nazista dava-se, como já apontamos, mais pela liderança da VDV – que fazia convocações para donativos e festas, subordinando-as à NSDAP – do que pela ação pessoal dos partidários.

Esse espaço intermediário, elaborado pelo jogo de forças dentro das sociedades de caráter germânico, impede-nos de concordar com simplificações que colocam a NSDAP como absoluta sobre elas. A reação estava presente e, muitas vezes, de forma enérgica. Em protesto contra a ação do Partido, a ‘colônia alemã’ de Curitiba lamentava:

Não temos absolutamente nada que vêr com a N/S/D/A/P. Isto, parece, negam-se a reconhecer. E para os tais senhores é manifesta propensão para discórdia, **se não lhes fazemos, com o coração em saltos o presente de fada dos nossos ‘Handwerker’, ‘Saengerbund’, ‘Teuto’ e tudo mais que temos** [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b, grifo nosso).

2.4 ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA NSDAP/PR

Até 1934, o núcleo paranaense do Partido Nazista pertencia ao Círculo composto por São Paulo e Paraná, não possuindo assim independência administrativa, provavelmente por ter um grupo extremamente pequeno de partidários. Nesse período, a chefia cabia a Karl Spanaus, que posteriormente se tornou vice-líder nacional (DIETRICH, 2001). Contudo, a partir desse ano (1934), a Organização no Paraná passou a ter autonomia compondo um

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

Kreis independente, mas ainda subordinado a São Paulo, que se tornou sede do Partido Nazista no Brasil.

Os números e as datas de filiação são consideráveis para medirmos os resultados da NSDAP/PR:

Tabela 3: Filiados ao Círculo Paranaense da NSDAP (por data de filiação)

ANO	Nº
ATÉ 1930	0
1931	1
1932	5
1933	21
1934	52
1935	1
1936	64
1937	30
1938	9
1939	0
1940	0
1941	0
SR	2
TOTAL	185

SR = sem referência de data de filiação ou endereço

Fonte: Moraes (1996).

II – A NSDAP NO PARANÁ

A partir desses números, podemos verificar que a formalização do núcleo paranaense trouxe resultados consideráveis para o campo ‘oficial’ do Partido (militantes com registro). No triênio 1934/35/36, ocorreram 117 filiações, o que corresponde a 63% do total de filiados para a década de 1930.

Ainda observando a tabela 3, verificamos que os anos 1933-34 e 1936-37 correspondem aos *booms* de filiações no Círculo estadual. Apesar de não termos contato com documentos que indiquem as datas de filiação de todos os militantes, para que fosse possível compreendermos, através do cotejamento com suas falas, o porquê dessa concentração numérica, ainda podemos presumir: o primeiro momento corresponde à chegada ao poder da NSDAP na Alemanha e, o segundo, à visualização dos primeiros resultados positivos da política econômica de Hitler.

No que concerne à hierarquia, segundo o líder do *Kreis* em depoimento, o Partido estadual estava subordinado a São Paulo, sob a pessoa de Karl Spanaus (segundo homem, em nível nacional) para as questões administrativas, enquanto as diretrizes políticas emanavam diretamente de Hans Henning von Cossel. A vigilância e mesmo a presença de von Cossel sobre a NSDAP/PR são constantes na década de 1930. Cossel participou pessoalmente da fundação do núcleo e alguns documentos apontam que fez viagens regulares ao Paraná, o que também ocorria com lideranças a ele subordinadas.

Dessa forma, em 1937, Hoffmann avisava ao líder da Colônia Terra Nova a respeito da visita que receberia de São Paulo:

Encontrando-se neste momento, com o fito de fazer estudos no Paraná, os partidários Korb, Roebke e Hopf, todos auxiliares da direção do grupo do país em São Paulo, os quais pretendem

fazer uma pequena viagem circular pelo Estado, passando também por essa localidade de vosso núcleo. Os partidários também estão em condições de realizarem palestras em pequenos círculos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1937c).

Tal qual a macro-organização da NSDAP, os Círculos trabalhavam com uma espécie de sistema departamental. No Paraná, indivíduos eram designados para funções específicas – como propaganda, juventude, mulheres etc. – contudo, a sobreposição de cargos é comum, principalmente se contarmos os cargos ocupados no Consulado da Alemanha de Curitiba.

Além da chefia incontestada, Hoffmann ocupava, no Consulado Alemão, uma função (pelo menos na formalidade) pouco especificada nos documentos; da mesma forma, a Alfred Andersen²⁶ competia o cargo de Vice-cônsul em Paranaguá e, ao mesmo tempo, o de chefe da propaganda do Partido – a despeito de aparecer em parte das fontes como ‘propaganda do Consulado’.

Por abordarmos a questão dos líderes nazistas, cabe aqui rápida menção: foi possível verificarmos a colocação de alguns partidários em altos cargos de importantes empresas na capital e no interior. Algumas dessas firmas tinham suas matrizes na Alemanha, mas boa parte pertencia aos próprios nazistas.

Para ficarmos no exemplo de uma empresa brasileira, Alberto Blum era tesoureiro do Partido e gerente da Companhia Telefônica Paranaense, assim como Hans Benewitz (vice-líder da NSDAP/PR), que fora diretor da mesma empresa.

26 É importante não confundir com o renomado artista norueguês Alfred Andersen, ou Alfredo Andersen como era chamado nos anos 1930, que viveu no Paraná entre 1892 e 1935.

II – A NSDAP NO PARANÁ

Outro aspecto da organização nazista no Paraná é a presença das células paralelas ao aparelho formal, citadas no capítulo anterior: *Deutsche Arbeitsfront* (DAF - Frente Alemã do Trabalho), a *Deutschebrasilianisch Jungendring* (Juventude Teuto- Brasileira) e a *Nationalsozialistische Frauenschaft* (Associação das Mulheres Nacional- Socialistas)²⁷.

No que concerne à DAF, alguns documentos mostraram que muitos alemães, por terem nacionalidade brasileira, viram na Organização uma forma de ingresso indireto ao Partido, uma vez que não podiam entrar para a lista de filiados. Em São Paulo, a atuação da DAF apresenta similitudes. Um documento citado por Dietrich registra que “a missão da ‘A.F’ [D.A.F.] era reunir aqueles que não queriam entrar logo para o partido, e prepará-los para levar a propaganda nazi para os lugares de trabalho” (DIETRICH, 2001, p. 73).

Apartir do ingresso, os teuto-brasileiros poderiam participar das festas e reuniões semanais da NSDAP. Contudo, não podemos nos esquecer de que, por ser a DAF um órgão corporativista atuante no *III Reich* e com influência nas empresas alemãs, certamente alguns indivíduos ingressavam na Instituição apenas para conseguir ou manter condições empregatícias.

Nas fotografias apreendidas pela DOPS/PR, alguns membros da DAF figuram fardados ao lado dos filiados. É o caso de Max Alfredo Beyer, cuja esposa, Wanda Beyer, era chefe da *Nationalsozialistische Frauenschaft*. Esta última Instituição aparece na documentação com as denominações “Associação de Senhoras e Moças Alemãs”; e separadamente, “Liga das Senhoras Alemãs” e “União das Moças

27 Apenas um documento menciona a Organização dos Professores Alemães que integra as células do NSDAP no Paraná. (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Alemãs” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938); por falta de conhecimento, a polícia política até menciona “Partido Nazista Feminino”.

Essa associação tinha por finalidade dar amparo às mulheres em dificuldades materiais. Como exemplo, temos o pedido que Wanda Beyer envia à NSDAP para que intermedeie, junto à Associação de Senhoras Alemãs em Berlin, a causa de uma senhora que fora abandonada pelo marido (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Nesse sentido, a *Nationalsozialistische Frauenschaft* se assemelha à *Frauenhilfe* (Associação de Auxílio às Mulheres), registrada por Dietrich (2001) em São Paulo.

A Juventude Teuto-Brasileira – que, em fardas, promovia frequentes desfiles nas ruas de Curitiba – nasceu paralelamente ao Partido no Paraná, no ano de 1933, fundada por Werner Hoffmann. Organizava acampamentos, exercícios de campo e excursões com jovens menores de 18 anos. Ao atingir tal idade, alguns moços, por interposição da NSDAP/PR, tentavam ingressar nas forças armadas alemãs. Grande parte dos chefes nazistas do Estado tinha seus filhos matriculados na Instituição, o que posteriormente serviu para a polícia como critério acusatório sobre esses indivíduos. O abuso da imagem do *Deutschbrasilianischer Jungendring* por parte dos nazistas gerou manifestações de repúdio e chacota dentro da comunidade alemã de Curitiba, como veremos (Ilustrações 4 e 5).

II – A NSDAP NO PARANÁ



Ilustração 4: Juventude Teuto-Brasileira – Paraná

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1938-1945c).



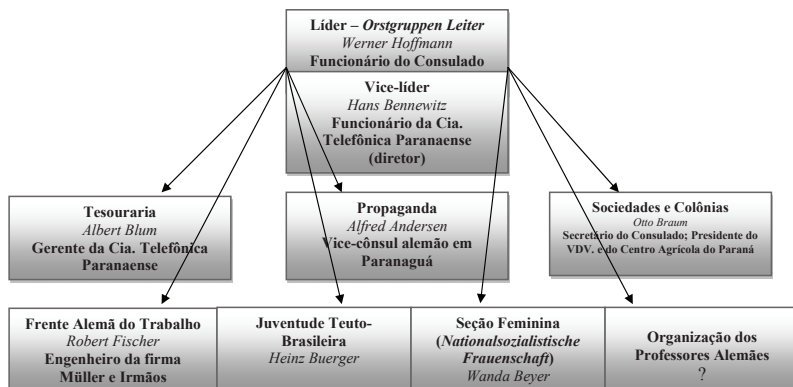
Ilustração 5: Apresentação da Juventude Teuto-Brasileira na Sociedade Handwerker

Fonte: ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1938-1945c).

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

Sem receio de colocar nossas assertivas à disposição de futuros embates interpretativos, academicamente bem-vindos e enriquecedores – uma vez que, como já afirmamos, os ‘vazios’ documentais servem-nos como motivação – ofereceremos um quadro mínimo das lideranças e dos ‘departamentos’ referentes à NSDAP/PR (Organograma 2). Cremos que a divulgação de novas fontes e a liberação da documentação militar é condição *sine qua non* para revisão e aprofundamento do tema, uma vez que nossas perguntas se restringem à documentação da polícia política paranaense.

Ajá aludida dificuldade de acesso a ‘documentos primários’ nos limita a traçar o quadro abaixo sem mais minúcias, principalmente no que diz respeito às lideranças para o interior do Estado.



Organograma 2: Organização da NSDAP/PR

Ainda assim, mesmo que incipiente, nossa análise acerca da organização desemboca em uma visão geral da atuação da NSDAP no Paraná. Tal visão vem de encontro com o mito da

grande organização tentacular, capaz de cooptar as ‘25.000 mil almas’ alemãs do Estado, mito esse divulgado pelo líder do Partido e apropriado pela literatura jornalístico-policial da época. Sem dúvida, o número de 185 filiados – algumas fontes apontam para 192 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938) – não reflete a cifra de simpatizantes à ideologia nazista dentro da comunidade germânica do Paraná. Nesse sentido, um estudo aprofundado da adesão ‘não-formal’ ao nazismo no Estado é rico filão para pesquisadores do tema.

Ao contrário, nossa proposição acerca dessa Organização defende que a forma de atuação nazista (além de outras questões como *status* e ‘geração’, como veremos) serviu como ‘espantalho’ para boa parte dos alemães no Paraná; não necessariamente para o Nacional-socialismo, mas para o Círculo Estadual.

Temos em mente, portanto, que a rede organizacional, com seus traços mais visíveis indicados acima, poderia, de certa forma, alcançar presencialmente grande parte dos alemães no Paraná. De tal modo, é provável que poucos alemães de áreas urbanas de Curitiba, Ponta Grossa, Londrina ou Castro não tenham ouvido falar na ação dos ‘partidários’ e mesmo nas colônias diretamente controladas pelo Consulado Alemão. Porém, o trabalho esteve longe de ter fôlego suficiente, no sentido de cooptar para a ‘órbita oficial’, parte considerável dos alemães no Estado²⁸.

Como veremos mais adiante, nas fontes, a rejeição é mais visível que a aceitação. Os próprios nazistas reconhecem que o conflito

28 Cabe aqui uma reflexão sobre as causas da não-filiação dos alemães à NSDAP. Cremos que muitos teutos (*Völkendeutsche* e *Reichdeutsche*) tinham interesse em se filiar, mas não o fizeram por medo do governo brasileiro; no caso dos teuto-brasileiros, também por proibição dos *Reichdeutsche*. Estes talvez agissem assim por motivos óbvios: se houvesse um número extremamente significativo de *Völkendeutsche*, teriam problemas para colher os benefícios ou favores das lideranças partidárias.

entre partidários e não-partidários (não necessariamente ‘anti-nazistas’, termo generalizante que aparece na fala dos militantes) é uma das marcas dessa ação política no Paraná. Em carta a Karl Spanaus, Hoffmann afirmava:

[...] aqui no Paraná sempre há estes atritos – brigas, desavenças entre nazistas e anti-nazistas – que se originaram em vista da ação necessária para a manutenção da idéia alemã. Este problema não se conhece nos outros Estados [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Sem dúvida, constitui um exagero acreditarmos que em outros Estados o conflito não acontecia. René Gertz (1987) mostrou a luta em Santa Catarina entre militantes e jornais teuto-brasileiros, como o *Urwaldsbote*, de Blumenau. Arthur Koehler, diretor do periódico, mostrava-se otimista com o Nacional-socialismo antes da tomada do poder na Alemanha e antes do início da ação dos *nazis* em sua cidade. Após 1933, Koehler se posicionou como opositor aos ‘partidários’ e ainda se recusou a veicular qualquer mensagem dos nazistas em seu jornal. Diga-se de passagem, a NSDAP/PR estabeleceu como obrigação para todos os militantes do Estado o recebimento de apenas um periódico, o *Deutscher Morgen* de São Paulo, jornal oficial do Partido. Ademais, advertiu os alemães que continuaram recebendo o *Urwaldsbote* (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

A situação conflituosa também pode ser demonstrada pelos números. Se considerarmos a cifra mediana de 100.000 alemães²⁹ residentes no Paraná (incluindo natos e descendentes) para o ano de 1934 (AULICH, 1953), desconsiderando as elevações da segunda

29 O geólogo Reinhard Maack estima a cifra de 126.000 alemães residentes no Paraná na década de 1930 (GERTZ, 1987).

II – A NSDAP NO PARANÁ

metade da década, podemos constatar que os teutos filiados ao Partido correspondem a 0,18% do total de indivíduos de origem germânica no Estado. Mesmo utilizando as estimativas mais baixas para a população, esse número chegaria somente a 0,7%.

Levando em conta que esses 100.000 alemães estavam distribuídos entre a capital e o interior (determinados documentos apontam para mais de 40 colônias germânicas no Estado), esses números mostram igualmente que a situação do Partido entre as populações alemãs do interior do Estado não se mostrou favorável.

Comparando a ação partidária na capital e no interior e analisando o perfil dos militantes, podemos encontrar caminhos para entender o caráter essencialmente urbano e ‘metropolitano’ da NSDAP/PR.

2.5 O NAZISMO NO INTERIOR DO ESTADO

“Curitiba deve merecer a atenção, pois é o ponto mais importante”³⁰

Iniciamos este tópico com essa epígrafe para ilustrar nossa afirmação anterior acerca da importância que Curitiba representava aos interesses da NSDAP/PR. A concentração de indivíduos de origem germânica na cidade³¹ e a posição de destaque dela em relação

30 ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS (1933-1938).

31 Estima-se que a presença alemã em Curitiba era de, aproximadamente, 40 mil pessoas, em 1935. Ver Milarchi (1986, p. 13).

às demais localidades do Estado podem ser fatores que explicam a intensificação do trabalho partidário na capital paranaense.

Não obstante, as comunidades alemãs do interior não foram relegadas ao esquecimento pelo Partido. Em depoimento, Hoffmann aponta que Curitiba era “*seção diretora para as nove filiais para o estado do Paraná*” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a, grifo nosso). É arriscado precisarmos, com ampla certeza, pela documentação policial, quais eram essas supostas nove filiais. Todavia, através de um cotejamento de documentos da repressão, jornais e bibliografia, podemos apresentar uma aproximação, que nos dá conta de esclarecer as localidades mais importantes para os nazistas no interior do Estado.

A partir de documentos do Tribunal de Segurança Nacional, Moraes pôde levantar a distribuição por cidades dos filiados no Paraná:

Tabela 4: Distribuição dos filiados à NSDAP/PR (por localidade)

Número de militantes	Cidade/Local	Total Absoluto	Total Relativo
Até 5	Irati – Foz do Iguaçu – Hortelândia – Jacarezinho – Palmeira – Paranaguá – Rolândia – Taraman – Terra Nova – Thomazina	22	11,9 %
Entre 6 e 15	Cachoeirinha – Cruz Machado – Rio Negro	32	17,3 %
Entre 16 e 30	Castro 21 Ponta Grossa 16	37	20,0 %
Entre 30 e 50	-		
Mais de 50	Capital – 94	94	50,8 %
TOTAL		185	

Sem referência – 0.

Fonte: Moraes (1996).

Considerando como ‘filiais’³² do Partido as localidades que possuíam lideranças direcionadas pelo mesmo e/ou que recebiam a denominação de ‘grupo local’, foi possível concluirmos que, das cidades citadas por Moraes, Ponta Grossa, Castro, Cruz Machado, Rio Negro, Londrina, Irati, Rolândia e Paranaguá se encaixam no padrão. Na não mencionada União da Vitória, contígua a Porto União, Santa Catarina, também funcionava um grupo local conjunto com sua vizinha.

Devido ao imbróglio entre a NSDAP e o Consulado da Alemanha, em algumas localidades os chamados ‘homens de confiança do Consulado’ faziam um trabalho que podemos classificar como partidário/consular. Cabe destacarmos – como veremos adiante – que o Consulado em Curitiba, na década de 1930, além de atender aos interesses materiais e jurídicos dos ‘súditos’, fazia um trabalho de divulgação do nazismo no interior do Estado, com a distribuição de materiais impressos, emissões radiofônicas e através dos *Vertrauensmänner*³³. Esses indivíduos não eram em geral filiados ao Partido, mas representavam seus interesses – utilizando a máscara do Consulado – em locais onde não existia um grupo local da NSDAP.

Esse emaranhado entre Consulado e Partido torna difícil, até certo ponto, distinguirmos o trabalho de um e de outro. Alguns teutos do interior pareciam desconhecer esse aspecto: ao mesmo

32 Provavelmente, a palavra ‘filial’ significava, na hierarquia do Partido, os *Stützpunkte* (pontos de apoio).

33 ‘Homens de confiança’. Termo no original, utilizado pelo Secretário do Consulado em diversos documentos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939f). É importante fazermos aqui uma desambiguação: os agentes secretos da *Abwehr* espalhados pelo mundo também recebiam esse título. Contudo, não existem razões para acreditarmos que esses indivíduos estivessem envolvidos em ações de alta espionagem; aqui, o título refere-se aos representantes consulares não-oficiais do interior do Estado. Sobre as redes de espionagem alemãs no Brasil, ver Hilton (1977).

tempo em que alguns escrevem ao Consulado pedindo providências para localidades onde o nazismo não obteve êxito, outros solicitam ação para impedir a interferência dos ‘partidários’ nos assuntos da comunidade (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Como afirma Marion Brephol, cabia aos dois, Consulado e Partido, o trabalho propagandístico, “arregimentando adeptos, interferindo em suas associações [dos alemães], fiscalizando e punindo, ainda que indiretamente, os que lhes faziam oposição” (2002, p. 5).

Os *Vertrauensmänner* também aparecem no contexto pós-1938, momento em que o Partido foi proibido de atuar em território nacional. Como exemplo da ação desses indivíduos, podemos citar o caso de Rolândia. Há indícios de que nesta localidade o Partido Nazista tenha implantado um ponto de apoio, apesar da contrariedade manifesta pela empresa colonizadora da região³⁴. Verificamos que, além do Consulado, membros da NSDAP – mesmo após a ilegalidade – mantinham contatos com o *Vertrauensmann* do local.

No início do conflito mundial, em 1939, o Pastor Zischler foi preso “por ter infringido a lei de neutralidade” do Brasil, distribuindo fichas de alistamento militar para os alemães de Rolândia (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939k); posto em liberdade condicional no mesmo ano, foi preso novamente em 1942. Hans Zischler passou a trabalhar na igreja evangélico-luterana de Rolândia a partir de 1936 e logo se tornou agente consular na região; de acordo com alguns relatos de contemporâneos, o pastor

34 Gudrun Fischer (2005), ao entrevistar mulheres judias imigradas da Alemanha para Rolândia, afirma que a *Paraná Plantation* se recusou a transformar Rolândia em célula nazista, como exigia o governo alemão.

“usava uniformes nazistas” e chegou a erguer a bandeira com a suástica sobre o prédio da igreja (FISCHER, 2005, p. 163).

Gostaríamos de abrir um parêntese para recordar que, em Rolândia, a companhia inglesa colonizadora da região, *Paraná Plantation*, por intermédio da Sociedade para Estudos Econômicos Além Mar (*Gesellschaft für Wirtschaftliche Studien in Übersee*) e a Companhia para Colonização no Exterior (*Gesellschaft für Siedlung im Ausland*), recebeu grande número de alemães no entreguerras, dentre os quais um significativo número de judeus alemães fugitivos do nazismo. Contudo, não só a perseguição dos nazistas aos judeus povoou a cidade de indivíduos de origem germânica. Intelectuais, políticos e religiosos provenientes da Alemanha, de variadas origens étnicas, também procuraram refúgio na ‘terra de Roland’, assim como colonos vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Em depoimento colhido por Hermann Oberdiek (1997), um imigrante menciona que, em Rolândia, chegaram cerca de 320 famílias alemãs, das quais apenas 80 eram judias.

Levando em conta essas informações e tendo em mente que efetivamente existiam partidários do nazismo na cidade – afirmativa que hoje dificilmente seria refutada (FISCHER, 2005) – imediatamente nos sentimos aguilhoados a questionar a respeito da convivência entre *nazis* e os judeus alemães na mesma localidade. Não é obviamente o alvo deste trabalho responder à questão. Entretanto, nos causa incômodo deixar de mencionar o problema, haja vista o grande número de especulações sobre o tema pouco fundamentadas – às vezes até acadêmicas.

A assertiva recheada com o menor nível de rigor científico talvez seja aquela que apreende Rolândia como ‘paraíso harmônico’, no qual nazistas e judeus conviviam, enquanto o mundo se espatifava

na guerra total. Ora, a análise distraída de alguns depoimentos pode levar a essa conclusão.

É fato que o Partido Nazista no Brasil praticava um antissemitismo mais teórico que prático, como mostrou Ana Maria Dietrich em sua tese de doutorado (2007a). De acordo com a autora, houve um processo de ‘tropicalização do nazismo’, no qual o antissemitismo se dirigia mais contra os “judeus de fora”, sendo assim insignificantes as atitudes concretas contra comunidades judaicas no Brasil (DIETRICH, 2007a, p. 29).

Não obstante, observando cuidadosamente documentos referentes à cidade de Rolândia na DOPS/PR e a escassa bibliografia sobre o tema, salta-nos aos olhos uma comunidade alemã cindida, permeada pela dissonância no aspecto político, a despeito da situação de ‘igualdade’ ocasional (o fato de serem imigrantes) reinante entre os dois grupos. Assim, podemos afirmar que os mesmos conflitos cotidianos (independente da proporção) que ocorriam nas comunidades germânicas em cidades como Curitiba e Ponta Grossa, também estavam presentes em Rolândia.

Um dos membros da NSDAP em Rolândia era o próprio fundador da colônia, Osvald Nixdorf. Curiosamente, o líder do ponto de apoio da cidade era August Nixdorf, chefe certificado pelo próprio von Cossel, que não possuía nenhum parentesco com Osvald. Os documentos indicam que Osvald deixou o Partido em 1936 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942g), apesar de ter declarado, segundo a documentação policial, que permaneceu nacional-socialista após o fato. Em 1942, as confusões em torno do sobrenome complicaram sua situação perante as autoridades. Além de permanecer três meses na prisão, perdeu os contratos que tinha com o governo do Estado para gerenciar a

‘granja Roland’ (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942i).

Em Foz do Iguaçu a situação era semelhante à encontrada em Rolândia no que se refere à direção político-partidária. Contudo, em Foz não foi possível localizar nenhuma liderança autenticada pelo próprio Partido. O único dirigente era Emil Mohrhoff, responsável pelos interesses dos ‘súditos do *Reich*’ na área brasileira da tríplice fronteira. Mohrhoff não era militante filiado, mas em depoimento se dizia adepto do Nacional-socialismo, fato confirmado pela documentação constante em seu dossiê (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942d).

Em relação às cidades nas quais a NSDAP efetivamente organizou um núcleo, a dificuldade de acesso à documentação específica do Partido nos limita a apontar quatro exemplos: Terra Nova (Castro), União da Vitória, Irati e Paranaguá.

Na colônia agrícola “Terra Nova – Garcez – Maracanã”, como era conhecida, localizada no município de Castro, além de apurarmos uma ação efetiva da NSDAP, verificamos a gerência de uma empresa semioficial do *III Reich* sobre a colônia. Trata-se da Companhia para Colonização no Exterior (*Gesellschaft für Siedlung im Ausland*), com sede em Berlim. Utilizava no Brasil o nome ‘Companhia Paranaense de Colonização’. Constituíam-se como “Sociedade civil por quotas de responsabilidade limitada”; a participação maior em capital era da GSA (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1937b).

O líder da referida colônia era Erich Finmann, também responsável pela colônia ‘Treze Tilhas’, em Santa Catarina, comandada pela mesma empresa. Em circular secreta à NSDAP/PR (maio de 1939), Finmann alertava:

Os colonos alemães devem sempre ser gratos ao Fuhrer Hitler. No Paraná, como nos outros estados do sul, o programa da NSDAP deve ser desenvolvido, afim de neutralizar os desejos dos norte-americanos. Heil Hitler [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939h).

Finnmann geria toda a atividade da colônia, desde o envio de cartas dos colonos à Alemanha até a compra de utensílios, remetendo à NSDAP e ao Consulado as informações relacionadas aos alemães. Citemos o caso de Rudolf Mayer, colono com invalidez física que requereu do Consulado seu direito a uma pensão. O líder da NSDAP deu parecer negativo, afirmando que Mayer era ‘elemento questionador’, que só ingressou no Partido para receber a pensão (teria ele outra forma de receber o auxílio?) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939d). Por fim, o Consulado autorizou o pagamento de apenas meia pensão.

Além disso, a aceitação de algum imigrante na colônia era vinculada à filiação do chefe da família ao Partido. Dessa forma, assumindo o papel de autoridade do *III Reich* perante os colonos, a NSDAP, através de Finnmann, incorporava números para a Organização entre pessoas que deveriam acreditar estarem contribuindo com sua nação, trabalhando com afinco em Terra Nova (BREPOHL DE MAGALHÃES, 2002).

Vale a pena registrarmos que tanto Terra Nova quanto outras colônias do interior recebiam recursos do Ministério do Exterior alemão através da intermediação do Partido e do Consulado. Além disso, sob a gerência de Otto Braun, o Centro Agrícola Paraná (organização cooperativista sediada no Consulado Alemão de Curitiba), que sofria interferência da NSDAP, gerenciava mais de 50 colônias filiais no Estado (cerca de 2.000 associados).

II – A NSDAP NO PARANÁ

Essa situação, atestada pela documentação policial, também estava presente nas constatações da imprensa da época:

Como é bem de ver-se, o Centro Agrícola era uma força respeitável e urgia que se fosse aproveitado no sentido político.

Desde então, com mentores nazistas, os colonos que não pactuassem com o credo de Hitler passaram a ser preteridos em suas petições, com que se forçava o crescimento do número de adeptos do nacional-socialismo no Paraná (MARTINS, [1942], p. 131).

Outra situação que nos chama a atenção no interior é a das cidades fronteiriças de União da Vitória e Porto União (SC). Os nazistas de União da Vitória não possuíam um núcleo próprio, filiando-se ao núcleo da cidade vizinha de Porto União. Portanto, em tese pertenciam à NSDAP/SC, com sede em Blumenau. Contudo, o líder do grupo, ‘Chefe Klein’³⁵, recebia ordens da NSDAP/PR, podendo ser a cidade considerada uma das filiais do Partido no Paraná.

Em 1938, Eugênio Klein rumou para a Alemanha e, ao que tudo indica, deixou o núcleo sob os cuidados de seu irmão Henrique Klein. Brasileiro, natural de São Paulo, Henrique, ainda criança, rumou com seus pais para a Alemanha, conseguindo posteriormente o título de cidadão alemão em Wüttemberg. Foi combatente na Primeira Guerra Mundial, condecorado por duas vezes lutando nos *fronts* Russo e Francês. Foi preso em 1942 e posto em liberdade em 1943, por ordem de Manoel Ribas. Posteriormente, Klein foi condenado pelo Tribunal de Segurança Nacional a três anos de prisão, em novembro de 1943, apenas por porte ilegal de arma e não por ‘professar a ideologia nazista’, como

35 Eugênio Klein, chefe nazista em Porto União.

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

consta na primeira acusação (ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1943). Em 1945, Klein se enquadrrou em uma lista de anistia para prisioneiros políticos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1945). O núcleo dirigido por Klein figura em uma foto, constante no seu dossiê da DOPS/PR (Ilustração 6).

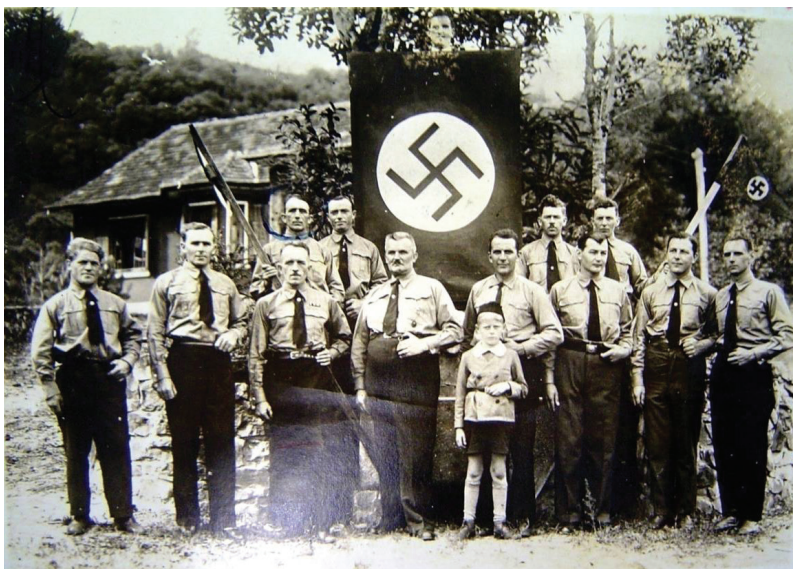


Ilustração 6: Grupo nazista de União da Vitória/Porto União

Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS (1945).

Em Irati, outro núcleo nazista com grande destaque na documentação, o chefe local era o marceneiro Guilherme Willy Roetger. De acordo com seu depoimento, recebeu de Werner Hoffmann, em 1937, o convite para liderar um núcleo nazista em Irati, que funcionou aproximadamente por um ano, em virtude da política de repressão das autoridades estaduais. Juntamente com os

II – A NSDAP NO PARANÁ

documentos referentes às atividades nazistas em Irati, localizamos uma fotografia na qual figuram alguns líderes, membros da NSDAP/PR, além de outros indivíduos que utilizavam a farda do Partido (Ilustração 7).



Ilustração 7: Circulo paranaense da NSDAP

Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS ([193-]).

A cidade de Paranaguá também sediava um grupo que se autodenominava ‘grupo independente do litoral’. Seu líder era Alfred Andersen (Ilustração 8), também responsável pela propaganda nazista no plano estadual. Andersen chegou a fazer uma viagem a Berlim com o fito de assistir a “cursos especiais para chefes de porto e seções no estrangeiro” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938); ocupou também a função de Vice-cônsul em Paranaguá. Não foi possível precisarmos

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

o período no qual Andersen exerceu essa última função, contudo temos a informação de que, no início da década de 1940, o cargo já estava sendo ocupado por Julio Brand.



Ilustração 8: Festejos na chácara de Julio Brand, Paranaguá (Alfred Andersen à frente do mastro).

Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS (1940a).

II – A NSDAP NO PARANÁ

Brand, naturalizado brasileiro, também foi figura importante no Consulado em Paranaguá. Além da função de Cônsul, era representante da Companhia Hamburguesa de Navegação. Entre os feitos de Brand reprimidos pela polícia – mais relacionados com sua empolgação pessoal do que com qualquer atividade partidária planejada – cabe destaque o trabalho de (contra) propaganda durante a Segunda Guerra Mundial. Brand recebia em seu escritório irradiações da Alemanha que noticiavam a respeito da guerra, confeccionava boletins e os distribuía aos alemães da cidade. A repressão policial foi imediata, quando Brand soltou fogos e promoveu um jantar em comemoração à rendição da Holanda. De fato, as comemorações relacionadas às vitórias nazistas durante a guerra aparecem em vários documentos, chamando a atenção dos policias e da imprensa (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1940a).

As fontes também nos permitiram verificar que Alfred Andersen controlava, a partir de Paranaguá, todo o trabalho do Partido na região litorânea. A propaganda circulava por meio de material enviado pela NSDAP de Curitiba e pelo rádio. Tem especial atenção nos documentos a Escola Alemã de Paranaguá, controlada pelos nazistas, sendo tema de diversas correspondências da NSDAP (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

É visível o interesse do Partido sobre a cidade de Paranaguá, devido, entre outros motivos, à sua localização portuária e importância estratégico-comercial. Andersen tentou até utilizar o porto para receber vasos de guerra alemães com intuito propagandístico (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

2.6 PERFIL DOS MILITANTES DA NSDAP/PR

No capítulo anterior, abordamos a questão do perfil dos indivíduos que ingressaram na seção brasileira da NSDAP. Foi possível demonstrar que o Partido se estruturava em base social fundamentalmente urbana, cujos integrantes pertenciam à classe média/alta, valendo-se, em sua maioria, de atividades dos setores secundário e terciário.

Para a análise desses aspectos, no que diz respeito à NSDAP/PR, foi possível retirarmos uma ‘amostra’ dos mais de 180 filiados, levando em consideração os nomes, sobre os quais a documentação policial mais se debruça³⁶. Não existe aqui, no entanto, a pretensão de estabelecermos um ponto final nesse quesito, mas, sim, elucidarmos, com longas pinceladas, qual era o perfil social dos nazistas do *Kreis* paranaense e o que explica, em grande medida, a filiação desses indivíduos ao Partido.

Adiantamos que o ‘tipo padrão’ do militante nazista paranaense pouco difere do que já foi apresentado para todo o país. Entretanto, pudemos dar atenção a alguns aspectos não abordados pelos autores que trataram do tema no âmbito nacional.

No Paraná, o Partido ‘tomou forma’, no sentido social, entre os anos 1933-1937, período em que se observa o maior número de filiações. Isso posto, voltando os olhos para as nacionalidades e as datas de nascimento dos militantes, podemos lançar luz sobre a questão geracional, já trabalhada no capítulo anterior.

36 Foram analisados 50 nomes, a maioria de alemães natos, recorrentemente considerados pela documentação como membros do Partido; para suprir as limitações das fontes policiais, buscamos o cotejamento com a literatura jornalística da época e um processo do Tribunal de Segurança Nacional. A média aritmética simples relativa à ausência de informações nos documentos da DOPS/PR gira em torno de 29,7%.

II – A NSDAP NO PARANÁ

Dos nazistas filiados à NSDAP/PR, dos quais obtivemos informações, a esmagadora maioria (81,3%) era composta por alemães natos – *Reichsdeutsche*; 6,9% nasceram na Alemanha e se naturalizaram brasileiros; igualmente, 6,9% eram brasileiros de descendência germânica; por fim, 4,6% compunham o grupo de brasileiros naturalizados alemães.

Dentro dessa baixa porcentagem de brasileiros na NSDAP/PR, devemos elucidar que, nas declarações formais à polícia, esses indivíduos negaram, acima de tudo, pertencer ao Partido. Podemos explicar tal fato observando que quase a totalidade dos depoimentos foi colhida em 1942, após o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha; no final da década de 1930, com a Campanha de Nacionalização, a NSDAP/BR – e a de outros países da América Latina – passaram a tomar cuidado especial com os chamados *Völkdeutsche*. Deste modo, uma comunicação enviada ao Círculo paranaense por Karl Spanaus elucidava:

Por motivos que já lhe são conhecidos, retiramos provisoriamente do nosso arquivo, todo o fichário dos alemães que nasceram aqui [no Brasil]. Todos os alemães que se naturalizaram, continuam a constar do archivo [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

O documento acima, mesmo sem apontar a data³⁷, é indicativo da existência de um conflito entre nacionalismos que se inicia quando o governo Vargas – com forte apoio dos governos estaduais no Sul – impõe uma política de abasileiramento da população dita ‘não assimilada’.

Por outro lado, a negativa quanto ao pertencimento partidário pode também estar ligada, em alguns casos, à própria estratégia

37 Acreditamos que se refere ao ano de 1938. Ver Seitenfus (2003).

do Partido. Os organismos paralelos, como a Juventude Teuto-brasileira e a Frente Alemã do Trabalho (DAF), serviam como válvula de escape para o ingresso dos *Völkssdeutsche* nas atividades da NSDAP³⁸, uma vez que era proibida a participação de brasileiros nas fileiras oficiais³⁹.

Quanto à data de nascimento, observamos que quase a metade dos aderentes (45,9%) nasceu na década de 1900; em segundo lugar, 21,6% nasceram na década de 1890 e, em terceiro, 13,5% nasceram na década de 1880. Somando os três dados, concluímos que algo em torno de 81% dos militantes participaram diretamente ou sentiram os efeitos da Grande Guerra (1914-1918). Corroborando essa afirmação, verificamos que 68,2% dos filiados entraram no Brasil na década de 1920, década do *boom* da imigração germânica no Paraná, motivada principalmente pelas agruras do conflito mundial.

Dentre as razões que levaram esses indivíduos da chamada *war generation* à adesão formal ao Nacional-socialismo em terras estrangeiras, podemos destacar a questão da manutenção do *Deutschtum*⁴⁰ – entendido como a preservação da pureza racial, da língua e identidade cultural alemãs – e do sentimento de “nacionalismo ferido” (RÉMOND, 1988, p. 94), haja vista que presenciaram – às vezes em armas – os horrores da guerra.

Com a ascensão do nazismo, o *Deutschtum*, após sofrer os percalços da derrota alemã na I Guerra Mundial, recebeu um revigoramento. Dessa forma, muitos imigrantes e descendentes

38 Sobre a DAF, ver Dietrich (2007a).

39 No Paraná, não pudemos encontrar fortes indícios de que a DAF arregimentava grande número de alemães para a causa nazista.

40 Germanismo é a tradução comumente utilizada pela historiografia. Contudo, na documentação é possível encontrarmos ‘germanidade’, ‘alemanismo’ e ‘alemanidade’.

II – A NSDAP NO PARANÁ

aderiram ao nazismo, entendendo-o como o símbolo do ‘renascer’ da pátria-mãe destruída pela catástrofe bélica⁴¹.

De modo frequente na documentação, os nazistas interrogados explicam o ingresso no Partido como uma resposta automática do nacionalismo. Ao ser perguntado, em folha manuscrita, se ainda era nazista e por que, Kurt Boiger afirmou: “É difícil de responder por que a gente é alemão” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1944c). Na mesma interrogação, Herbert Hebmüller respondeu:

[...] cheguei em 1929 ao Brasil e sempre trabalhei pacificamente em meu ofício. Quando soube que a Alemanha está [sic] sendo dirigida pela N.S.D.A.P. achei meu dever como alemão de aderir ao partido (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1944a).

Outro membro enfatizou que entrou para o Partido por “ser convicto de que a Alemanha precisava sair da caos [sic] e da miséria em que se achava” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c).

Tais falas demonstram o peso do nacionalismo, anterior ao nazismo, incidindo na decisão dos alemães. Muito mais, evidenciam o sentimento nacionalista lesado, injustiçado, que insiste em ver “a abolição dos erros cometidos pelo Tratado de Versailhes [sic], em baixo dos quais o povo alemão sofreu muito” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1944a), nas palavras de um militante.

41 De acordo com Gertz (1998), havia aqueles que entendiam o nazismo como manifestação do *Deutschtum* (principalmente em seus aspectos étnico-culturais) e outros que destacavam do nazismo os aspectos políticos. Estes últimos, muitas vezes, pretendiam subjugar as instituições germânicas sob o pretexto de serem representantes do ‘novo espírito alemão’.

Além do mais, o afastamento – muitas vezes compulsório – do *Vaterland* não se mostrou fácil, nas próprias condições materiais. Talvez com exceção do grande empresário ou industrial, entre os partidários no Paraná verificamos alto índice de migração interna em busca de melhores empregos, ou mesmo como resultado de acomodações dentro de uma mesma empresa.

Deste modo, temos que 55% dos nazistas vieram de outros Estados e/ou países e 15% migraram dentro do próprio Estado; portanto, 70% dos alemães adeptos enfrentaram esse tipo de percalço.

Em outras palavras, esses alemães se depararam com uma considerável dificuldade de fixação no exterior. Num sentido psicológico, podemos entender que, como forma de defesa dessa situação de ‘desamparo social’, esses alemães podem ter enxergado na NSDAP e nas suas instituições um local de segurança. Tal qual um ‘oásis’, o trabalho do Partido, juntamente com o Consulado, pode ter surtido esse efeito arregimentador.

Com relação à dicotomia interior/capital, temos que 65% dos filiados possuíam residência fixa na capital e 27%, no interior; 6,8% residiram no interior e migraram para a capital, ou vice-versa⁴². Dos interioranos, 8,6% residiam em áreas urbanas, os demais se instalaram nas colônias agrícolas. Portanto, 73,6% dos militantes residiam em áreas urbanas e a maioria, em Curitiba.

Esses dados estão diretamente associados à questão profissional. Para este ponto, 36,5% dos militantes declararam trabalhar na área de comércio (nesse aspecto fica difícil distinguir entre donos de casas

42 Os dados extraídos do trabalho de Moraes, anteriormente apresentados, referem-se a resultados de pesquisas elaboradas nos documentos do Tribunal de Segurança Nacional. O confronto com os dados retirados dos documentos da DOPS/PR mostra pequena discrepância.

II – A NSDAP NO PARANÁ

comerciais ou representantes delas); em seguida, três categorias com a mesma cifra, 9,7%: empresários e industriais, funcionários consulares e lavradores ou marceneiros; 7,3% para técnicos eletricitistas; finalmente, agrupamos profissões que apresentaram baixas cifras em uma categoria com 26,8% (bancários, dentistas, domésticas, engenheiros, estudantes, contadores, gerentes de empresa colonizadora, mecânicos, pastores, professores e relojoeiros).

Agrupando esses dados em outras duas categorias, podemos observar que 70,7% dos militantes possuíam profissões características de classe média e alta, as quais requerem instrução pelo menos em nível técnico; por outro lado, apenas 31,7% exerciam profissões características de classe média baixa e estão localizados em sua maioria no interior do Estado.

Esses resultados, quanto ao aspecto profissional dos partidários, também estão presentes na caracterização geral do nazismo no Brasil. Autores como Gertz (1987), Moraes (1996) e Perazzo (1999) já chamaram a atenção dos historiadores, há algum tempo, para o fato de que os alemães identificados como defensores cômicos da causa nazista não pertenciam a grupos colonizadores rurais.

Dessa forma, se o foco da atividade nazista no Brasil se concentrou nos grandes centros, seria um equívoco não incluímos o Paraná na lista das localidades que apresentam tal propriedade – mesmo que em menor intensidade. Assim como em São Paulo e no Rio de Janeiro, a maioria dos ingressos no Partido pertencia a um grupo urbano: pequenos ou mesmo grandes proprietários, técnicos e/ou funcionários qualificados que “mantinham ligações diretas com empresas e consulados alemães, dependendo deles para sua permanência e sustentação econômica [...]” (PERAZZO, 1999, p. 65).

Estabelecemos, destarte, uma categoria de classificação que leva em conta o local de trabalho. Os resultados giram em torno da ideia de ‘contato constante com a Alemanha’: indivíduos que imigraram com o fito de trabalharem em empresas alemãs, ou em firmas dirigidas por alemães, em entidades consulares, ou ainda em associações de caráter germânico com ligação no *Vaterland*⁴³. Para esse conjunto, temos a singular marca de 84,8% dos filiados; enquanto 15,1% imigraram por conta própria ou trabalharam em locais que não se encaixam nesse perfil. Tal conjunto de ‘locais de trabalho’ demonstra que a conexão com a Alemanha é fator elucidativo para entendermos a adesão às fileiras do Nacional-socialismo.

Temos assim o perfil dos militantes nazistas no Paraná com essas cinco categorias. Em sua maioria, os filiados eram alemães natos, provenientes da *war generation*; possuíam residência fixa na capital e cerca de ¼ no interior; apresentavam profissões características de classe média e alta, nas quais estava presente o forte vínculo com a Alemanha.

Abrimos aqui um parêntese. Observando tais assertivas, acreditamos que os referenciais externos são mais válidos para explicar a adesão desses indivíduos à NSDAP, do que qualquer aspecto cultural ou político local. Afirmamos isso, uma vez que, se levarmos em conta a presença de integralistas e fascistas italianos no Paraná da década de 1930, alguém pode ser tentado a fazer associação entre a adesão ao nazismo e a cultura política paranaense, tradicionalmente entendida como conservadora e mesmo autoritária. Não podemos falar sobre as outras vertentes

43 Citemos algumas dessas instituições: Banco Alemão Transatlântico; Química Bayer; Companhia Hamburguesa de Navegação; Escola Alemã de São Mateus; Colégio Alemão de Curitiba (Colégio Progresso); *Gesellschaft für Siedlung im Ausland*; Igreja Luterana; Impressora Paranaense Ltda.; Livraria Alemã; Müller e Irmãos; Oficina de Arte Mobiliária; Mina de carvão *Köhle*; Sociedade Alemã de Estudos Terrestres; Tigges e Cia.; Varta do Brasil; Westphalen, Back e Cia. (Hamburgo).

II – A NSDAP NO PARANÁ

fascistas, mas com relação ao nazismo é muito provável que tal característica estadual pouco (ou nada) tenha influenciado no ‘ingresso formal ao Partido’.

Gostaríamos, ainda, de dar destaque para a questão da base de sustentação financeira da NSDAP/PR. Os documentos mostram que os militantes ‘comuns’ pagavam um ‘donativo’ de 5\$000 mensalmente. Não obstante, observamos que um pequeno grupo – cujos membros situam-se em grande parte na classe alta – sustentava as atividades do Partido com pesadas contribuições mensais. Citemos dois exemplos.

A respeito de Hans Bennewitz, Vice-líder da NSDAP/PR, Kurt Maeckelburg coloca: “Hans Bennewitz, diretor da companhia telefônica do Paraná, também é elemento nazista [...] e por ser senhor de fortuna sempre auxiliou aquela propaganda nas suas festas, com grandes auxílios” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938c).

Max Schrappe, proprietário de uma das maiores empresas gráficas do Paraná na época, a Imprensa Paranaense Ltda., também figura nesse grupo. A Imprensa era uma empresa de longa tradição em Curitiba, fundada em 1888 pelo industrial Ildephonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul. Sócio da firma a partir de 1912 e único proprietário após 1922, Schrappe também foi tesoureiro do Partido Nazista na pós-fundação e prestava serviços de impressão para o Consulado⁴⁴. Nos documentos encontramos um pedido da NSDAP

44 A Imprensa Paranaense – que figurava nas listas negras norte-americanas e inglesas – teve dificuldades para continuar o trabalho no pós-guerra devido à truculência da DOPS em conceder certidões limpas. Além do fato de ser uma empresa cujo dono era alemão, é possível que esse tipo de acontecimento tenha relações com disputas político-econômicas locais (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938-1945d, 1938-1945e).

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

ao Sr. Max Scharappe para que este subscreva um donativo mensal de 200\$000 a 300\$000 pelo prazo de 2 anos, como fazem os Pg. Cônsul Mueller, Schmid, Wawretzko, Bennewitz, Hoffmann, Garbers (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Concluímos, assim, que o ponto de sustentação do Partido encontrava-se nesse seletto grupo de empresários que financiava suas atividades com somas superiores às dos demais membros.

Na lista de colaboradores acima, podemos encontrar também funcionários consulares, o que nos adverte para uma estreita relação entre o Consulado da Alemanha em Curitiba e a NSDAP. Vejamos com mais detalhes a ação conjunta das duas entidades.

2.7 A PROXIMIDADE COM O CONSULADO

Nos princípios nazistas a respeito da estrutura estatal – o *Führerstaat* – não existe razão para qualquer distinção entre Partido e Estado (SILVA, 2000, p. 134). Sendo assim, as representações consulares, ‘naturalmente’, deveriam cooperar com as atividades dos grupos partidários além-*Reich*, além de fazer seu trabalho normal de assistência aos concidadãos no exterior.

Temos reforçado, neste trabalho, que essa naturalidade se mostrou aparente em muitos aspectos. Assim como em outras questões, o caso da relação do Consulado Alemão de Curitiba com o Partido Nazista indica situação conflituosa.

Ora, se voltarmos novamente os olhos para os depoimentos de Werner Hoffmann, fica patente a dificuldade que o Partido enfrentou diante desse órgão consular, pois, juntamente com as sociedades, clubes e associações, Hoffmann coloca que o Consulado

também teve que ser ‘tomado de assalto’ (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Os documentos inseridos no dossiê ‘Consulado Alemão’ da DOPS/PR pouca coisa nos indicam a respeito dos embates entre Partido e Consulado, uma vez que se referem ao contexto do desmanche dessa Instituição, na onda repressora de 1942. De tal modo, os textos não despejam muita atenção à atuação do Consulado antes de 1938. Ainda assim, baseando-se em outras fontes, tentaremos demonstrar o sucesso da NSDAP em utilizar o Consulado como aliado na tarefa a que se propunha e os embates iniciais que tornaram possível tal feito.

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou praticamente todo o período sem emissário consular em Curitiba e, entre 1920 e 1927, apenas encarregados de negócios representaram a Alemanha. Citamos Wilhelm Schack e Hans Garbers, como indivíduos que estiveram no cargo. Somente em fins da década de 1920, a República de Weimar enviou um cônsul com carreira diplomática. Tratava-se de Ludwig Aeldert, que permaneceu no cargo após a ascensão do nazismo, sendo substituído em meados da década de 1930 (MILARCHI, 1986).

No contexto da primeira metade da década de 1930, a presença do Cônsul Aeldert representava um entrave na relação ‘natural’ entre o Partido e o Consulado. Os nazistas limitavam-se à atuação autônoma, sem, contudo, usufruir da representação oficial dos alemães no exterior como base de apoio.

O próprio Hoffmann nos indica a circunstância, afirmando que “com a retirada do cônsul Aeldert melhorou muito a situação e então organizou-se [sic] a Hitler Jugend [...] fundou-se a Frente do Trabalho, a Liga das Senhoras etc.” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

Deste modo, é possível depreender que, na visão de Hoffmann, a limitação para a ampliação das atividades do Partido e a organização das células paralelas era crédito do trabalho de Aeldert; Martins também coloca que “em Curitiba, havia o consul Aeldert, o qual por não querer permitir a oficialização do N.S.D.A.P. no Paraná foi daqui removido [sic]” ([1942], p. 126); Por volta de 1936, o já referido protesto da colônia alemã de Curitiba contra a NSDAP informava: “até mesmo conseguiram [os partidários da NSDAP], por intermédio de um fidalgo parente, fazer cair um próprio cônsul do *Reich*!” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

Cabe também recordarmos que os números citados na Tabela 3 demonstram que o *boom* do Partido se deu no início da segunda metade da década de 1930, momento em que o Ludwig Aeldert não estava mais na função.

O relato mais revelador a respeito dessa questão é o de Ricardo Kempfer. Um dos dentistas mais conceituados de Curitiba no período, Kempfer foi membro do Partido, inclusive participou da fundação do Círculo. Apesar disso, seu depoimento diverge dos demais pela clareza da explanação a respeito de seu pensamento como imigrante alemão e sua concepção sobre política.

Resumidamente, Kempfer acreditava que entrar para o Partido naquele momento era ‘obrigação’ dos alemães, dada a situação caótica em que se encontrava sua pátria. Ingressar na NSDAP era uma forma de reconhecimento do trabalho dos Nacional-socialistas. Uma vez dentro, e observando o *modus operandi* dos militantes, sua posição a respeito do nazismo tornou-se diametralmente antagônica. Como opositor, Kempfer não receou expor dados sobre a trajetória do Partido no Paraná e a truculência de seu líder para com os alemães. No seu depoimento, podemos ler:

II – A NSDAP NO PARANÁ

[...] nesse tempo [primeiros anos da década de 1930] ainda o partido não tinha ligação nenhuma com o Consulado, e, muito ao contrário, Werner Hoffmann e Otto Benevitz [Hans Benewitz], organizadores e chefes nazistas no Paraná, viviam em luta com o então Consul Aeldert, o qual era contra a maneira bruta com que desejavam, os nazistas, se implantar aqui, pois os nazistas procuravam, até, oprimir ou influenciar o consulado, para ficarem mandando dentro da colônia alemã do Estado [sic] [...] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c).

Kempfer ainda aponta para uma bipolarização entre os alemães de Curitiba acerca da pessoa de Ludwig Aeldert. Afirmar que sofreu represálias da NSDAP quando participou de uma

demonstração de simpatia que os **brasileiros natos e de descendência alemã e os alemães que não simpatisaram com o Partido**, tinham feito, no Teatro Guairá, a favor do Consul da Alemanha, Snr. Luis Aeldert, com o qual e com cuja família mantemos, desde o ano de 1931, uma profunda e cordial amizade (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c, grifo nosso) [sic].

Enfim, a ‘tomada do Consulado’ significou a troca do cônsul geral da Alemanha em Curitiba. Em seu lugar foi designado Walter Zimmermann⁴⁵, que permaneceu no cargo até o início de 1942, quando o Consulado foi fechado pelo governo brasileiro e seus funcionários seguiram viagem para a Alemanha. A partir de então, os alemães utilizaram os serviços do Consulado Espanhol.

Com o novo cônsul, o trabalho conjunto e a quase submissão da instituição consular ao Partido tornam-se evidentes. Em

45 Encontramos esparsas referências a respeito de outro cônsul de nome Muller, que provavelmente trabalhou pouco tempo, entre a saída de Aeldert e a chegada de Zimmerman.

alguns casos, a NSDAP parece dominar mais informações sobre a comunidade germânica do que o próprio órgão oficial do governo alemão⁴⁶.

Quando, em 1939, o partidário de Terra Nova, Rudolf Mayer, escreve carta ao Consulado pedindo para que sua pensão mensal continue e de forma integral, Zimmerman não decide por si só. Remete a questão imediatamente a Werner Hoffmann, que dá parecer negativo, desqualificando Mayer como ‘elemento questionador’:

O mencionado é um conservador e gosta de bancar o importante e tem por princípio de estar sempre em oposição. Em Setembro de 1936 propôs-se para entrar no Partido Nacional Socialista dos Operários Alemães (NSDAP) e está com o nº 3.733.592, com a data de 1º de Agosto de 1936. Na minha opinião ele somente entrou para o partido para garantir a remessa de sua renda, pois sobre algum trabalho ativo em prol do partido nada consta (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939d).

Mayer queixava-se que sua pensão atrasava e, quando vinha, era percebida pela metade:

[...] nunca tive ocasião de ficar satisfeito, desde que estou no Brasil, com referencia a minha renda, visto como em cinco anos e meio que estou aqui, ainda nem um ano sequer recebo-a pontualmente. Alguns meses seguidos ela vem pontualmente, de repente, sem aviso algum, a mesma é suspensão, esta incerteza é capaz de arruinar os nervos mais

46 Nos documentos apreendidos pela 5ª Região Militar, podemos encontrar o Consulado pedindo uma série de informações ao Partido: número de “emigrantes existentes no Paraná, onde eles se acham e qual sua conduta em relação ao nazismo. É considerado emigrante todo aquele que deixou a Alemanha por ser contrário ao nazismo e especialmente estes que são devido à questão racial”. (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

II – A NSDAP NO PARANÁ

resistentes. O que mais me exaspera, é o fato de eu como partidário e como inválido, constantemente encontro dificuldades para receber minha renda, enquanto de outro lado, o Governo, para o piores elementos da colonia põem a disposição divisas [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939c).

Günther Wrawetzko, Secretário do Consulado, em carta à seção de divisas do *Reich*, confirma a posição de Hoffmann: “pede ao consulado remeter sómente a metade da renda ao snr. Rudolf Mayer. O Consulado também há muito tem conhecimento que o snr. Mayer é elemento questionador [sic]” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939e). O extrato da conta corrente do Consulado de Curitiba demonstra que, entre agosto de 1939 e janeiro de 1942, Rudolf Mayer recebeu apenas 199\$300, em 27 de agosto de 1940 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942L).

Pouco podemos ler nos documentos a respeito do trabalho do ‘Cônsul Zimmermann’, exceto quando se iniciam os procedimentos para a expulsão dos funcionários do Consulado. Contudo, a figura de Hoffmann aparece, de forma recorrente, atrelada às atividades do órgão. Não àquelas que dizem respeito ao seu pseudoemprego de caixa, mas ao gerenciamento das questões ligadas à comunidade alemã. Deste modo, referindo-se ao líder nazista antes de seu retorno à Alemanha, alguns depoentes utilizam expressões como ‘quando Hoffmann ainda se achava no consulado’. Ora, a sede do Partido era a Gustloff-Haus, não o Consulado, porém este aparece invariavelmente como ponto de referência para a NSDAP/PR.

Otto Braun, um dos secretários do Consulado e responsável por uma gama de atividades referentes aos teutos no Estado, resume a situação do período pós-Aeldert:

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

[...] no Consulado Alemão desta Capital eram atendidos, também, os interesses políticos da Alemanha, isto é, do Partido Nazista. [...] todos os elementos do Consulado se interessavam, com entusiasmo, pela causa da Alemanha, pelo Partido Nazista e pelo führer Adolfo [sic] Hitler (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942f).

Concluindo, gostaríamos de apontar que, não apenas naquilo que se reporta às atividades nazistas no Paraná, a ação conjunta do Consulado e do Partido está presente na seção brasileira da NSDAP de forma geral; Seitenfus é enfático quando escreve:

No caso do Brasil, a disputa entre a NSDAP e a *Wilhelmstrasse* é sobretudo acadêmica, pois existe uma justaposição marcante entre as atividades da seção brasileira da NSDAP e as dos representantes consulares e diplomáticos (SEITENFUS, 2003, p. 37).

Como corolário, uma das atividades que mais aproximava o Partido do Consulado era a propaganda. Isso foi possível pelo fato de que, até 1942, os consulados gozaram de certa liberdade e imunidade de ação entre seus cidadãos. Assim, o termo ‘material de propaganda do Consulado’ soava menos suspeito do que ‘material de propaganda nazista’. Na prática, as atividades dos dois órgãos se coordenavam como veremos a seguir.

2.8 A PROPAGANDA NAZISTA

No Paraná, uma variedade de artifícios de propaganda foi utilizada entre os teutos, tanto na capital quanto no interior. Podemos dividir essas estratégias entre propaganda escrita, radiofônica,

cinematográfica e uma quarta categoria que chamaremos de ‘presencial’.

A chefia desse departamento cabia a Alfred Andersen, que também ocupou a função de Vice-cônsul em Paranaguá, como já apontamos. Grande parte das atividades propagandísticas se desenvolvia a partir do Consulado Alemão. Por isso, muitas vezes, os documentos apresentam Andersen como chefe de propaganda do Consulado.

Certamente, os órgãos consulares alemães deram grande atenção à propaganda do *Deutschtum*, décadas antes da ascensão do nazismo⁴⁷. Porém, quando este alcançou o poder, a mescla entre germanismo e propaganda política passou a fazer parte da pauta dessas instituições, de forma geral.

Assim, entendemos que não existe razão para distinguirmos entre propaganda do Consulado e do Partido. Os órgãos se entrelaçavam nas atividades de recebimento e circulação dos materiais impressos, na atração de ‘homens-panfleto’ (lideranças nacionais que frequentemente palestravam sobre o nazismo e a ‘Nova Alemanha’) e na divulgação pelo rádio.

Com relação à propaganda escrita, foi possível examinarmos que grande quantidade de material vinha da própria Alemanha, muitas vezes por meio de correspondência diplomática, o que barateava o custo do transporte. Assim, a NSDAP/PR recebia materiais tanto do Rio de Janeiro, via embaixada, quanto de São Paulo, via NSDAP/BR. Contudo, também encontramos vestígios

47 Sobretudo a partir da queda de Bismarck, no fim do século XIX, a Alemanha passou a valorizar o emigrado como possibilidade de mercado consumidor cativo da crescente indústria alemã. Essa política, inserida na *Weltpolitik* alemã, será “compreendida” pelos círculos políticos norte-americanos, ingleses e brasileiros como possibilidade de anexação territorial alemã no Brasil meridional. Ver Gertz (1991) e Vogt (2002).

de que a Imprensa Paranaense Ltda., de Max Schrappe, produzia material de propaganda para o Consulado (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1951).

Os panfletos e folhetos que encontramos tratam de dois motes em geral: propagandas centradas nos discursos de Hitler e contrapropaganda frente aos ingleses, franceses e norte-americanos, no período da Segunda Guerra (Ilustração 9). Foi possível encontrarmos menção da distribuição de panfletos em quatro línguas: alemão, inglês, francês e português.

Alguns documentos são enfáticos no que diz respeito à necessidade de não deixar ‘as colônias mais afastadas’ sem material de propaganda. A liderança de São Paulo chega a se comunicar com a chefia em Curitiba, ordenando “que os grupos nas cidades têm que fazer o possível para remeter para o interior livros, revistas e jornais, pois os colonos não tem recursos para adquirir este material tão importante [sic]” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Com relação ao trabalho da imprensa teuto-brasileira, não encontramos nenhum jornal de cunho nacional-socialista produzido no Paraná. Apenas verificamos que alguns partidários recebiam o periódico paulista *Deutscher Morgen*, cujo redator era o próprio chefe nacional da NSDAP, Hans Henning von Cossel. O *Deutscher Morgen*, como já afirmamos, em determinado momento passou a ser o único periódico permitido para os filiados no Paraná (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Por outro lado, comprovamos também a existência de um jornal germânico de oposição, produzido em Curitiba. Trata-se do jornal católico *Der Kompass* que, assim como o curitibano *Diário da Tarde* (obviamente, sob outro ponto de vista), desferia duros golpes à ação dos partidários.

II – A NSDAP NO PARANÁ

Certamente outros periódicos editados fora do país poderiam ter circulado no Estado. Temos o caso concreto de outro jornal católico de oposição, este confeccionado na Holanda, o *Der Deutsche Weg*⁴⁸, que publicou o protesto dos teuto-brasileiros de Curitiba contra a NSDAP/PR, suprarreferido.

Ainda no que tange à propaganda escrita, também constatamos que os nazistas despendiam esforços para introduzir artigos (em geral, de contrapropaganda) em jornais citadinos. Acerca disso, Hoffmann agradece ao partidário Herold, de Ponta Grossa, por este

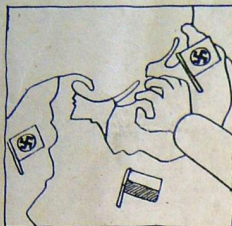
ter conseguido a publicidade no ‘Diário dos Campos’ sobre o comunismo e nacionalismo. [Pedindo] que se aproveite de pessoa bem relacionada falando bem o vernáculo, para colocar mais artigos [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Em 1938, a NSDAP/PR empreendeu grande esforço para divulgar um artigo de Marcos Konder, líder da Federação 25 de Julho⁴⁹ em Santa Catarina. O texto criticava, com veemência, a campanha abasileirante de Getúlio Vargas sobre escolas, clubes e associações germânicas. Konder foi processado pelo governo federal e Otto Braum entrou no processo a reboque, por se envolver na tentativa de publicação do referido artigo.

48 O *Der Deutsche Weg* (O Caminho Alemão) foi um jornal de resistência ao nazismo, editado pelo padre jesuíta Friedrich Muckermann (1883-1946). Banido da Alemanha, em 1933, Muckermann exilou-se na Holanda, onde editou o periódico até 1940.

49 Associação cultural composta por *Völkedeutsch*, criada em 1936, como espécie de válvula de escape para o problema dos teuto-brasileiros que queriam participar das organizações nazistas. No contexto da campanha de nacionalização, a Federação 25 de Julho foi protagonista de incidentes diplomáticos entre Brasil e Alemanha (SEITENFUS, 2003).

John Bull e as nações pequenas



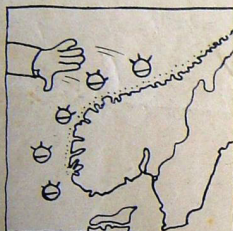
O polaco: Danzig é a Prússia Oriental para a Polónia!
O alemão: Eu sei, que a Inglaterra te assiste nas tuas exigências; não faças, porém, ameaças que te podem sair bem caras.



O polaco: Acudam-me, acudam-me que já estou sem forças!
John Bull: Aguenta, meu caro, aguenta!



O mundo: Arre-ho-se a Polónia!
John Bull: Os últimos sovietos e soldados polacos podem servir-me de grande proveito. O suor desta gente também vai ser posto no seguro...



John Bull: Só esta meia dúzia de minas, meu caro norueguês! O direito das gentes é a Alemanha? Não te dê isso cuidado!



O norueguês: Aqui tens a minha marinha mercante.
John Bull: Juro-te que não te acontecerá nada.



O norueguês: Então isto é que é o auxílio britânico?



A holandesa: Chega aqui, querido John Bull!
John Bull: Podes ter a certeza de que eu irei.



A holandesa: Ai, ai, que lá vem o alemão!
John Bull: Que venha! Ele não irá encontrar coisa que lhe sirva.



A holandesa: Para onde vais com o meu ouro?
John Bull: Vamos pô-lo em segurança em Londres...

Ilustração 9: Material de contrapropaganda em português, produzido em Hamburgo; encontrado pela polícia em Foz do Iguaçu
Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS (1939f).

Na documentação, é evidente que a euforia relativa à distribuição da propaganda era alternada com atitudes de cautela e seleção, no intuito de evitar um conflito aberto com as autoridades brasileiras. Principalmente após dezembro de 1937, qualquer manifestação germânica poderia ser entendida como antibrasileira, e isso acarretaria uma completa dissolução das organizações que fossem flagradas propagandeando. Portanto, manter o ‘silêncio em meio à propaganda’ parece ter sido a condição imposta pela situação, para que fosse mantida a divulgação do nazismo.

Assim, para as regiões do interior do Paraná, as lideranças em São Paulo recomendavam ‘observar qualidades das remessas, inutilizando o que não servir’. Quando a *Kölnische Zeitung* publicou um artigo que abordava a população brasileira com o título *Senegalezes e negros*, Hoffmann solicitou “ao chefe da imprensa em Berlim providências para evitar esses artigos, pois, os Brasileiros podiam se ofender por serem chamados de ‘Senegalezes’” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Da mesma forma, existia um cuidado com relação aos materiais censurados na Alemanha. A NSDAP/PR recomendou que o livro do pastor Siegfried Heine *Als deutscher Pfarrer und Schulleiter in Südbrasilien* (Minha atuação como pastor alemão e dirigente escolar no sul do Brasil)⁵⁰, proibido na Alemanha em 1937, fosse recolhido de todas as livrarias que comercializavam livros de interesse nazista (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Também foi possível averiguar, entre a documentação policial, que o cinema e o rádio eram outras formas de propaganda

50 Certamente, a censura não foi imputada devido à total discordância dos nazistas a respeito do conteúdo do livro. Trata-se de uma obra que critica abertamente os brasileiros, com forte tom racista, o que poderia gerar conflitos diplomáticos entre as duas nações (GERTZ, 1991).

empregadas pelos nazistas. Em março de 1942, a polícia prendeu um dos membros da NSDAP, conhecedor da cinematografia, Herbert Hebmüller, que declarou trabalhar no Partido como

auxiliar de operador cinematográfico, por ocasiões em que foram exibidos nesta capital, sob o patrocínio do referido partido, funções cinematográficas de propaganda da cultura alemã (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c).

Os filmes eram recebidos diretamente da Alemanha ou por intermédio da Companhia ‘Estradas de Ferro Alemãs’, oficialmente uma empresa subordinada ao Departamento de Turismo Alemão, voltada para o fomento da atividade turística, com escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na verdade, de acordo com Perazzo, a ‘Estradas de Ferro Alemãs’, além de distribuir material de propaganda nazista, servia como foco de espionagem do *Reich*, principalmente no Rio de Janeiro (PERAZZO, 1999).

O uso de filmes, como explicava o Vice-líder Benewitz, era um dos métodos mais eficazes e menos ‘repelentes’ de propaganda: “Apresentações de films culturaes são o melhor meio de propaganda, **não precisando assim os chefes do partido evidenciar-se como tais perante a colônia alemã**” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938, grifo nosso).

De acordo com Souza (2002), nas escolas alemãs de Curitiba também eram exibidos filmes acerca da ‘Nova Alemanha’ e do Nacional-socialismo. Os filmes eram patrocinados pelo *III Reich* e produzidos pela Liga Nacional dos Professores Teuto-Brasileiros (*Landesverband Deutsch-Brasilianischer Lehrer – LDL*).

A ‘seção de rádio’, como era chamada, tinha como diretor o técnico mecânico Charles Toedter, que fora empregado

II – A NSDAP NO PARANÁ

na Companhia Força e Luz do Paraná até a Campanha de Nacionalização. Apesar do ‘silêncio’ de seu dossiê na DOPS/PR, verificamos através de algumas correspondências do Partido que Charles era responsável por esse ramo da propaganda.

Toedter distribuía discos para gramofone e apresentava o programa ‘A hora alemã’ na rádio PRB-2 Rádio Clube Paranaense. Seu programa foi cortado em 1938 e sua participação no ar, restrita. Em correspondência a São Paulo, Toedter afirmava que conseguiu “passar música alemã 1 vez por semana gratuitamente” e acrescentava: “Vamos ver se futuramente poderemos recomeçar com a hora alemã, pois, a estação do radio [sic] tem todo o interesse, pois, deixa de receber os nossos subsídios” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Os tais subsídios vinham do Ministério da Propaganda do *Reich*, como expõe uma carta do tesoureiro da NSDAP, de 17 de janeiro de 1938: “500 marcos dados pelo Ministério de Propaganda [...] para o rádio de Curitiba” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938). Contudo, acreditamos que a maior parte da propaganda via rádio recebida pelos teutos vinha de além-mar, por meio da recepção das emissoras alemãs. Após 1938, e com mais ênfase depois de janeiro de 1942, a polícia apreendeu rádios receptores na casa de grande parte dos militantes e alguns deles assumiram que possuíam o aparelho para ouvir transmissões oriundas da Alemanha (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1940a).

No método de propaganda que denominamos ‘presencial’, enquadramos o trabalho de líderes nacionais em viagens de propaganda ao Paraná. Tais viagens eram entendidas pela liderança como verdadeiros ‘tônicos’ da doutrinação, principalmente se

voltadas para as colônias do interior, afastadas da agitação política da capital.

Em dezembro de 1937, Hoffmann avisava aos chefes de Ponta Grossa, Castro, Terra Nova, Paranaguá e Rio Negro-Mafra a respeito de uma viagem de dois auxiliares dos líderes nacionais. Tais indivíduos vinham “com fito de realizar estudos no Paraná (*zu Studienzwecken in Paraná*), pretendendo fazer uma pequena viagem circular pelo estado” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, DOPS, 1937c).

A insistência da liderança local em utilizar esses ‘homens-panfleto’ vindos de São Paulo, ou mesmo da Alemanha, parece ter desagradado até aos chefes nacionais da NSDAP. Em correspondência a Karl Spanauss, Hoffmann justifica a necessidade da utilização desse método de propaganda com o excerto mais citado pelos agentes repressores da DOPS/PR:

Curitiba deve merecer a atenção, pois é o ponto mais importante. É o Paraná que faz divisa entre o norte do país, que tem população luso-brasileira, e o sul, onde predomina o elemento teuto. Justamente por esse motivo aqui no Paraná sempre há estes atritos – brigas, desavenças entre nazistas e anti-nazistas – que se originaram em vista da ação necessária para a manutenção da idéia alemã. Este problema não se conhece nos outros Estados. É o Paraná o ‘front’ perigoso que precisa ser reforçado, assim como nos campos de batalha são reforçados os pontos que vão sofrer os ataques principais (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, DOPS, 1933-1938).

Em suas declarações, o líder da NSDAP/PR explicou, a respeito do trecho acima, que

seu objetivo [era pedir] ao senhor Spanau que enviasse sempre ao Paraná um elemento da Alemanha para entre seus concidadões fazer conferências sobre o estado novo

II – A NSDAP NO PARANÁ

da Alemanha afim de que não apagasse nos colonos aqui domiciliados a ideia, a cultura e a mentalidade alemã [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938a).

O pedido é referente à vinda de um orador, certo Dr. Ott. Em resposta ao Paraná, a liderança nacional exortava não ser

possível demorar muito tempo no Paraná **pois o front esta em perigo em toda parte e não pode ser salvo por oradores e sim pelo trabalho sistematico dos diversos grupos** [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938, grifo nosso).

Também encontramos evidências da visita de um representante do estado alemão de Schaumburg-Lippe, chamado pelos nazistas de ‘príncipe’. O “príncipe Schaumburg-Lippe” participou de festas da *Handwerker*, e sua esposa teria recebido “instruções para fazer valer sua influência junto às mulheres nazistas”. Tal “viagem de propaganda” – como é chamada pelos nazistas – deveria ser discreta: “considerada como se fosse uma viagem toda particular que o mesmo está fazendo com sua esposa” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Podemos incluir nessa categoria de propaganda a ação nazista nas escolas alemãs do Paraná. A documentação aponta que os partidários não tiveram facilidade para inserir professores de orientação nacional-socialista em escolas do interior e da capital. É possível encontrar Hoffmann tentando ‘encaixar’ professores pró-NSDAP no Colégio Progresso (ex-Colégio Alemão de Curitiba), “onde faltam professores nazistas que ajudem a tarefa ardua dos nazistas em Curitiba” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Como exemplo acerca do interior do Estado, tarefa árdua também tinha o Partido nas escolas de Londrina e Nova Danzig (Cambé). As correspondências que chegavam ao Consulado e à NSDAP sobre o trabalho nas escolas teutas da região se contrapõem. Enquanto grupos pedem a interferência consular para retirar a influência nazista, outros se queixam da falta de controle do Partido sobre as escolas.

Poderíamos mencionar outros exemplos, mas foge ao nosso objetivo adentrar demasiadamente na questão das escolas germânicas, uma vez que buscamos aqui mapear os canais gerais de propagação do nazismo entre os teutos do Paraná. Cada um desses tópicos – jornais, impressos, emissoras de rádio etc. – são merecedores de trabalhos específicos que, reiteramos, só sairão das pranchetas se a documentação referente for disponibilizada à comunidade acadêmica.

Formamos, portanto, um panorama das atividades de propaganda da NSDAP no Paraná. Analisaremos a partir de agora o *feedback* da empreitada nazista entre os teutos em Curitiba. De outra forma, tentaremos mostrar a interferência dos nazistas no cotidiano de uma comunidade germânica, bem como elucidar os fundamentos da reação da mesma contra os hitleristas.

2.9 Os CISMAS INTERNOS: A AÇÃO DOS PARTIDÁRIOS E A CRÍTICA DA COMUNIDADE ALEMÃ

“A noite de 1 de maio não foi uma noite de [germanismo], mas de um partido alemão”⁵¹

51 Arquivo Público do Paraná. DOPS (1936b).

II – A NSDAP NO PARANÁ

No início dos anos 1930, quando Ricardo Kempfer – o já citado dentista curitibano, dono de um dos mais bem equipados consultórios cirúrgico-odontológicos da cidade – encontrou-se pela primeira vez com Werner Hoffmann, aquele foi interpelado se ‘era Alemão’. Com a resposta afirmativa, o futuro chefe nazista do *Kreis-Paraná* prosseguiu: “Então o Senhor vai, *naturalmente*, entrar para o nosso Partido” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c, grifo nosso). Kempfer pensou e acabou aceitando o convite para participar da festa de fundação do Partido Nazista.

Na comemoração, que contou com a participação do *Landesleiter* (Chefe Nacional) Hans Henning von Cossel, Kempfer decidiu ingressar no novo núcleo de Curitiba como ‘membro provisório’. Uma foto foi tirada do grupo fundador, ainda na sede do Batel, e o dentista figurou entre os *nazis*. Provavelmente alguns indivíduos na foto se arrependeram do feito. A imagem serviu de referência para a ‘caça’ de vários alemães, alguns sobre os quais o carro-chefe das acusações que lhes imputava a polícia política era o fato de figurarem “em fotografia de maiores hitleristas desta Capital e do estado” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c).

Homem letrado, Kempfer escreveu uma carta em que expôs sua vida política e social ao Secretário do Interior e Justiça, Capitão Fernando Flores. Conseguiu a liberdade, depois de cinco meses de cadeia. Sua esposa teve de vender o consultório para pagar as dívidas acumuladas pela ausência do mantenedor. Consultório que, aliás, localizava-se, a partir de 1941, não mais em Curitiba, mas em Londrina. Provavelmente, o dentista procurou refúgio longe das possíveis tensões políticas na capital, em virtude de ser um ‘partidário’ desapontado. Em seu auto de declarações explica:

Aquela organização política a que havia dado apoio em virtude de ser um convicto de que a Alemanha precisava

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

sair da caos e da miséria em que se achava, não poderia prevalecer sem colidir com os demais povos, pois, estava se implantando de forma muito violenta e pondo em prática princípios que teriam de provocar reações [...] não concordava com a forma de luta aberta contra todos os judeus, sem distinção, e no avanço às fortunas particulares. [Senti] por diversas vezes revolta ante as imposições de Werner e Benvitz, imposições, essas, que iam até as coisas mesquinhas [...] não se podia fazer crítica alguma à política alemã e você já recebia como revide a imposição: ‘Cale a boca, pois você não é chefe’ [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c).

Atribuímos destaque para essa pequena história pessoal de Ricardo Kempfer com o propósito de ilustrar nosso entendimento acerca da receptividade à ação dos partidários entre os teutos. Hoffmann e os *Parteigenossen* (partidários) acreditavam e agiam como se possuíssem, além do manto do nazismo e do *III Reich* (a ‘Nova Alemanha’), o estandarte da representatividade dos alemães residentes fora da terra natal. Por isso se tornava ‘natural’ que Kempfer ingressasse no ‘nosso Partido’, como pretendiam.

Essa postura está longe de ser exclusiva dos nazistas no Paraná. Gertz registra que para Santa Catarina e Rio Grande do Sul

o motivo principal para o surgimento da oposição aos nazistas era que estes julgavam que, quando o nazismo assumiu o poder na Alemanha, tinha chegado sua hora de assumir a liderança sobre todos os teutos no Brasil. E isto significava sobretudo a liderança das escolas e das sociedades culturais e recreativas e o direito exclusivo nas promoções de qualquer espécie (GERTZ, 1987, p. 86).

O caráter truculento e impositivo foi a base comportamental dos partidários na tentativa de estabelecer domínio sobre a

comunidade germânica. Os boicotes, tramoias, pressões sociais, políticas e econômicas sobre os alemães inserem-se na regra desse jogo que, de acordo com a mentalidade dos partidários, já estaria ganho antes do apito inicial. Sentiam-se como ‘estabelecidos’ (e em certo sentido o eram, uma vez que monopolizavam a política do país de origem) por um constructo étnico-político (arianos nazistas) e tentaram impor sua liderança mediante essa pseudoautoridade pré-afixada.

Não havia necessidade de pleitos; a mediação política da NSDAP no Brasil não visava ao convencimento de alguém em um sistema de livre escolha. Antes, tencionava persuadir os indivíduos para que se integrassem ou definitivamente se excluíssem da *Völksgemeinschaft*. Uma vez excluído e estereotipado, dentro da convicção preconcebida e classificatória do nazismo, o não-adepto (um *outsider*, na visão dos partidários) era passível de represálias por parte dos ‘ínsitos’ (ELIAS, 2000).

Alguns episódios, como o ocorrido com o Pastor Wilhelm Fugmann, talvez sejam casos-limite e não restritos à prática nazista no Paraná. Fugmann tentou se desligar da NSDAP, sofrendo ameaças de Hoffmann no sentido de ser levado aos ‘tribunais’ de Hitler. Contudo, trata-se de um assunto ‘interno’ e comum. A vigilância sobre os próprios partidários e as lideranças é patente na leitura dos documentos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

Contudo, entre os alemães em geral, os não-adeptos fazem parte do grupo que mais sentiu a crise gerada pela ação dos nacional-socialistas. Verificamos, assim, uma cisão provocada por essa ação partidária dentro da comunidade germânica.

Como atesta Marion Brepohl (2002, p. 229 et seq.), a conduta do Partido Nazista local com relação aos não-nazistas era caracterizada

por uma rotulação excludente. Esses indivíduos, não inseridos na *Völksgemeinschaft*, eram constantemente carimbados através dos clássicos estereótipos de “judeu”, “bolchevista”, “anti-nazista”, “romano-judaico” etc. Para os alvos desse pré-conceito, que enxugava uma gama de pensamentos e posições políticas em dois ou três títulos às vezes sobrepostos, as ameaças e boicotes poderiam levar a consequências graves, por meio de denúncias infundadas ao *Reich* ou aos juízes do partido.

Episódio curioso, demonstrativo do que o medo da delação pode levar um indivíduo a fazer, aconteceu com Horst Udo Knopff, desertor da Marinha Mercante Alemã.

Horst trabalhava especificamente para a Companhia *Deutsche Afrika Linie* de Hamburgo. Foi designado como foguista para trabalhar no vapor *Windhuk*.⁵² Em 1941, o vapor alemão viu-se na necessidade de atracar em Santos, devido às contingências da guerra mundial. Na ocasião, Horst Knopff aproveitou para fugir, rumando à Rolândia, sabendo da existência de uma colônia de agricultores alemães. Após muitas dificuldades de se fixar e com um duplo temor (da polícia por não ter documentos e dos nazistas, por ser desertor), Horst percorreu a cavalo um trajeto que vai de Rolândia até Cascavel, com o fito de alcançar Foz do Iguaçu. Para tanto, pernoitou várias vezes de favor pelas propriedades ao longo da estrada ou simplesmente em meio à mata virgem.

52 O *Windhuk* foi um navio alemão de luxo, que fazia rotas turísticas entre a Alemanha e a África do Sul. Em meio a uma dessas viagens, enquanto atracado na África, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, em 1939. Impossibilitado de regressar à Alemanha e depois de complicações que o impediram de chegar até a Argentina, sua primeira opção, o navio atracou no porto de Santos. Com a declaração de guerra do Brasil às potências do Eixo, em agosto de 1942, os tripulantes do *Windhuk* sofreram perseguições das autoridades brasileiras e muitos foram encarcerados em “campos de concentração” no interior do Estado de São Paulo, até 1945.

II – A NSDAP NO PARANÁ

A ‘epopéia’ culminou em abril de 1942, em Cascavel. Knopff foi preso pela polícia estadual e, posteriormente, detido em presídio do Rio de Janeiro. Um agravante: estava de posse de um mapa da tríplice fronteira, fato que acirrou as desconfianças da polícia. Sua trajetória posterior é desconhecida.

Às vezes, as ameaças poderiam assumir contornos violentos, como demonstra uma carta dos partidários a um dos *outsiders*: “Camarada Berek [...] eis uma foto que prevê como será sua fuga e a de tua mulher para a Rússia. Isto se deixarmos. Judeu Comunista”. No corpo da correspondência foi anexada uma fotografia intimidadora (Ilustração 10) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, [193-]).

Ameaças dessa natureza podem não ter passado de blefes, apesar de encontrarmos duas referências sobre certo pastor Wilms que, denunciado por Hoffmann, teria acabado em um campo de concentração da Alemanha (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

A propósito, abrindo um parêntese, verificamos na documentação um acalorado debate entre a NSDAP/PR e as autoridades religiosas estaduais, tanto católicas quanto luteranas. Por não ser o intuito deste trabalho, ofereceremos apenas dois exemplos. Por volta de 1936, um pastor luterano de Curitiba, em correspondência aos nazistas, dizia:

Comunico-lhe que os pastores de Curitiba, de nossas igrejas, não desejam nem permitem tomar parte na guerra cultural alemã. Nossa opinião é que isto sómente traria distúrbios aqui no estrangeiro e prejudicarão o bom andamento do trabalho em favor da Alemanha [sic]⁵³.

53 Acreditamos que essa carta, sem data, aponta para um momento próximo ao ano de 1936. Isso se justifica por outro trecho do documento, no qual o Cônsul alemão



Ilustração 10: Fotografia anexa à carta enviada por um nazista
Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS ([193-]).

refere-se às autoridades diplomáticas alemãs no Rio de Janeiro como 'Legação'. Ora, as Legações dos dois países foram elevadas à condição de embaixadas em 1936 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

II – A NSDAP NO PARANÁ

Igualmente, o chefe da Conferência Pastoral de Santa Catarina e Paraná, em carta ao Consulado Alemão de Curitiba, explicava: “Nossa Igreja que continua a ser sustentada pela Alemanha, não deseja tomar parte do *Kulturkampf*. O nosso dever é outro” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1933-1938).

De forma mais clara, estão as fortes evidências de pressões econômicas contra indivíduos e empresas que contrariavam a ação do Partido. Devido ao poder de delação junto às entidades de gerência de comércio e indústria, a NSDAP poderia inserir qualquer indivíduo ou empresa da comunidade germânica em alguma ‘lista negra’. Se levarmos isso em conta, nos anos da guerra, algumas empresas podem ter ficado em situação embaraçosa: apoiar os partidários e possivelmente ingressar nas listas negras inglesas e norte-americanas, ou contrariá-los e correr o risco de receber sanções das autoridades alemãs.

Entretanto, acreditamos que esse caso seja agudo em grandes empresas exportadoras, e na hipótese de que a NSDAP/PR continuasse ativa durante a Segunda Guerra. No Paraná, como exemplo, a Impressora Paranaense, que servia ao Consulado antes da guerra, teve profundas dificuldades para voltar às atividades no pós-1945 por estar inserida na lista negra norte-americana. Provavelmente, se seu dono tivesse se negado a ingressar e trabalhar para o Partido, teria perdido somente a empreitada (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938-1945d, 1938-1945e).

Não poderíamos deixar de mencionar o caso de uma empresa brasileira na qual as intrigas e pressões da NSDAP/PR também podem ser verificadas. Em primeiro de janeiro de 1940, um brasileiro de ascendência germânica, funcionário da Cia. Telefônica Paranaense, apresentou denúncia de que estaria sendo perseguido dentro da referida empresa por ser brasileiro nato; ainda afirmava

ter sido demitido sem justa causa. A denúncia pode ter vindo por diversas motivações, contudo é de notarmos que alguns líderes nazistas do Paraná chegaram a gerenciar altos setores da empresa, como Hans Benewitz, Albert Blum e Ernst Minjon⁵⁴.

Além disso, graves acusações contra a atividade dos nazistas na Companhia Telefônica foram feitas por parte da polícia estadual: caixões com material de ‘propaganda alemã’ encontrados no prédio da empresa; ligações policiais interrompidas; má vontade e inverdades no atendimento às solicitações das autoridades etc. Assim, em 1942, percebemos uma espécie de ‘intervenção’ governamental na empresa, que retirou os nazistas e alguns indivíduos de origem alemã e manteve um norte-americano na direção geral.

Antes de observarmos a posição do grupo antinazista e tentarmos entender suas razões, gostaríamos de apontar a existência, grosso modo, de três posições diferentes entre os teutos do Paraná a respeito do Nacional-socialismo (ideologia) e do Círculo local da NSDAP.

Aqueles que se colocaram a favor do nazismo e da ação dos nazistas no Paraná formam o primeiro grupo. Estes, de forma geral, ingressaram na organização e participaram ativamente de seus encontros e demais atividades. Colaboraram com a causa do partido local por meio de suas posses e/ou capacidades (desde o grande empresário até o assistente de cinematografia). Representam esse grupo indivíduos como o citado Kurt Maria Boiger, pintor com certo prestígio em Curitiba (mais conhecido hoje no Paraná por estudiosos de artes), que, por ter conhecimentos sobre atividades físicas, trabalhou como instrutor de ginástica na NSDAP.

54 Vide respectivos prontuários na relação documental que se encontra no fim deste livro.

Em seus depoimentos, os integrantes desse grupo – salvo exceções – não negaram a participação no núcleo local, nem a crença no Nacional-socialismo como encarnação da ‘Nova Alemanha’. Como já observamos, seu perfil, grosso modo, era caracterizadamente de classe média e da média/alta burguesia local, que se fixava no Estado por intermédio de empresas próprias, ou cujas sedes eram alemãs e mantinham constante ligação com a pátria além-mar.

O segundo grupo é composto por alemães que acreditaram no nazismo como resgatador da Alemanha e/ou perpetuador do germanismo, mas que de antemão repudiavam a ‘novidade exportada’ ou contraíram profunda desconfiança e às vezes repúdio em relação ao Partido Nazista local. ‘Contraíram’, pois o que observamos é que, no processo de instalação e consolidação da máquina partidária no Estado, alguns se posicionaram dessa forma mesmo tendo no início ingressado nas fileiras da NSDAP/PR (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942c). É provável que parte dos membros desse grupo, em específico aqueles indivíduos ligados ativamente com a preservação do *Deutschtum*, permaneceriam na NSDAP, se a pregação dos partidários se centrasse apenas no germanismo (GERTZ, 1987).

O último grupoposicionava-se tanto contra o nazismo, quanto contra o trabalho dos partidários no Estado⁵⁵. Tais indivíduos

55 Não nos referimos aqui a algum grupo formal com essa postura. Apesar disso, cabe elucidarmos que detectamos na documentação da DOPS a menção a duas organizações declaradamente antinazistas que funcionavam no Paraná: um grupo denominado “Alemães Livres do Brasil”, que possuía um delegado para Santa Catarina e Paraná, residente em Castro (preso pela DOPS, em 1942, classificado como nazista); e o Movimento dos Antinazis Alemães do Brasil, sediado em Porto Alegre, fechado em 1944 por suas atividades terem sido consideradas decorrentes “de programa não esclarecido e suspeito aos interesses nacionais” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1944b).

sentiam-se constantemente ameaçados pela ‘ferocidade’ dos nacional-socialistas, ficando muitas vezes à mercê destes em algumas circunstâncias. Sem representatividade consular que pudesse fazer frente às atitudes do Partido, esses indivíduos buscavam, por diversos meios (mídia teuto-católica, instituições e figuras representativas do teuto-brasilianismo etc.), denunciar as dificuldades enfrentadas no cotidiano da comunidade.

Esse último grupo era composto, em sua maioria, por teuto-brasileiros ou alemães natos de, pelo menos, uma geração anterior à dos partidários. Aqui encontramos uma gama de origens sociais, desde o operário até o proprietário de antigos e consolidados estabelecimentos comerciais e industriais (muitas vezes, donos de negócios familiares oriundos do século XIX).

O perfil social dos indivíduos pertencentes aos dois últimos grupos não possui diferenças significativas em relação ao do primeiro grupo. Pergunta-se: o que levou essas pessoas, praticamente caracterizadas no mesmo plano social que os *nazis*, a uma recusa explícita aos ‘partidários’ e/ou ao nazismo? Seria a pura e simples posição política? Seria apenas o caráter da ação dos nazis, que era, como vimos, conhecidamente agressivo e estigmatizante?

A despeito das atitudes do Partido Nazista, colocando-se como legítimo representante das comunidades germânicas no Estado e tentando impor truculentamente essa lógica (fato que certamente gerou repúdio), outras razões que envolvem as posições dos grupos nesse jogo podem nos ajudar a aclarar a interrogação levantada acima: por que um grupo de alemães e teuto-brasileiros recusou abertamente o nazismo?

Para ilustrar essa questão, analisaremos o ‘desabafo’ público da ‘colônia alemã de Curitiba’, publicado no jornal católico *Der*

Deutsche Weg, sob o título *Aus dem deutschen Kulturraum – Deutsch-brasilianischer Protest gegen NSDAP*⁵⁶.

O estopim para tal reação foi a intromissão dos nazistas na tradicional festa do dia do trabalho, realizada na Sociedade Beneficente *Handwerker*. O longo texto explica com detalhes os métodos nazistas de pressão e a posição da Colônia frente a eles. No documento, verificamos nitidamente alemães e teuto-brasileiros apresentarem-se como representantes do germanismo, não obstante, absolutamente opostos ao Nacional-socialismo.

Erguemos nosso protesto vibrante e ardoroso, **teuto-brasileiros e alemães que somos, os quais conhecem e cumprem seriamente suas obrigações para com a pátria ou o país que os hospeda, o Brasil [...]**. A nova pátria brasileira honra o trabalho e os operários do mesmo modo que a velha pátria de além-mar. Quem [sente] necessidade de, neste dia, celebrar uma festa política de partido, tenha a bondade de dirigir-se a seus partidários, mas não a nós (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b, grifo nosso).

Na ocasião, cuja data não foi possível precisar⁵⁷, Hoffmann organizou duas centenas de jovens fardados que penetraram no salão de festas da Sociedade *Handwerker* com cornetas estridentes e punhais embainhados. O desfile significava a formatura de uma turma da Juventude Teuto-Brasileira que, a reboque, utilizou a festa do trabalho.

Após a aparição dos ‘guris pardos’ – expressão irônica pela qual o aludido protesto se refere à Juventude – Hoffmann fez

56 “Do espaço da cultura alemã – protesto teuto-brasileiro contra o partido nazista”. Tradução livre do autor.

57 Acreditamos referir-se ao ano de 1936, mesmo ano da veiculação do protesto aqui analisado.

um discurso, cujo tom propagandístico indignou os autores do documento:

Senhor Hoffman, o senhor afirmou que 90 ou 99% do povo alemão estão ao lado de Adolf Hitler (seu órgão vocal não é de muito alcance, para que se pudesse entender direito o número indicado). Onde é que o senhor tem essa ciência? O senhor concluiu talvez do resultado da última 'eleição' na Alemanha?⁵⁸ Mas, senhor Hoffman, o senhor não sabe que lá se usa do mesmo sistema de policiamento e mexerico, que é o seu aqui? (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

O protesto também explica que, ao invés de conseguirem a inserção dos alemães de Curitiba na *Völksgemeinschaft*, os nazistas provocaram a 'desunião'. O documento chega até a aludir sobre um utópico tempo de paz e de conflitos 'mesquinhos', os quais não eram suficientes para cindir a colônia.

Diante dos métodos de pressão utilizados pelos partidários, a comunidade germânica descrevia sua situação sempre comparando com a restrição da liberdade imposta pelos *nazis* na Alemanha:

O grupo local daqui da N/S/D/A/P soube organizar uma tal espionagem e mexerico e escarafunchamento dos sentimentos na colônia alemã, que a liberdade de opinião deixou de existir aqui tão bem como na Alemanha, (embora ela ainda tenha toda garantia constitucional no Brasil). É verdade, que aqui não estão à disposição os campos de concentração para prender os 'herejes' que descrêem do nacional-socialismo. Mas, mesmo assim **existem ainda bastantes outros meios de pressão, econômicos e políticos**, para estabelecer também na colônia alemã de Curitiba o silêncio sepulcral da Alemanha [sic]

58 Trata-se do terceiro referendo promovido pela Alemanha nazista, em março de 1936, para ratificar a ocupação e militarização da Renânia, zona desmilitarizada entre a França e a Alemanha, criada pelo Tratado de Versalhes.

II – A NSDAP NO PARANÁ

(ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b, grifo nosso).

Comumente encontramos nesse documento os alemães se manifestando como ‘fundadores’ das ‘coisas’ germânicas no Estado, rejeitando a ‘novidade’ nazista que os tentava sobrepujar: “[nós criamos] essas coisas muito antes da época de Adolf Hitler” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

Isso nos remete a avaliar a rejeição ao nazismo dentro de uma temporalidade maior que a conjuntura da década de 1930. Existe aqui uma clara referência à defesa secular do germanismo, não obstante, aliado à cultura ‘teuto-brasileira’ (SEYFERTH, 2004); esses elementos são colocados muito acima do mero movimento político que governava a Alemanha e que era visto como invasor:

Desde há mais de cem anos o suor e o sangue alemão ajudou a fecundar este sólo. Braços alemães se meteram a domar a beleza selvagem dos matagais brasileiros. Técnicos alemães ajudaram no levantamento da indústria do Brasil. Mães alemãs, em míseros ranchos, em vendinhas e casa de professores fizeram surgir uma nova geração teuto-brasileira.

Cremos que nossos pais e nossas mães, com empêno de toda a energia do caráter e trabalho alemão, com seus cantos, fábulas e contos, com sua educação para a [assiduidade], para a lealdade, para a civilidade, grangeram por nós, seus filhos e filhas teuto-brasileiros, os direitos de termos por pátria o Brasil. [...] Note bem, snr. chefe do grupo local, em tudo isso empenhava-se o [germanismo], não o nacional socialismo [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

O cultivo dos valores germanistas, aliado à fixação no solo brasileiro, constituía a base do pensamento desse grupo que, ao contrário dos ‘partidários’, tinha poucas perspectivas de voltar para ‘casa’: “nós estamos empenhados em construir **grandes valores**

alemães na formação futura da nossa bela nova pátria brasileira” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b, grifo nosso).

Em outro documento, observamos o comerciante Arthur Hoffmann revelar suas opiniões tanto sobre o nazismo, quanto sobre o partido local; preso pela polícia, em outubro de 1942, por frequentar ‘alfaiataria suspeita’ e posto em liberdade 15 dias depois por ausência de provas, Hoffmann afirmou de punho próprio:

Este homem [Hitler] surgiu depois da grande guerra de 1914-18, com a ideia fixa de querer reconquistar as terras perdidas nas derrotas desta guerra. Devido também a pretensão de levar o povo a um paraíso com as suas ideias nacional socialistas, prometendo o direito de igualdade a todas as classes sociais, conseguindo com essas ideias iludir e depois dominar e terrorizar todo o povo Alemão. Hitler é um homem de pouca instrução e cultura, por este motivo são condenados todos os seus atos [sic]. [...] O partido nacional socialista foi criado por Hitler e sua camarilha, com terror e fogo, dominando depois todo o povo Alemão a custa de chicote e a camarilha proclamou Hitler como seu chefe. Hitler uma vez conseguindo o poder, começou a escravizar o seu povo com todas as ideias de sua baixa instrução, a custa de trabalho forçados [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942h).

Sobre o trabalho dos partidários, Hoffmann coloca:

Foi um atentado atrevido de elementos nazistas que emigraram, depois de Hitler no poder ao Brasil. Estes elementos tentaram tomar a liderança nas sociedades, **fundadas por elementos enraizados já à mais de 50 anos atrás**. [...] Tanto maior e eficaz foi a reação, não só por parte dos sócios e autoridades, como também da minha pessoa, para combater **estes elementos atrevidos e indesejáveis** [sic] [...] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942h, grifo nosso).

II – A NSDAP NO PARANÁ

Esse conflito quase que geracional não foi exclusividade do caso paranaense, muito menos do caso brasileiro. Jünger Müller apresenta o seguinte panorama, trabalhando com a questão da NSDAP no México:

No México, a AO não conseguiu seu objetivo sem problemas, pois surgiu um conflito de **gerações, de classes e de poder**. Os representantes estabelecidos da comunidade alemã, empresários exitosos, de classe alta, mais ou menos duas décadas mais velhos que os *nazis*, criticavam a juventude dos militantes, seu baixo status social e os poucos anos de residência no país, coisas que, no seu modo de ver, os desclassificava para assumir a liderança da comunidade (1995, p. 90, grifo nosso).

Ultrapassando os limites temporais dos entrecosques entre os *nazis* e os não-adeptos, algumas fontes nos mostram que houve uma espécie de silenciamento da atuação nazista entre a comunidade alemã do Paraná, no pós-guerra. Hobsbawm (1997) denomina esse processo de ‘mecanismo de silêncio seletivo’: por meio de um acordo implícito entre seus membros, certas comunidades tomam a decisão de manter-se em silêncio, para o bem geral e a manutenção da ‘normalidade’. Tentaremos iluminar um pouco mais essa questão.

Em 1953, o ‘Grupo Étnico Germânico do Paraná’ publicou obra comemorativa ao primeiro centenário da emancipação política do Estado. Cabe mencionarmos que alguns indivíduos diretamente ligados a esse trabalho, intitulado *O Paraná e os alemães*, figuraram nos dossiês da DOPS/PR como defensores do nazismo. Acerca deles, contudo, os documentos se mostram vagos e não apresentam nenhuma prova concreta de atividades nazistas, ao contrário, alguns faziam ferrenha oposição à NSDAP/PR dentro dos clubes e sociedades germânicas.

Isso posto, o que nos chama a atenção nesse livro bilíngue é a completa ausência, se não de menções a fatos ocorridos entre 1933 e 1942, mas da atuação do Nacional-socialismo entre os teutos do Paraná nesse mesmo período. Por se tratar de uma obra que visava mapear a trajetória das comunidades de imigrantes germânicos no Paraná até a década de 1950, causa certa estranheza a omissão, à primeira vista. Certamente, o pesar do conflito mundial e o pouco tempo transcorrido desde seu fim interferiram na opção do autor, que nem ao menos acenou negativamente quanto à ação nazista.

Por outro lado, avaliando a brusca tentativa de inserção da NSDAP nos meios germânicos, pensamos que essa comunidade étnica ‘sobrevivente’ (das pressões dos partidários e da polícia política) tinha consideráveis razões para omitir os ‘assaltos’ aos seus clubes, as invasões às suas festas, os boicotes econômicos etc. Nesse sentido, o nazismo pode ter se tornado, na visão de alguns, uma mancha no ‘curso da história’ da comunidade paranaense. Isso pode explicar o fato de a conjuntura política dos anos 1930 ter passado praticamente despercebida na obra comemorativa.

Em 1980, para comemorar os 150 anos da imigração alemã no Paraná, a Casa Romário Martins publicou um boletim informativo, sob autoria de Helmuth Abeck, intitulado *A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos (1929-1979)*. Certamente, esta obra tinha como um de seus objetivos ‘passar a limpo’ a história do nazismo no Paraná. Para o autor, esse passado (tão presente devido à dificuldade dos alemães em superar as “consequências, em sua maioria de ordem psicológica”) parece necessitar constantemente de uma explicação e, entre elas, Abeck (1980, p. 36) formula: “parece-nos, mesmo, tratar-se de um traço básico da índole do

II – A NSDAP NO PARANÁ

alemão, querer sempre ultrapassar os limites, exagerar, tanto no bom como no mau sentido”⁵⁹.

De tal modo, o autor se esforça para deixar claro repetidas vezes durante o texto que o Nacional-socialismo foi trazido por “**novos imigrantes**, impregnados pelas **novas idéias** políticas que lá haviam tomado pé” e que

muitos membros da etnia, radicados aqui já há muito, ou mesmo muitos já nascidos no Brasil, amiúde eram introduzidos a aceitar essas novas idéias, muito embora de maioria, os mais prudentes, se opunham às mesmas. Alguns, contudo, parece que haviam esquecido encontrarem-se num país anfitrião (ABECK, 1980, p. 24, grifo nosso).

O texto continua:

De nada valeram as admoestações de teuto-brasileiros **domiciliados aqui de longa data e com experiência de vida mais profunda**. Houve excesso de entusiasmo pelas idéias recém-importadas. Viam-se com demasiada frequência, bandeiras com a cruz gamada em toda sorte de festejos, e grupos de jovens, imitando modelos alemães, como a ‘Juventude Hitlerista’ ou a ‘União de Moças Alemãs’, promoviam passeatas, acampamentos e semelhantes, sem se importarem grandemente com a sensibilidade dos brasileiros de outras origens (1980, p. 37, grifo nosso).

Acreditamos, enfim, que a ausência da *era nazi* na primeira obra supracitada, assim como a recusa dos teuto-brasileiros e alemães (fixados há muito no país) em aceitar o nazismo, explica-se também por relações de *poder, status e antiguidade*

59 Como saída psicológica explicativa para a adesão dos teutos paranaenses ao nazismo, o autor acaba por abraçar a própria ideia da “tendência alemã ao fanatismo” (MARTINS, [1942], p. 103), veiculada pela imprensa jornalístico/policial da época.

desenvolvidas no interior da comunidade. Essas relações foram alvo de uma ação partidária, cujo objetivo era a transformação no equilíbrio do poder intracomunitário, que estremeceu as bases das posições expressas em termos de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000)⁶⁰.

Se retirarmos o elemento ‘político’, os papéis estipulados por Norbert Elias entram em confronto: mais de um grupo assumiu a posição de ‘estabelecidos’. Os nazistas estigmatizavam os não adeptos da doutrina e/ou do partido (*outsiders*) como humanamente inferiores. Embora fossem os recém-chegados, sentiam-se na posição mais alta da hierarquia comunitária e trabalharam para impor ‘naturalmente’ essa lógica. Não obstante, vimos que essa liderança não veio como ‘presente de fada’.

A questão é que os *outsiders* (não-adeptos) não se subjulgaram ao constructo ‘arianos/nazistas’. Poderiam até ver em Adolf Hitler a salvação do germanismo, mas na correlação de poder local eles eram os ‘estabelecidos’: suas famílias já controlavam órgãos comunitários a duas ou três gerações. Em outros termos,

60 Um interessante modelo sócio-psicológico para análise de relações entre grupos humanos no tempo foi elaborado por Norbert Elias e se baseia na relação binomial estabelecidos/*outsiders*. Elias sugere a existência de padrões de comportamento para grupos humanos em contato, alocados em posições distintas de *status* e poder, mas cujo perfil sócio-profissional não apresenta diferenciação significativa. O autor observou dois grupos de uma mesma comunidade, pertencentes à mesma classe social, nacionalidade, ascendência étnica, credo religioso e mesmo nível de instrução. Os grupos não possuíam entre si diferenças de poder tradicionais (como os meios de produção ou armas). A distinção de poder se dava por meio de “aspectos figuracionais [...] que se devem puramente a diferenças no grau de organização dos seres humanos implicados” (2000, p. 22). Em outras palavras, o grupo que possuía *alto grau de coesão interna*, advindo de experiências grupais no tempo, detinha o poder comunitário. Elias os denominou de *estabelecidos*. Os *outsiders*, por sua vez, eram indivíduos recém-chegados e seu grupo não possuía altos índices de coesão; eram estigmatizados pelo outro grupo como humanamente inferiores e interiorizavam tais estigmas a ponto de acreditarem de fato serem “pessoas piores”.

II – A NSDAP NO PARANÁ

embora alguns acreditassem no conteúdo da novidade trazida pelos nazistas, repudiavam a intromissão nas esferas de poder comunitárias e, por conseguinte, a possibilidade de um novo ordenamento.

A tentativa dos recém-chegados de inversão no equilíbrio de poder teve consequências: a comunidade cerrada em si há décadas viu com estranheza a aproximação brusca de jovens vindos de fora com uma ideia exótica. Aqueles que adotaram a ‘ideia exótica’ estranhavam a naturalidade e a truculência com que os recém-chegados alçavam voos sobre os postos de hegemonia do ambiente comunitário que lhes era conhecido e monopolizado. Independente da nacionalidade e da classe social – fatores que não os diferenciavam – os partidários foram vistos como *os de fora*, intrusos propondo uma novidade e uma hegemonia ameaçadora.

Na comunidade germânica paranaense que estudamos, portanto, os que se sentiam *estabelecidos* (os *nazis*) foram lançados à categoria de *outsiders* (e vice-versa); esses últimos jaziam relegados ao esquecimento por aproximadamente 40 anos na memória oficial da comunidade, até que um ‘acerto’ de contas com o passado foi ensaiado, na década de 1980. Os *outsiders* são destinados, em vários casos, a um ‘silêncio da memória’, especialmente quando a ação deles significa uma marca negativa para o grupo social.

Voltemos ao documento dos teuto-brasileiros contra a NSDAP. É válido notarmos que, frequentemente, o desabafo dos alemães tomava contornos irônicos e provocativos:

Suas fanfarras, sr. Hofmann, só nos estorvam, mesmo se não forem [sic] tão destoantes como as cornetas de seus fedelhos calças-pardas. Fique, por favor, com seus discursos aí dentro da ‘N/S/D/A/P Curitiba’ (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936b).

Diante de tais provocações, não tardaria a réplica dos *nazis*, que veio por intermédio do periódico oficial do Partido no Brasil, publicado em São Paulo, o *Deutscher Morgen*. Primeiro, a desqualificação do jornal que veiculou o protesto: tudo não passava de uma união “do catolicismo politiqueiro” com o “bolchevismo”, clichês clássicos⁶¹. Em segundo lugar, a desqualificação do escritor, que pela informação dos nazistas não era teuto-brasileiro como se intitulava, “pelo contrário, trata-se de vociferações de alguém que pelas leis do país, por má sorte, ainda goza do favor de ‘alemão nato’, se é que [podemos] empregar tal termo” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, [1936?]).

Essas demonstrações nos fazem conjecturar um cotidiano constantemente atribulado pelos embates provocados pelo Partido, principalmente para o que podemos chamar de ‘comunidade alemã urbana e etnicamente ativa’. De outra forma, aqueles indivíduos não adeptos, que tiveram de conviver com os nazistas dentro dos círculos germânicos, sentiram, no seu dia a dia, o pesar da truçulência.

Por fim, também é razoável admitirmos que interesses de ordem puramente econômica tenham influenciado alguns alemães no sentido de lutar contra o domínio dos partidários. De indivíduos bem sucedidos, poderiam passar à bancarrota através de boicotes e pressões econômicas. Contudo, esse aspecto fica pouco nítido nos documentos de natureza policial.

61 De forma análoga, na Argentina, o jornal oposicionista *Argentinisches Tageblatt* foi tachado de “judeu comunista” e acusado de receber subornos de Londres. Os boicotes econômicos da NSDAP trouxeram grandes dificuldades financeiras para o periódico teuto-argentino; por pressão dos *nazis*, até o título de doutorado em Heildelberg do editor do jornal foi retirado (NEWTON, 1995. p. 96).

II – A NSDAP NO PARANÁ

Se, como avaliamos, o protesto dos teuto-brasileiros de Curitiba refere-se ao ano de 1936, esses embates acalorados entre a NSDAP e os antipartidários (e/ou antinazistas) prosseguiram até o ano de 1938, momento em que os partidos estrangeiros foram proibidos pelo Decreto-lei n. 383, de 18 de abril. Portanto, de 1933 a 1938, as autoridades estaduais e nacionais prevaricaram quanto ao funcionamento da NSDAP/PR⁶² (Cf. Capítulo III).

No entanto, o mesmo movimento que, em 1938, começou a obstruir as lideranças mais ativas da NSDAP/PR trouxe consigo a perseguição xenófoba das autoridades brasileiras. A Campanha de Nacionalização, a partir da decretação do Estado Novo, promoveu o início de uma aversão às manifestações germanistas, como condição *sine qua non* para a construção de um projeto de brasilidade empreendido pelo governo Vargas.

Mais tarde, com a definição do posicionamento brasileiro no conflito mundial, em 1942, os alemães tornaram-se, na prática, inimigos de guerra em solo nacional; nazismo e germanismo eram termos que, para as autoridades repressoras, não se distinguiam em glossário algum. Esse tema é um dos alvos do próximo capítulo, que trata do desmanche da organização nazista no Paraná e, de forma tangencial, observa a repressão da polícia política e do exército sobre os alemães.

62 A 'prevaricação' é no sentido de não se fiscalizar partidos não registrados na justiça eleitoral, contudo, atuantes no plano nacional.

CAPÍTULO III
OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO
PARANÁ:
O Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial

Entre os documentos presentes nos dossiês pessoais dos acusados de nazismo pela polícia política paranaense, encontra-se o seguinte bilhete:

Você sabe o que é N.S.D.A.P.? Há interesse ou trabalho das autoridades em impedir uma infiltração nacionalista germânica, ou mesmo, como fazem os russos com o seu comunismo, uma infiltração hitlerista, com o fim de radicar esse sistema político em nosso país-acabando com a liberal-democracia?

Você sabe si há dessas organizações no Paraná, e pode esse assunto interessar às autoridades política-sociais?

Quem é Werner Hoffmann e quaes suas atribuições entre os germanos?

Que se faz de atividade dentro da Companhia Telefonica? [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936a, grifo do autor).

No verso, algumas palavras manuscritas em alemão e português: *Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei, Deutsche Brasilianische Jungendring, União da Juventude Têuto-brasileira, Werner Hoffmann.*

Tais anotações, redigidas em pequeno pedaço de papel (que nos recorda as antigas embalagens de secos e molhados), parecer-nos-iam desconexas caso as respostas dessas indagações não se nos revelassem.

A réplica data de 1936 e se dirige ao Delegado Auxiliar, provavelmente vinda de algum investigador que não se identifica:

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Excia. que N.S.D.A.P. significa Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei (Partido Nacional Socialista dos Operarios Alemães) e que a séde desta agremiação fica no Alto Cabral num barracão construído nos terrenos da fabrica Lucinda e trata de propaganda hitlerista. O dirigente desta sociedade é o estrangeiro Werner Hoffmann, que trabalha no Consulado Alemão, sem ter uma função difinida. Este mesmo Hoffmann, por informação

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

colhidas chegou a proibir que se falasse o idioma nacional na Sociedade denominada União da Juventude Teuto-Brasileira (Deutsch-brasilianische Jungenring), com sede no Campo do Paraná. Sociedade esta protegida pelos hitleristas e que se dedicam a instruções físicas e militares, fazendo passeatas fardados, com tambores e corneta. Ha algum tempo atraz esta ultima agremiação, parece-me, tinha a denominação de Hitler Jungend (mocidade hitlerista) [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1936c).

A comunicação acima documenta a primeira menção da polícia paranaense ao Partido Nacional-socialista. A data é sugestiva. Não por coincidência, cremos que é no mesmo conturbado ano de 1936 que a NSDAP/PR se faz aparecer por meio de um entrevero na festa do dia do trabalho, evento já mencionado no capítulo anterior.

A leitura desse documento nos leva a perceber que a delegacia – ainda sem seu nome mais popular, DOPS – estava diante de uma nova empreitada, tateante, buscando informações gerais sobre uma possível ‘nova ameaça’. O padrão de ação subversiva que a polícia tinha em mente para comparação era o dos ‘russos com o seu comunismo’.

No entanto, entre o nascimento do núcleo nazista de Curitiba, em 1933, e o ano de 1938, a polícia paranaense pouco se preocupou com as ações da NSDAP, além da observação superficial, exemplificada por esse documento. Tal situação mais se inscreve no campo da política internacional getulista, do que em questões regionais.

Seitenfus (2003) mostrou que, entre 1934-1937, as relações comerciais entre Brasil e Alemanha se intensificaram mediante uma série de acordos comerciais para a venda de ‘produtos coloniais’ e a compra de industrializados.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Contudo, as afinidades não pararam por aí. No mesmo período, iniciou-se uma discussão entre os dois países acerca da possibilidade de introduzir a indústria de base no Brasil por meio de capital alemão. Ao mesmo tempo, Vargas interessou-se – mesmo que discretamente – pelo combate ao comunismo do eixo Roma-Berlin-Tóquio. Sem dúvida, hesitou em compactuar às claras com os alemães nesse intuito⁶³, mas os eventos em torno do caso ‘Erna Krueger’ (Olga Benário) e a coordenação entre as polícias dos dois países atestam os contatos entre os dois governos.

Por outro lado, Vargas mantinha rédeas curtas em relação aos seus políticos mais ‘germanófilos’. Uma aproximação descarada poderia gerar a ira do ‘Grande Irmão do Norte’, e o Brasil fatalmente perderia seu poder de barganha no meio das duas potências.

Assim, enquanto vigorou essa política dupla, a polícia não interveio nas organizações nazistas, permitindo que estas pululassem em diversas regiões do país. Suas aparições públicas, por mais chocantes que fossem para os luso-brasileiros, não foram reprimidas. Ressaltamos também que autoridades governamentais – como mostra boa parte dos trabalhos sobre a NSDAP/BR – participavam de festividades nazistas, como desfiles e inaugurações. Como vimos, no Paraná não foi diferente.

O golpe do Estado Novo e a Campanha de Nacionalização subsequente mudariam esse quadro. Partiremos deste marco e chegaremos até o ano de 1942, após o rompimento das relações entre Brasil e Alemanha, no contexto da Segunda Guerra Mundial.

63 Em novembro de 1937, um memorando do chefe da divisão política IX do Ministério do Exterior Alemão apontava que – com relação à união do Brasil ao pacto anti-Comintern alemão-japonês-italiano – “o novo governo brasileiro já declarou expressamente que é contrário à adesão. Nossa Embaixada no Rio de Janeiro informou recentemente que não devemos trabalhar pela adesão do Brasil ao Pacto Anti-Comintern” (MEMORANDO..., 1968. p. 9, grifo nosso).

3.1 O PANO DE FUNDO: O GOLPE DO ESTADO NOVO, A SEGUNDA GUERRA E AS RELAÇÕES BRASIL/ALEMANHA.

O início do conflito europeu, em setembro de 1939, apesar de ser importante no que diz respeito a esse tema, não constitui o marco inicial das transformações relativas à repressão à NSDAP no Brasil. Aproximadamente dois anos antes do início da guerra na Europa, uma mudança nos rumos internos da política brasileira levou o Estado a iniciar uma fase de observação/repressão sobre o nazismo e sobre os indivíduos de origem teuta.

Em fins de 1937, quando Getúlio Vargas, contando com o apoio dos integralistas e auxiliado por setores do exército, cancelou as eleições presidenciais, proclamou nova constituição e inaugurou um Estado nos moldes dos Estados corporativos europeus, uma nova perspectiva de nacionalidade brasileira amalgamava-se. Vargas tentou construir um conceito de nacionalidade homogênea, excluindo, portanto, qualquer espécie de ‘quisto’ racial engravado no território brasileiro.

Dado este quadro, constatamos que uma rota de colisão estava traçada: de um lado, uma comunidade germânica que há mais de um século migrara para o Brasil, organizando-se de forma a manter seus costumes, sua língua, sua crença etc.⁶⁴; de outro, um projeto nacionalista xenófobo – poderíamos dizer, à moda dos anos 1930 – que tentava criar uma sonhada nacionalidade, excluindo, para tanto, os chamados ‘alienígenas’.

Na Alemanha, durante os anos 1930, Hitler conseguiu, em pouco tempo, números assustadores relacionados à economia:

64 Isso não significa que boa parte dos alemães não tenha passado por um processo de aculturação. Ver Gertz (1991).

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

o país se recuperou das consequências da Primeira Guerra e da cambaleante República de Weimar sob o título de *Drittes Reich*. Contudo, não só a economia foi içada pelo nazismo, também o moral e o nacionalismo afloraram diante da conjuntura empolgante da nação.

Os alemães que viviam no Brasil também sentiram esse reflorescer do nacionalismo. Grosso modo, podemos afirmar que uma minoria ingressou na seção brasileira do Partido Nacional Socialista, outros apenas simpatizaram com a causa nazista e, por fim, a maioria cantava com afinco *Deutschland, Deutschland über alles*, mas jamais se colocara atrás de uma suástica. O imbróglio ‘germanismo/nazismo’, manifestações que invariavelmente se entrelaçavam nesse contexto, causou uma série de conflitos e mal entendidos relacionados aos alemães quando se iniciou a repressão ao nazismo.

No Brasil, as medidas antialemãs adotadas inicialmente no Estado Novo, a partir de dezembro de 1937, eram de caráter estadual. Assim, Vargas conseguiu rebater as duras críticas que constantemente eram enviadas pela Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro ao Itamaraty. Essas críticas questionavam os ‘maus tratos’ dos governos do Sul com relação ao ‘elemento germânico’.

Contudo, poucos meses depois, orquestrada diretamente pelo governo federal, teve início forte campanha nacionalizadora, que visava “transpor duas obstâncias principais: os regionalismos políticos e os núcleos estrangeiros nas zonas de colonização” (SOUZA, 2002, p. 69). Em 18 de abril de 1938, entrou em vigor o Decreto-lei 383, que proibia a ação de qualquer grupo ou partido político estrangeiro.

A questão fica complexa se lembrarmos de que, para a diplomacia alemã, proibir a *Nationalsozialistische Deutsche*

Arbeiterpartei (NSDAP) no Brasil era como ‘proibir a Alemanha’. Reiteradas vezes, Karl Ritter, o inábil embaixador alemão no Rio, tentou convencer o Ministro das Relações Exteriores do Brasil que ‘o partido era a Alemanha’. Estava traçado um conflito diplomático.

Ritter tinha razão na frase acima, contudo, não no sentido que lhe atribuía. Frequentemente, quando a Polícia Política do Estado Novo buscava cumprir o Decreto 383, deparava-se com estas questões: o que é nazismo e o que é germanismo? Na dúvida, avançavam sem ressalvas sobre os dois, como sendo uma coisa só: manifestação ‘alienígena’. Pessoas com sobrenomes como Schneider ou Müller deveriam ficar atentas, pois cedo ou tarde seriam tachadas de ‘quinta-coluna’. O Sul do Brasil era alvo de maior vigilância, em virtude do seu grande número de alemães e de teuto-brasileiros.

O que depreendemos disso é que uma primeira fase caracterizada pela vigilância e pela ‘leve’ repressão sobre os alemães no Brasil se inaugurou com o Estado Novo. Assim, entre dezembro de 1937 e janeiro de 1942, constatamos uma perseguição no sentido mais xenófobo. O nazismo (ideologia), abraçado por uma minoria, era visto como manifestação de estrangeirismo e, por isso, deveria ser reprimido. Não se constituía ainda um inimigo de guerra ou inimigo ideológico. Paralelamente, o nazismo, enquanto partido político, também foi caçado, juntamente com a Ação Integralista Brasileira, uma vez que todos os partidos foram extintos em dezembro de 1937.

Esse quadro pode ter se alterado ligeiramente com o início da guerra na Europa, devido à posição neutra do Brasil e à crescente influência norte-americana na política externa brasileira. Contudo, de forma genérica, podemos caracterizar esse primeiro ‘olhar’ do

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Estado com relação aos alemães sob o prisma do nacionalismo estadonovista e da centralização apartidária do Estado Novo.

Alguns eventos dessa primeira fase merecem destaque, pois interferiram diretamente nas atitudes internas do Estado para com os alemães. Em primeiro lugar, o desentendimento diplomático entre Brasil e Alemanha no ano de 1938; em segundo, o início da guerra na Europa e, por fim, o rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha.

Em 1938, enquanto Vargas promulgava uma série de medidas repressivas com relação aos alemães, desenrolou-se um acalorado debate entre Karl Ritter e Oswaldo Aranha (Ministro das Relações Exteriores – considerado ‘americanófilo’ convicto). Por um lado, as atitudes hostis tomadas pelo governo do Brasil, no que se refere aos teutos, e, por outro, a petulância do embaixador alemão dificultaram as conversações. A crise se acirrou quando eclodiu a Intentona Integralista, em maio, momento em que Vargas acusou ‘implicitamente’ os alemães de participação no atentado⁶⁵. A partir de então, as conversações entre os dois países tornaram-se cada vez menos cortesias.

Em um encontro pessoal – 21 de maio –, Aranha e Ritter trocaram ofensas e, como bola de neve, o entrevero terminou por se estatelar em setembro de 1938, com a retirada dos respectivos embaixadores e o fim temporário das relações diplomáticas. Iniciara-se um processo de afastamento do Brasil em relação à Alemanha e concomitante aproximação com os Estados Unidos. Mais tarde, as

65 Com a eclosão da Intentona, Vargas conseguiu demonstrar definitivamente para os Estados Unidos que o fantasma da ameaça fascista no Estado Novo estava exorcizado e que então era o fascismo que estava ameaçando o governo brasileiro com um atentado ao chefe da nação (SEITENFUS, 2003).

embaixadas ganharam suas cabeças de volta, contudo as relações não seriam mais as mesmas, exceto no aspecto econômico.

O início da guerra significou para os alemães aqui radicados maior vigilância por parte do Estado e também da população. Embora o Brasil tenha mantido a neutralidade no conflito, essa postura representava, na verdade, uma neutralidade pró-americana, principalmente mediante a forte influência de Osvaldo Aranha nos meandros diplomáticos. As negociações sobre acordos de cooperação econômica e militar empenhadas por Brasil e Estados Unidos, entre 1939 e 1940, demonstram exatamente essa influência. A ideia, muito presente entre 1936-1938, de essa mesma cooperação ser feita com o *III Reich* perde sustentação, na medida em que cresce a possibilidade de esses acordos se realizarem com o Tio Sam.

Diga-se de passagem, em 1939, decretos-lei continuaram a ser promulgados com medidas nacionalizadoras que atingiram não só os alemães natos, mas também os chamados *Völkssdeutsche*.

No Sul do Brasil, o início da guerra na Europa acordou um velho fantasma. O já mencionado mito do ‘perigo alemão’, que desde o século XIX ocupava o imaginário tanto da população quanto dos governantes, reapareceu naquele momento, mais do que nunca, como possibilidade ‘concreta’. Os alemães estariam tramando a anexação do Sul do Brasil ao *Grossdeutschland*, e o pivô dessa ação seria a comunidade germânica aqui radicada. Sob esse ponto de vista, todo alemão se enquadrava como um possível quinta-coluna trabalhando para o *Reich*. A vigilância se ampliou e muitos alemães começaram a preferir o ‘olho do furacão’ a ficar no Brasil⁶⁶.

66 É o caso da Família Toedter que saiu de Curitiba, em 1942, devido às perseguições, rumo a Frankfurt (TOEDTER, 2001).

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

As vitórias relâmpago de Hitler, no ano de 1940, repercutiram em todo o mundo. Getúlio Vargas, impressionado, proferiu discursos exaltados sobre ‘novos tempos que estariam por vir’. A diplomacia alemã vivenciou momentos de empolgação com Vargas, que se encontrou várias vezes em secreto com o Embaixador Prüfer. Washington, percebendo que o vulto do fascismo ainda rodeava o Presidente brasileiro, decidiu dar solução para as negociações de cooperação entre os dois países. Deste modo, buscava-se afastar de uma vez por todas o *III Reich* do Brasil e trazer Getúlio Vargas definitivamente para os caminhos do pan-americanismo.

Nos Estados do Sul, ampliaram-se as medidas repressivas das autoridades policias e militares sobre as atividades nazistas. Vigilância, denúncias, prisões, deportações começam a se tornar eventos comuns. Casas e estabelecimentos comerciais foram invadidos pela polícia, e até mesmo apedrejados por populares. Segundo Seitenfus (2003), os governos dos Estados do Sul, extremamente nacionalistas, estavam querendo chamar a atenção das autoridades federais para a ameaça nazista, uma vez que Vargas, devido aos seus contatos pessoais com Prüfer, estava minimizando o ‘perigo alemão’ no Sul. O filho de um dos membros da NSDAP/PR que saíra de Curitiba rumo ao Rio de Janeiro afirmou: “até dava a impressão de que, quanto mais nos afastássemos do sul, menos se temia os ‘Quinta Colunas’” (TOEDTER, 2001, p. 24).

Em setembro de 1940, após tortuosas negociações, o Brasil conseguiu um acordo econômico para o financiamento de uma usina siderúrgica em Volta Redonda. A indústria viria, portanto, com capital *made in USA*. A chamada política da ‘equidistância pragmática’ (MOURA, 1980) de Vargas começara a colher seus frutos, de fato, para o lado que soube segurar o pêndulo.

Nesse momento, a primeira agressão sobre um território pertencente ao Novo Mundo alteraria a configuração das posições e o Brasil não poderia mais ‘fletar’ com o Eixo. Os eventos ocorridos no Havaí (Pearl Harbor), em dezembro de 1941, precipitaram o que muitos consideravam inevitável. A América entraria na Segunda Guerra Mundial.

Na Conferência do Rio de Janeiro (15 a 28 de janeiro de 1942), ficou como sugestão para as nações americanas o rompimento das relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha. O Brasil imediatamente acatou. A partir de então, medidas contra as ‘atividades subversivas’ em escala continental também foram adotadas. Abriu-se um leque de acordos entre Brasil e Estados Unidos: estratégicos e militares, econômicos e acordos de luta contra o Eixo.

Assim, inicia-se a ‘caça às bruxas’. Passando para a categoria de inimigo de guerra, o nazismo foi alvo de forte repressão por parte das autoridades político-sociais e militares. Todo alemão era visto, sob o ponto de vista da ‘lógica da suspeição’ (DOPS, 1996), como nazista subversivo. Por todo o país, membros da NSDAP foram presos e muitos alemães, nazistas ou não, foram colocados sob vigilância. Pessoas sem qualquer ligação com o nazismo foram presas e interrogadas apenas por terem um ‘Fischer’ no sobrenome. O aparato repressivo da polícia política se colocou a serviço da captura dos ‘quintas-colunas’.

Nessa segunda fase, portanto, não foi a política interna que legitimou a ação repressiva, mas, sim, o rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha. O Brasil pagou um preço alto por tal atitude. Logo, em fevereiro de 1942, a marinha alemã iniciou uma série de investidas contra a marinha mercante brasileira.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Após os primeiros ataques, os setores democráticos do governo Vargas ganharam cada vez mais espaço. Em março de 1942, foi estabelecido o ‘estado de emergência’ e um Decreto-lei que estabelecia a ‘Indenização por Atos de Agressão’ (BRASIL, 1942). Não só o Eixo seria responsabilizado pelos danos, mas os bens e os direitos dos ‘eixistas’ poderiam responder pelas agressões. Em julho, germanófilos ‘de carreira’ foram demitidos dos seus cargos (Felinto Müller e Francisco Campos são os mais expressivos) em virtude de entreveros com relação a uma passeata antitotalitária promovida pela UNE. Esse episódio diagnosticava que os setores autoritários do governo mostravam cada vez mais sinais de desgaste, ao mesmo tempo em que os intentos de Oswaldo Aranha pareciam desabrochar repentinamente.

A crise se acirrou quando, em 15 de agosto, o submarino alemão U-507 pôs a pique o *Baependi*, navio brasileiro de passageiros. Um saldo de 269 mortos. A morte de civis, sem prévia declaração de guerra, causou indignação nos círculos políticos, na imprensa e na população. O Brasil estava se preparando para a guerra. Em 22 de agosto, Vargas decretou ‘estado de beligerância’ com a Alemanha e a Itália. Em 31 do mesmo mês, foi declarado ‘estado de guerra’. Mais tarde, o Brasil se prepararia para o envio de 25.300 combatentes ao teatro de operação do Mediterrâneo, a Força Expedicionária Brasileira.

Assim, a partir de janeiro de 1942, a atitude repressiva do Estado com relação aos alemães tomou ainda mais vulto, direcionando sua ação à captura de espiões e ‘indivíduos nocivos à integridade da nação’. Membros e líderes dos grupos estaduais do Partido Nazista, já desarticulados pelos decretos de 1938, foram presos, alguns em campos de trabalho e outros poucos, deportados. Dos ‘cidadãos do eixo’, foram confiscados todos os tipos de bens que a polícia julgou

necessário: máquinas fotográficas, aparelhos de rádio, armamentos de toda espécie, livros, revistas etc. Além disso, os chamados ‘eixistas’ só se locomoviam dentro do país através de salvo-condutos. Na lógica policial, o inimigo de guerra estava dentro do país e, portanto, era necessário vigiá-lo incessantemente.

Com o término do conflito, muitos alemães foram libertados e grande parte teve seus bens devolvidos. Dessa forma, aproximamo-nos da interpretação de Ana Maria Dietrich (2001), que afirma que a repressão sistemática ao nazismo no Brasil se encontra restrita aos anos 1942-1945, com ações concentradas no ano de 1942.

Podemos depreender da exposição feita até aqui, que fatores relacionados à política interna legitimavam, em um primeiro momento, a repressão aos alemães. Dentre eles, devemos destacar o golpe do Estado Novo e a tentativa de construção de um projeto de nacionalidade que tinha por pressuposto excluir os elementos ‘estranhos’ ou não-homogeneizados.

A paulatina migração do governo Vargas – sob influência dos setores democráticos, que tinham como porta-voz o Ministro Oswaldo Aranha – para a órbita dos Estados Unidos e o consequente posicionamento do país frente ao conflito mundial nos servem de parâmetro para compreender a postura agressiva do governo brasileiro frente ao Partido Nazista no segundo momento.

Com a eclosão do conflito na Europa e, mais ainda, o prolongamento das hostilidades até a América, em 1941, as justificativas para a ação policial/militar frente aos germânicos entraram para a categoria da ‘segurança nacional’ e/ou ‘continental’. A luta não mais se fazia contra o ‘alienígena’ ou seu partido estrangeiro (apesar de este último ser constantemente resgatado no discurso policial), mas contra um inimigo de guerra radicado em solo brasileiro. Portanto, de forma geral, fatores de ordem externa

influenciaram na decisão pela postura repressora adotada contra os alemães a partir de 1942⁶⁷.

3.2 O PARANÁ E A REPRESSÃO À NSDAP

Antes de entrarmos diretamente nas questões relativas a esse tema, gostaríamos de esclarecer que este trabalho não tem a pretensão de ingressar em um profícuo campo, que é o do estudo das instituições político-repressoras no Brasil. Sem dúvida, o leitor perceberá que tangenciamos a questão para tentar entender como ocorreu o desmonte da organização da NSDAP/PR. Este último é o nosso fim. O estudo da repressão aqui apresentado não se faz exaustivo, pois apenas pretende entender como terminou a ‘aventura nazista’ no Estado do Paraná. Certamente, estudos que caracterizem as linhas de ação e pensamento da DOPS/PR e da 5ª RM ainda se fazem necessários. Lançamos aqui apenas algumas pistas da conduta dessas instituições no Paraná.

Em 1936, quando o dirigível *Hindenburg* sobrevoou Curitiba, o interventor federal Manoel Ribas congratulou os tripulantes e passageiros “da altiva Alemanha, cujos filhos laboriosos e honestos, aqui radicados, constroem connosco [sic] a grandeza sempre crescente do Paraná” (GAZETA DO POVO, 1936 apud SOUZA, 2002, p. 22). No mesmo ano, Ribas participou da inauguração do

67 Cabe destacarmos que tais fases não se constituem estanques. Da análise das fontes, constatamos que o discurso étnico, por exemplo, permanece no linguajar policial mesmo a partir de 1942. As figuras do perigo alemão (étnico) e do inimigo de guerra se confundem, invariavelmente.

prédio escolar da *Deutsche Schule* e provavelmente não se chocou ao ver o salão nobre em que figurava seu retrato, entre os de Getúlio Vargas e Adolf Hitler (SOUZA, 2002).

Parece contraditório que o mesmo homem aqui visto enaltecendo os teutos será, no mínimo, conivente com a ‘caça às bruxas’, instalada no Estado, em 1942. Não obstante, tendo em mente o contexto das relações internacionais explicitado acima e conhecendo a suma obediência do interventor Manoel Ribas às diretrizes do governo Vargas, fica fácil entendermos a mudança de posição do governo estadual.

Logo de início, gostaríamos de destacar que os documentos da DOPS/PR mostram que a política repressora do governo Manoel Ribas contra os nazistas não se apresenta coerente, pelo menos se levarmos em conta os motivos sustentados pelos órgãos repressores. Ao mesmo tempo em que indivíduos ‘comuns’ passavam meses na casa de detenção tentando explicar o motivo pífio de sua reclusão (como marcar a vaca com a suástica), outros, por vezes dignos de suspeição, com apenas um telefonema conseguiam a liberdade, não raro, um telefonema do ‘Senhor Interventor Federal’⁶⁸.

Nesse sentido, cremos que um estudo acerca das condições sociais de todos os indivíduos de origem germânica que passaram pelas mãos da DOPS/PR nesse momento pode ser revelador. Apesar de essa questão não se encontrar entre os objetivos deste trabalho, em breve pesquisa verificamos que grande parte dessas vítimas mantidas reclusas provinha de estratos economicamente inferiores da sociedade paranaense.

68 Esse personalismo de Ribas também é perceptível quando observamos a repressão aos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente no que diz respeito à diferenciação entre japoneses das áreas rurais/litorâneas e os nipônicos das áreas urbanas. Sobre a perseguição aos japoneses no Paraná, ver Kimura (2006).

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Esse personalismo, contudo, não impediu que se estruturasse uma rede delatora/repressora no Estado para a perseguição ao nazismo e, a reboque, aos alemães. A perseguição aos integralistas, que possuíam um núcleo considerável no Paraná, também se processa paralelamente, em 1938. Fato interessante é que, em um número relativamente grande de documentos sobre a repressão à AIB, os nomes fichados como membros do Partido são alemães, alguns inclusive ex-nazistas.

A partir de ação coordenada entre a Delegacia de Ordem Política e Social do Paraná, a 5ª Região Militar, com sede em Curitiba, e as Delegacias de Polícia municipais, a repressão ao nazismo no plano estadual logrou resultados expressivos, obviamente, para o trabalho a que se propunha.

Essa ‘máquina’, quando entrou em funcionamento, conseguiu cercear e decapitar a NSDAP, utilizando subterfúgios nos meandros da própria estrutura jurídica para justificar a detenção de alguns indivíduos que, de certa forma, já se encontravam ‘em silêncio’ após o Decreto 383, de 1938, o qual tinha o objetivo de pôr fim à aventura dos partidos alienígenas no Brasil.

3.2.1 OS PRIMEIROS ALVOS – 1938-1942

A partir de 1938, as primeiras ações policiais direcionaram-se, em sua maioria, contra alemães – no sentido amplo – e integralistas (às vezes, as duas coisas ao mesmo tempo). Os membros da NSDAP se encaixavam nesse quadro, na medida em que professavam ideologia externa e possuíam partido político estrangeiro. Assim, alguns militantes, nesse período, foram enquadrados, em especial aqueles mais expostos.

Como já afirmamos, as manifestações nazistas foram enxergadas como expressões da cultura alienígena que se pretendia obliterar por meio da Campanha de Nacionalização. Ao mesmo tempo, enquanto ‘partido político’, o nazismo foi entendido como ameaça, uma vez que todos os partidos haviam sido proibidos de funcionar no país, de acordo com o projeto político do Estado Novo.

O discurso policial no Paraná apresenta características dessas duas linhas de conduta: o ataque ao germanismo, que impedia a integração da nacionalidade brasileira, e à NSDAP, que ameaçava a integridade do poder central do Estado⁶⁹.

No aspecto prático, de maneira geral, entre 1938-1942, alguns membros da NSDAP foram fichados mediante indicação feita pela 5ª Região Militar, mais especificamente por um ‘órgão’ desta Instituição denominado Serviço de Nacionalização. Os arquivos da DOPS trazem pouca informação acerca desse ‘serviço’; contudo, alguns indícios mostram que através dele os militares se fixavam de forma extenuante no levantamento de informações quanto aos ‘elementos perniciosos ao regime’.

Para ficarmos em um exemplo: quando se iniciou abertamente a caça aos nazistas no Paraná, a 5ª Região Militar enviava documentos com nomes e trajetórias dos membros da NSDAP, carregados de minúcias, de causar invidía a qualquer investigador da DOPS. É possível acreditarmos que, quando os fatos se precipitaram, no início de 1942, os militares sabiam mais acerca da vida de Werner

69 Esse ponto de vista nos soaria contraditório, caso o elemento *nação*, no sentido de conflito entre nacionalidades, não estivesse presente: a construção de uma nacionalidade e de um Estado brasileiro baseados, em alguns aspectos, nos fascismos europeus, sendo ameaçada exatamente por aquilo em que se buscou inspiração. Não passa de mais um imbróglio ideológico do Estado Novo, mas que pode nos fazer entender como alguns quadros governamentais sentiam-se contrariados ao reprimir a NSDAP.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Hoffmann do que a própria DOPS que o enquadrrou. Outro fato importante – este para a infelicidade do pesquisador – é o paradeiro daquilo que foi encontrado na Gustloff Haus (sede da NSDAP/PR), após o confisco da Polícia Civil. Os documentos do Partido – livro de atas, correspondências, listas de membros, fichas etc. – foram levados para os depósitos militares. A DOPS só ficou com um relatório, contendo o número original e um enunciado elaborado pela própria 5ª RM.

Apesar disso, cabia à DOPS todo o ‘trabalho sujo’. E, a partir de 1938, ele começou a ser feito. Em meados desse ano, Albert Blum (tesoureiro da NSDAP/PR) foi convocado para se apresentar com passaporte na delegacia; seis meses depois, foi elaborada sua ficha “*por ter sido julgado pernicioso ao regime e por professar abertamente a ideologia NAZISTA, conforme se vê da [sic] comprovante fornecida pelo Serviço de Nacionalização da 5a. Região Militar*” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938e, grifo nosso).

A citação, extraída do dossiê de Albert Blum, repete-se na esmagadora maioria dos dossiês dos nazistas que foram alvo das investigações da DOPS antes de 1942. A referência para a Delegacia era o dossiê 744⁷⁰ (parcialmente encontrado nos arquivos), em que se encontram os resultados dos trabalhos investigativos da 5ª Região Militar.

Costumeiramente, por volta de meados de 1938, os indivíduos eram convocados para apresentar documentos à DOPS. Meses depois, uma ficha individual era elaborada – sem o conhecimento do fichado – para acompanhamento e vigilância. Em 1942, vinha a prisão efetiva.

70 O dossiê 744 foi renumerado para 125. Encontra-se no Arquivo Público do Paraná sob a topografia 15, com o nome *Atividades nazistas no sul do Brasil e Alfred Andersen*.

Esse padrão certamente encontra suas exceções. O Partido Nazista no Paraná desapareceu formalmente após 1938; os ‘guris pardos’ não mais desfilaram pelas ruas de Curitiba, nem a Gustloff Haus agremiava os partidários. Contudo, alguns indivíduos – que poderíamos adjetivar como ‘exaltados’ – mantinham práticas consideradas altamente perniciosas ao nacionalismo varguista e ao vazio partidário proposto pelo Estado Novo. Qualquer resquício de atividades germanista e/ou partidária, a partir de dezembro de 1937, significava vigilância e repressão.

É interessante observarmos que o decreto que pôs fim aos partidos políticos não dá atenção especial aos partidos estrangeiros que atuaram no Brasil. Além disso, considera como alvo do decreto *“tôdas as arregimentações partidarias [sic] registadas nos extintos Tribunal Superior e Tribunais Regionais da Justiça Eleitoral assim como as que, embora não registradas em 10 de novembro do corrente ano, já tivessem requerido o seu registro”* (BRASIL, 1937, grifo nosso). Ora, a NSDAP não se encaixa em nenhuma das condições. Contudo, conceitualmente, não deixava de ser um partido e deveria se dissolver. Somente cinco meses depois, por meio do Decreto-lei 383, de 18 de abril de 1938, o governo despejaria atenção às atividades políticas dos estrangeiros especificamente, repetindo as mesmas penas estabelecidas no decreto anterior.

No caso do Paraná, dos indivíduos acusados de nazismo pela DOPS com os quais trabalhamos, nenhum foi feito prisioneiro antes de outubro de 1939, pelo menos da forma como ocorreu em 1942, com prisões sumárias e com poucas possibilidades de apelação. Até essa data, ocorreu apenas a vigilância ou o fichamento; em casos extremos, um interrogatório. Na maioria dos casos, fica patente que a DOPS aguardava um suporte legal para desencadear a série de detenções que se processou a partir de janeiro de 1942.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Werner Ricken foi apresentado à DOPS por carregar um distintivo com a suástica, em 11/01/1938. Após a verificação dos documentos, o mesmo foi liberado e só seria preso em 08/05/1942 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938f).

A primeira referência a Otto Braun na documentação policial data de 22/01/1938 e apenas menciona o envolvimento de Braun em um processo instaurado pelo governo federal contra outro indivíduo (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938d). Não obstante, a vigilância se acirrou e algumas cartas de Otto foram censuradas pela ‘Seção de Nacionalização’ da 5ª RM, o que levou à confecção de sua ficha como ‘pernicioso ao regime’. Suas declarações foram tomadas em 17/07/1939, tendo Braun negado completamente qualquer ação partidária além das atividades consulares, afirmando que sempre combatera os nazistas (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939j). Quando preso, em janeiro de 1942, Braun modificou o discurso e expôs a completa imbricação entre a NSDAP/PR e o Consulado (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942f).

Dessa forma, os casos se repetem: os nazistas eram fichados e colocados sob constante vigilância. Alguns, alocados em posições sociais ‘perigosas’, foram exonerados, como é o caso dos partidários que lecionavam na Escola Alemã (SOUZA, 2002). Mesmo o mais exaltado dos militantes, Werner Hoffmann, passou pelo mesmo processo, exceto pelo fato de ter sido observado precocemente, ainda em 1936, e de nunca ter sido preso. Em 1939, a DOPS ainda requeria sua presença para novo interrogatório, quando o Consulado comunicou seu interesse em sair do país. Como já foi afirmado, aparentemente Hoffmann foi alocado em outra função, uma vez que não se permitia mais a ação aberta e ruidosa da NSDAP no Brasil.

O início da conflagração mundial na Europa alterou ligeiramente os rumos da repressão. A partir de então, além dos quesitos anteriores, os organismos repressores deveriam observar a neutralidade do país. Alguns membros do Partido, a partir de então, começaram a ser detidos por atitudes esparsas, pouco relativas à extinta NSDAP/PR.

O chefe da propaganda Alfred Andersen foi preso em janeiro de 1940 por fazer a saudação nazista em público ao se despedir de outros partidários após um churrasco na Pensão Kreutz; aliás, diga-se de passagem, o tal churrasco levou todos os participantes a prestar esclarecimentos na DOPS (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1940b).

Da mesma forma, meses antes, o Pastor Zischler quebrou a neutralidade brasileira ao distribuir panfletos de alistamento militar alemão no distrito de Rolândia. Detido e levado a Curitiba para prestar esclarecimentos, foi posto em liberdade condicional com a intervenção do Consulado da Alemanha, que assumiu a responsabilidade sobre o ato. Só voltou para a prisão em 1942 (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939k).

Podemos concluir que essa repressão do período que vai, grosso modo, de dezembro de 1937 a janeiro de 1942, apresenta, no Paraná, uma característica de acentuada vigilância coordenada dos organismos repressores e o início de uma coação física, reflexo da primeira tomada de posição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ou seja, a neutralidade.

As definições da política externa de Vargas e as conversações diplomáticas no Rio, em janeiro de 1942, modificaram essa paisagem, abrindo caminho para uma total liberdade repressiva, que vai pôr fim a qualquer resquício de atuação (se é que ainda existia) da NSDAP no Paraná.

3.2.2 ‘O FIM DO ESTADO DE COISAS’: 1942

Genericamente, a partir de 1942, aqueles que estavam sob o olhar distante e vigilante das instituições repressoras estarão próximos e ‘enjaulados’. É curioso lermos sequencialmente a contracapa dos prontuários dos quais temos falado durante este trabalho: nitidamente, o ano de 1942 se constitui em um divisor. Por mais que estivesse provada para a polícia a participação de alguns indivíduos nos altos cargos do Partido estadual, somente após o rompimento do Brasil com a Alemanha os partidários foram presos. Impõe-se aqui uma nova face para o nazista: o inimigo de guerra.

Apesar de a lacuna documental ser imensa no período pré-rompimento, o que podemos entender é que o ‘silêncio’ da NSDAP/PR não dava margem para uma repressão acentuada sobre os nazistas. As políticas de nacionalização das associações, clubes e sociedades estrangeiras interromperam a penetração de ideias e a participação maciça de membros da NSDAP/PR. Ora, como vimos, tais entidades se constituíam no lugar privilegiado para arregimentação de adeptos; com o acirramento da política de abasileiramento, muitas dessas instituições tiveram de modificar seu caráter e extinguir programações políticas de suas pautas.

Um texto curioso escrito pela DOPS/PR em resposta aos militares, já no pós-guerra (1946), explicava a ‘aventura nazista’ no Estado da seguinte forma:

Senhor Chefe

O nazismo alemão tem neste Estado, como nucleos de propaganda e atividades eixistas, as sociedades alemãs, de caráter recreativo ou beneficente. Congregando como associados a maioria dos elementos nazistas da colônia, essas

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

entidades, orientadas por elementos do Consulado Alemão do Paraná organizaram, sob diverso pretexto, vários sub-comitês ou secções, implantando através delas a ideologia nazista, ao mesmo tempo que, sob a falsa alegação de beneficência, arrecadavam auxílio financeiro que se destinava ao Partido na Alemanha.

A campanha de nacionalização, iniciada no Paraná em 1937, restringiu essa atividade, pois possibilitou, através de eleições realizadas em algumas dessas sociedades, o ingresso de brasileiros nas suas diretorias. Todavia, não impediu de maneira total que a propaganda nazista se fizesse, às ocultas e habilidosamente, através de secções de esportes, de recreativismo ou filantropia, bem como por intermédio de farta literatura alemã, eis que a biblioteca como a da 'Sociedade Concordia', ex-sociedade 'Deutscher Saengerbund' de milhares de volumes, não possuíam sequer um livro editado em língua portuguesa

Com a declaração de guerra do Brasil às potências do 'eixo', as autoridades puseram fim a esse estado de coisas, encaminhando ao Rio de Janeiro vinte e três chefes do nazismo no Paraná, ao mesmo tempo que ocupavam as sociedades cujas atividades foram consideradas perniciosas aos nossos interesses, determinado ainda outras providências que as circunstâncias exigiam [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1946).

É correto afirmar que os partidários utilizaram habilmente as instituições germânicas para pregar sua doutrina; contudo seria errôneo, como sugere o documento, acreditar que apenas através delas se propagava o nazismo. O Partido também possuía suas próprias instituições, sua sede, seus *Parteigenossen*; tudo isso se viu desabar com a proibição aos partidos políticos e, mais ainda, após o Decreto 383, em abril de 1938.

A ideia de um partido escondido por detrás das instituições germânicas em processo de abasileiramento, entre 1938-1942, também pouco se sustenta. Acreditar que o Clube Concórdia era nazista por ter Goethe em sua biblioteca e nenhum ou poucos

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

livros em português é prova de que nazismo e germanismo permaneceram no mesmo patamar para a opinião policial, até o fim da guerra. As fotografias utilizadas como prova para incutir culpa ao referido clube foram tiradas da estante de livros, curiosamente denominada pela polícia de ‘biblioteca nazista’ (Ilustração 11) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942a).

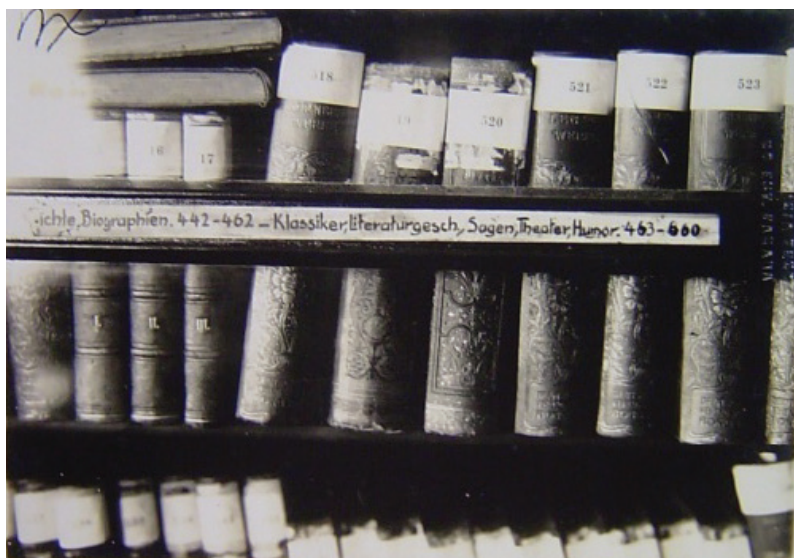


Ilustração 11: Biblioteca do Clube Concórdia, 1942

Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS (1938-1945f).

Os retratos do salão do Concórdia, produzidos pela DOPS para certificar o seu abraqueiramento, em 1946 (!), mostram paredes com desenhos de dançarinas em ritmo de carnaval, juntamente com marinheiros idênticos aos personagens Popeye e Brutos (foram abraqueiradas?).

Também vimos que a facilidade de penetração do nazismo nas sociedades germânicas paranaenses foi relativa. Além de alguns revezes eleitorais nas diretorias, os nazistas sofriam forte oposição. Nesse sentido, alguns clubes até se cindiram devido a essa bipolarização política, como vimos.

Enfim, a documentação da Delegacia de Ordem Política e Social não nos permite entender a onda repressora de 1942 sob a perspectiva de uma ameaça do Partido Nazista paranaense. Após o cerceamento das liberdades e a despedida do chefe geral, Werner Hoffmann, a NSDAP, entre 1938 e o início de 1942, foi praticamente dissolvida.

Seguramente, encontramos indivíduos que pregaram o nazismo nesse momento, que fizeram reuniões para discutir política ou para ouvir estações de Berlim, contudo o partido formal não existia mais. Dessa forma, em 1939, o Consulado da Alemanha em Curitiba se referia à NSDAP/PR como “a dissolvida organização da NSDAP” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1939a), em comunicação com a DOPS.

Em 1942, com o rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil em relação aos países do Eixo e, posteriormente com a declaração de guerra, a repressão no Paraná recaiu sobre os clubes, colônias, associações e sociedades de caráter germânico; sobre os antigos membros da NSDAP ainda residentes no Estado; sobre as instituições consulares germânicas aqui assentadas; e, finalmente, sobre qualquer indivíduo (alemão ou não) digno de suspeição ou que se manifestasse a favor do eixo.

Os clubes germânicos, abrigados por mudanças estatutárias em 1938, permaneceram de certa forma ‘germânicos’ até 1942. Apesar da entrada de brasileiros como membros de algumas diretorias, tais instituições puderam continuar com sua filosofia

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

inicial, fosse da prática do canto, da leitura ou da atividade física, por meio do cultivo, ainda que vigiado, da germanidade.

Em 1942, ocorreu completa intervenção estatal, que incluía o confisco dos bens de várias entidades:

As diretorias foram proibidas de praticar quaisquer atos de gestão, relativos às sociedades, seus edifícios e bens móveis. Foram mantidos somente o serviço de guarda do arquivo de livros e papéis referentes ao quadro de sócios, bem como a seção de beneficência (BOSCHILIA, 1995, p. 13).

Algumas instituições de beneficência brasileiras ficaram com a guarda dos bens de tais clubes, como é o caso da Cruz Vermelha, filial do Paraná, que ficou até 1945 ocupando o Clube Concórdia. Em junho de 1945, os bens passaram para a guarda do Clube Atlético Paranaense (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1938-1945f).

Para demonstrar como 1942 é o ano-chave para entendermos a repressão ao nazismo, basta mencionarmos que dos sete chefes do nazismo no Paraná, listados entre os documentos da NSDAP/PR, seis foram presos somente nesse ano e um deles nunca foi preso, naturalmente, por não se encontrar mais no Brasil.

Como fruto das investigações da DOPS, entre janeiro e maio de 1942, dezenas de indivíduos de origem germânica foram presos e interrogados. No mês de maio, a delegacia estadual elaborou uma lista daqueles “cuja soltura não [deveria] ser feita” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942a). A ‘caça às bruxas’ havia começado no Paraná.

Nesse mesmo mês, o delegado de Ordem Política e Social, Valfrido Piloto explicava à chefatura de polícia que:

Dentre os duzentos e tantos indivíduos detidos, ultimamente, por esta D.O.P.S., para averiguações de caráter político-social, são considerados elementos perigosos à segurança nacional, com referência a atividades nazistas, as vinte e seis pessoas constantes da relação anexa, as quais esta D.O.P.S. se vê na contingência de manter recolhidas à Casa de Detenção desta Capital (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942a).

A referida lista é heterogênea. Nela podemos encontrar desde uma minoria de indivíduos outrora comprometidos com a NSDAP/PR (como Otto Braum, Alberto Blum e Guilherme Roettger) até alemães declaradamente antinazistas (como Ricardo Kempfer); desertores da marinha alemã (Rudolf Sieman e Horst Udo Knopff); membros ‘comuns’ da NSDAP/PR, ou com funções secundárias como instrutor de ginástica e projetor de filmes.

Algumas figuras envoltas em grande suspeita para a DOPS, como o geólogo Reinhard Maack⁷¹, acusado de mapear a geografia paranaense para ‘entregá-la’ ao *Reich*, também figuram na lista.

Observando atentamente o perfil dos detentos, percebemos que, excetuando menos de meia dúzia de indivíduos, a DOPS considerou como ‘perigo à segurança nacional’ homens pouco ou nada relacionados ao ‘grosso’ da NSDAP, atuante entre 1933-1938. Apenas um chefe local (Irati) aparece na lista! Destarte, pessoas que foram soltas logo em seguida, por falta de provas e por ordem da Secretaria de Interior e Justiça, foram colocadas no mesmo plano.

71 O mistério se estende aos historiadores, uma vez que o prontuário de Reinhard Maack, apesar de comprovada existência, não se encontra nos arquivos da DOPS-PR.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Alusão explícita à ausência de justificativas palpáveis para a repressão aparece na correspondência entre a DOPS e a Chefia de Polícia. Em maio de 1942, Valfrido Piloto (Delegado de Ordem Política e Social) explicava:

Trata-se, em sua quasi generalidade, de membros preponderantes e apaixonados do N.S.D.A.P., -- Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei, -- dêste Estado, nenhum deles negando, ainda hoje, sua participação naquela agremiação. A respeito das atividades de todos, esta D.O.P.S. foi colhendo comprovantes, e chegou à convicção de, si permanecessem em liberdade essas pessoas, constituiriam eles permanente ameaça à nossa soberania, pois assim que soubessem oportuno, favoreceriam, à causa do 'eixo'. **É natural que elementos dessa natureza procedem, sempre, sem deixar vestígio de seus intentos máximos, -- que, no caso, seria agir solertemente, agora, no sentido de que os mil e um modos de enfraquecer, desorientar, destruir uma nação inimiga, pudessem surtir efeitos os mais favoráveis possíveis, e isso para que o nazismo realizasse, também contra nós, o seu sonho de domínio universal. Por aquelas circunstâncias, é explicável não conte, a Polícia, com provas de uma atividade atual de conspiração, -- dados que seriam os exigíveis para o processo de cada um dos detidos [...]. É evidente que, dos autos em que se conterão os motivos da reclusão desses nazistas, poderá não surgirem justificativas capazes de bem enquadrar, os casos, em nossa legislação. Ao Governo Federal cabe, no entanto, a solução do assunto, de vez que a soltura de tais presos não conviria, em absoluto, à segurança nacional [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942a, grifo nosso).**

A prisão dessas 26 supostas ameaças foi sucedida pelo encaminhamento do mesmo número de indivíduos (após algumas alterações na lista) ao Rio de Janeiro, em primeiro de

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

agosto de 1942, por intermédio de um vapor de nome Itaquera. As ordens para tal manobra vieram diretamente do Ministério da Justiça, que reteve a maioria desses indivíduos na Colônia Penal Candido Mendes⁷² (Colônia Penal Agrícola de Ilha Grande), até 1944/45. Reinhard Maack, detido em Ilha Grande, teve tempo para desenhar a topografia do local (Ilustração 12).

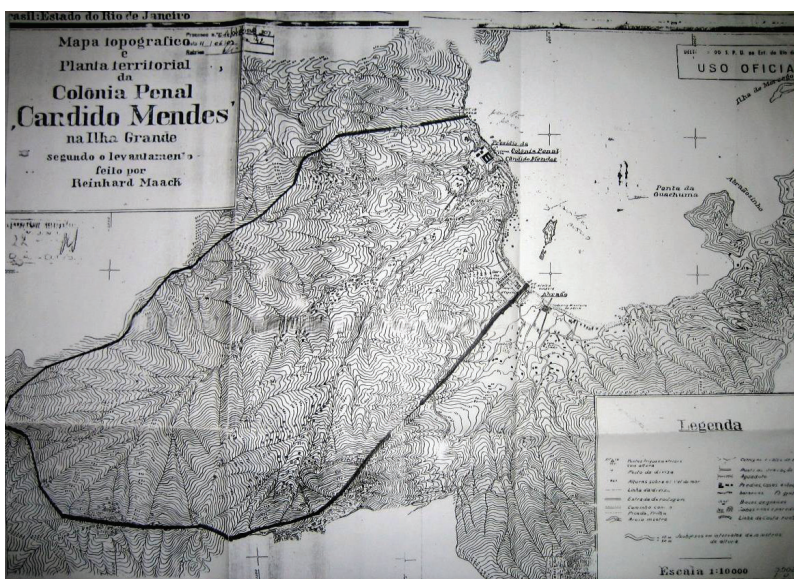


Ilustração 12: Mapa Topográfico e Planta Territorial da Colônia Penal Candido Mendes

Fonte: <http://www.lageop.ufrrj.br/shot_detalle.php?titulo=Ilha_Grande&caminho=images/ilha_grande.jpg>. Acesso em: 08 ago. 2006.

72 Em virtude do rompimento do Brasil com a Alemanha, o governo transferiu a Colônia Agrícola do Distrito Federal, localizada em Fernando de Noronha, para a Colônia Penal Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Sobre os campos de concentração no Brasil, durante a Segunda Guerra, ver Perazzo (2002).

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Em setembro do mesmo ano, os imigrantes ‘eixitas’ do litoral sofreram processo de evacuação de toda costa, em menos 24 horas⁷³. Segundo Kimura:

Os imigrantes radicados no litoral aparentemente foram os que sofreram de forma mais contundente a repressão policial. Sob alegação de espionagem e sabotagem, todos os imigrantes foram retirados de suas propriedades, através de ordem de evacuação do Departamento de Polícia Política, executada pelas delegacias regionais de Antonina e Paranaguá (2006, p. 104).

A manobra fez o Paraná se antecipar à evacuação ocorrida no litoral paulista a partir de julho de 1943 (CYTRYNOWICZ, 2000).

Meses antes, em março de 1942, já havia ocorrido o desmanche do Consulado da Alemanha em Curitiba. Todos os funcionários partiram em caravana de automóveis para o Rio de Janeiro e embarcaram em um vapor com destino à Alemanha. Toda a viagem foi meticulosamente observada pela DOPS: o fechamento das pendências (como contas em banco), as orientações acerca da viagem (advindas do consulado da Espanha, novo representante dos alemães após o rompimento), os preparativos etc. Enfim, acerca de todo o procedimento a DOPS deveria ser e foi informada.

Ora, o fechamento e a expulsão dos membros do Consulado referem-se a uma questão diplomática. Mas o surto repressivo aos nazistas em 1942 fazia sentido?

73 No início de 1943, ocorreu também a evacuação de, aproximadamente, 300 ‘súditos do eixo’ radicados na faixa de fronteira internacional do Estado, em Foz do Iguaçu e Guaíra (SILVA, 2010).

Em primeiro lugar, a repressão desenfreada sobre alemães (indiscriminadamente) é fato, tanto no Paraná quanto em outros Estados. Invasões de casas, empresas, apreensão de livros, revistas, documentos pessoais, aparelhos de rádio (alvo preferido das delegacias) etc. eram comuns no ano de 1942. Esses fatos – que não são objeto deste trabalho – não fazem sentido em lugar algum e remetem mais aos algozes (a lógica da suspeição policial) do que às vítimas. É perda de tempo procurarmos os motivos entre os sujeitos passivos.

Por outro lado, se examinarmos a documentação, concluiremos que as justificativas da DOPS para a repressão à já extinta NSDAP/PR não encontram respaldo empírico para o ano 1942. Apenas atentando para as contingências do momento nacional e local, poderemos entender as razões que levaram os órgãos repressores a denominar esses indivíduos como “*membros preponderantes e apaixonados do N.S.D.A.P., – Nacional Socialistische Deutsche Arbeiter Partei – dêste Estado*” [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942a, grifo nosso).

No início deste capítulo, apresentamos uma visão geral de questões governamentais, diplomáticas e econômicas, que levaram o Brasil a modificar sua posição acerca dos alemães aqui residentes, em 1942. Grosso modo, o posicionamento do país na Conferência do Rio de Janeiro (janeiro, 1942) e suas consequências permitiram que aqui se instaurasse um ambiente favorável – e teoricamente, justificável – à repressão policial.

Não obstante, a conflagração mundial estava ‘chegando’ cada vez mais perto e não apenas se ‘refletindo’ em terras tupiniquins. Roney Cytrynowicz (2000) mostrou como a guerra – por intermédio do Estado Novo, diga-se de passagem – modificou

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

o cotidiano dos paulistanos com a constituição do *front* interno. Enquanto para uns, principalmente dos setores médios urbanos, o conflito significou mobilização em torno do esforço de guerra, para outros, constituiu verdadeira exploração e repressão, em especial para operários e imigrantes. Certamente, como sustenta o autor, a mobilização de guerra atendia a interesses internos estadonovistas e deve ser relativizada quanto a um consenso geral patriótico em favor do esforço de guerra.

Apesar disso, é possível sustentarmos que o clima instaurado em certas localidades, como Curitiba, legitimou e era legitimado pela repressão policial ao ‘inimigo’, na medida em que setores da sociedade clamavam por uma posição do governo frente ao quintacolonismo.

Por outro lado, a repressão atendia aos interesses de controle e “mobilização controlada” do Estado Novo frente às populações dos centros urbanos (CYTRYNOWICZ, 2000, p. 32). O ambiente de patriotismo manifesto em Curitiba, no ano de 1942, por grupos e instituições nacionalistas como a Liga de Defesa Nacional, ajuda-nos a entender, em parte, o surto repressor dos meses entre janeiro e maio.

As movimentações em torno da ‘chegada da guerra’ começaram a fazer alarde com o ‘Serviço de Defesa Passiva’. Criado em todo o território nacional pelo Decreto-lei nº 4.098, de 06/02/1942, em Curitiba, subordinava-se à 5ª RM e, segundo Boschilia (1995, p. 20),

era responsável pela organização de equipes de socorro, recrutamento de voluntariado, exercícios de blecaute e construção e instalação de abrigos contra explosivos e gases.

Da mesma forma, o Serviço de Defesa Antiaérea era incumbido de tomar providências para possíveis bombardeios sobre a cidade.

Logo, outra instituição veio somar esforços nesse sentido: dirigida diretamente por Manoel Ribas, a Liga de Defesa Nacional iniciou seus trabalhos ‘cívicos’ no Estado oficialmente em abril. Políticos e intelectuais encabeçavam a Liga que era responsável “pela coordenação das campanhas de arrecadação para fundos de guerra, a promoção de cursos em áreas como rádio e telegrafia e a organização e todo e qualquer evento público, como festas cívicas e comícios” (BOSCHILIA, 1995, p. 22). As portas abertas dessas instituições em Curitiba começavam a significar a presença de um ambiente belicoso. Ainda mais, quando se tinha em mente que o inimigo estava ‘entre nós’.

Essa percepção parece ter gerado, um mês antes da criação da Liga, uma comoção popular que canalizou a fúria de uma turba contra tais inimigos. O famoso comício do dia 18/03/1942, aparentemente em resposta ao torpedeamento dos navios brasileiros por submarinos do Eixo, promoveu verdadeiro quebra-quebra nas ruas de Curitiba. Após discursos inflamados e desfiles patrióticos, sem a participação de autoridades, a população passou a atacar casas, estabelecimentos comerciais, indústrias e clubes dos ditos ‘eixistas’. O relatório da DOPS aponta para 68 locais que sofreram avarias pela ação de populares. Sobre o evento, um contemporâneo escreveu:

Sem qualquer distinção, se adeptos do nazismo ou adversários do mesmo, se alemães recém-chegados ou brasileiros já de quarta geração: suas moradias eram invadidas, suas oficinas ou casas comerciais destruídas, saqueadas as sociedades, objetos de arte destruídos, bibliotecas queimadas, e outros atentados mais. As pessoas mais destacadas da colônia alemã eram sumariamente detidas e custodiadas, sem

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

fundamentos jurídicos ou formação de culpa, e internadas meses a fio, às vezes até durante vários anos (ABECK, 1980, p. 39).

Entre os locais atingidos estavam, a título de exemplo, os clubes Concórdia e Rio Branco, a Cia. Telefônica Paranaense, a Impressora Paranaense de Max Schrappe, o Banco Alemão Transatlântico, a Casa Bayer e o Foto Progresso (Ilustração 13) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942j).

Apesar do posicionamento contrário da 5ª RM com relação ao vandalismo, as autoridades não fizeram muita coisa além de apagar o fogo de uma das casas comerciais atingidas (curiosamente, o bombeiro-chefe em Curitiba era teuto-brasileiro, João Meister Sobrinho, notadamente antinazista). Segundo Helmuth Abeck, testemunha ocular dos fatos,

[...] foram protegidos pelo Exército, somente a Central Telefônica, um estabelecimento dirigido por alemães, e a fundição da firma ‘Mueller Irmãos Ltda’. O primeiro, para que fosse evitado o colapso total do já por si precário serviço de comunicações, e a segunda, porque o seu diretor havia colocado a empresa sob proteção pessoal do general comandante da Região (1980, p. 39).

Não cremos em ‘espontaneidade’ nesse movimento de quebra-quebra. Cada participante tem sua trajetória que se molda e é moldada em meio à turba. Para se ter uma ideia, no dia 20, um dos inflamadores da multidão, o jornalista Rodrigo de Freitas foi aos microfones da PRB-2 expor seu ponto de vista sobre o fato:

Os acontecimentos ante-ontem verificados em Curitiba, valem bem por uma reabilitação que constituíram a demonstração concreta da existência do civismo em nosso povo. Esse sentimento dormia nos ânimos e nos corações, mas não havia

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

morrido. Vivia latente, aguardando o momento de florir à luz dos acontecimentos. Bastava uma centelha para fazê-lo explodir. E explodiu [...] [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942k).



Ilustração 13: Sala de espera do 'Foto Progresso', de propriedade de Augusto Weiss, após do comício do dia 18/03/1942

Fonte: Arquivo Público do Paraná. DOPS (1942j).

O 'civismo' torna-se xenofobia, quando o jornalista tenta explicar a depredação de casas teuto-brasileiras:

Houve entretanto, uma pequena minoria que, no pitoresco dizer popular, 'achou ruim'. É possível. A grande maioria, a quase totalidade, porem, dos brasileiros, achou muito bom. Mas – dirá aquela minoria – brasileiros foram alvos também de demonstrações de desagrado popular. Brasileiros, não! Indivíduos, apenas nascidos no Brasil. E para ser brasileiro não basta esta circunstância fortuita do acaso. Para ser brasileiro é necessário nascer do

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Brasil e ser brasileiro cem por cento, de alma e coração. **Esses que vivem adorando os ídolos da terra de seus ancestrais;** esses que colocam o amor ao Brasil em nível inferior à admiração pelos trocúntos e berradores desencadeadores de guerras, de tragédias, de hacatombes; esses que gozam intimamente o sadismo da alegria que lhes causam o afundamento de nosso navios e o assassinio de nossos marinheiros; **esses que vivem a repetir, a decorar, como orações sagradas, toda baboseira, toda imbecilidade das idéias absurdas que seus pais e avós trouxeram dos velhos países carcomidos por todas as paixões ignóbeis;** esses que tiveram a coragem de envergar camisas coloridas, que se enfeitaram com crachás e balagandans de importação; esses, podem ter nascido no Brasil, podem ser tudo que quizerem, menos brasileiros. Não, houve portanto, injustiças [...] [sic] (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942k, grifo nosso).

O cronista certamente exagera, e os ‘que não gostaram’, de certa forma, tinham razão. O que dizer da Loja de tecidos Mousseline? O proprietário era brasileiro, mas a Casa foi depredada pela multidão porque seu nome (de origem francesa) parecia-se com o de Benito Mussolini, o *Duce* italiano. Da mesma forma, o suíço Alberto Bolinger teve a sua ‘Casa Suíça’ atacada em meio ao movimento (ZUCON, 1997, p. 112).

Esses fatos novelescos não podem nos tirar a atenção do cerne da questão. Criou-se, de fato, um ‘clima propício’ para ações repressoras, uma vez que da própria comunidade partia a iniciativa para ações contra os ‘eixistas’. Assim, é possível que um ou outro policial em meio à multidão tenha titubeado quanto à repressão ao quebra-quebra, como argumentaram alguns alemães prejudicados com o evento (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1942b).

Da mesma maneira que o cronista da PRB-2, no dia seguinte ao evento, Valfrido Piloto, delegado de ordem política e social, manifestou-se no jornal *Gazeta do Povo*, justificando a ação da turba:

Compreende-se perfeitamente que os patriotas em face á situação atual, sejam tomados de ímpetos de ação cívica no sentido de demonstrar a revolta que lhes explode no íntimo, pelas fortes agressões nazistas, e de manifestar, também, estar imperecível e forte, como sempre, á chama do devotamento pátrio. Gostaríamos, nós os da Polícia, poder mostrar a todos esses bons e resolutos brasileiros, o quanto nos temos desdobrado em tarefas úteis pela segurança nacional e em golpes implacáveis contra a 5ª coluna e os seus multiformes meios de agir. Aliás, conforta-nos a cooperação que todos nos tem trazido, e que é, seguramente, resultante da ação indormida e enérgica que o Governo do Estado e seus auxiliares vêm desenvolvendo e da qual todos estão podendo sentir os efeitos. [Sobre as prisões] vai isto como informação estatística: sobem a quasi uma centena. Posso assegurar-lhe, - é o que interessa -, dentre os elementos que lá na Casa de Detenção se acham curtindo as suas claras ou disfarçadas ideologias de traidores do Brasil, está a maioria dos próceres e os mais perigosos [sic] (GAZETA DO POVO, 1942 apud SOUZA, 2002, p. 122).

No entanto, nem só isso explica o que chamamos de surto repressor, que atingiu os remanescentes da NSDAP/PR. Não devemos nos esquecer de que a polícia política de Vargas (bem como boa parte das polícias políticas) não agia somente em favor de uma diretriz emanada de decisões relativas à guerra ou à ideologia. A polícia política era um fim em si mesmo. De outra forma, ‘fazia-se por fazer’, porque era o seu trabalho. Entendamos com o seguinte ditado: ‘sem a caça, não há caçador’. Nesse sentido, algumas ações investigativas e repressoras chegam à beira do ridículo, como a procura intensiva por suásticas ou por indivíduos cumprimentando-se com um *Guten Tag*.

III – OS LIMITES DA AÇÃO NAZISTA NO PARANÁ

Podemos visualizar a caçada frenética por nazistas se atentarmos para os modelos de questionário que a DOPS elaborava para cada interrogado preencher a próprio punho. As questões, primeiramente, tentavam arrancar um envolvimento com a extinta NSDAP/PR e a delação de outros membros; depois, pormenorizadamente, requeriam a opinião dos indivíduos quanto aos eventos ocorridos após dezembro de 1937: Campanha de Nacionalização, proibição à AIB, política externa brasileira, torpedeamento dos navios brasileiros etc. A opinião dos indivíduos acerca dos países Aliados e do Eixo também era requerida, assim como sobre o envio de tropas brasileiras à Europa.

Existe um abismo entre tais depoimentos e as conclusões da DOPS, constantes em relatórios e folhas-corridas. O termo ‘nazista fervoroso’ é usado indiscriminadamente, principalmente quando se refere a uma ‘confissão’ do tipo ‘foi membro da extinta NSDAP’.

Assim, a partir da documentação aqui trabalhada, é possível demonstrarmos que essa etapa da caça aos nazistas pouco significou uma caça ao Círculo paranaense da NSDAP, como partido organizado.

Sem dúvida, alguns militantes foram presos nesse momento, muitas vezes porque realmente quebraram a lei de neutralidade ou, posteriormente, desobedeceram às portarias ‘antieixistas’.

É nesse sentido que alguns indivíduos de Paranaguá, incluindo o Vice-cônsul, foram presos por comemorarem as vitórias nazistas na Holanda com fogos e festejos (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. DOPS, 1940a). Alfred Andersen (o mais investigado entre os líderes no Paraná) permaneceu dois anos preso por ter se despedido de um amigo com a saudação nazista. Entretanto, essas atitudes não tinham mais ligações com a estrutura partidária da

NSDAP/PR, recorrentemente resgatada pela polícia em 1942, para justificar a prisão.

Dessa forma, concluímos que a repressão ao nazismo no Paraná encontra sentido no clima nacional e regional do período. Os acontecimentos que se sucederam após janeiro de 1942 precipitaram a coerção internamente. Assim, no aspecto da repressão, e no que diz respeito ao objeto ‘Círculo paranaense do Partido Nazista’, 1942 é menos significativo do que 1938. O ‘estado de coisas’ a que a polícia se refere como supostamente existente ‘em 1942’, pouco se explica na História se entendido como uma ameaça perturbadora da NSDAP no Paraná.

Aproveitando o termo, o ‘estado de coisas’ deve ser apreendido como um ambiente, construído tanto por fatores internos quanto externos, que tornou a máquina repressiva justificável a despeito das realidades sociais e políticas do momento.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A trajetória da NSDAP/PR só pode ser compreendida se levarmos em conta o movimento maior, qual seja, a expansão partidária nazista da década de 1930, ambicionando realizar o devaneio unitivo da Grande Alemanha, fora da Alemanha. Peculiarmente, a Organização se enraizou no Brasil formando o maior contingente fora da pátria-mãe nos quadros oficiais. O momento lhe foi propício: o Governo Provisório (1930-1934) e o Governo Constitucional (1934- 1937) de Vargas pouco se importaram com o florescimento de organizações partidárias estrangeiras, exceto aquelas envolvidas com o socialismo soviético.

Assim, as divisões geográficas da NSDAP puderam se acomodar em solo brasileiro, dando origem aos Círculos regionais e/ou estaduais do Partido. A escolha dos alvos parece ter algo a ver com a importância da localidade no plano nacional e com o número de imigrantes de origem germânica, haja vista o contingente de partidários que podemos encontrar em São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná.

Nos planos do Partido, o Paraná pode ter sido interpretado (como certa vez afirmou o líder do *Kreis*) como território etnicamente misto, que une um Brasil luso-brasileiro a um ‘apêndice’ de colonização teuta. Assim, não é exagero concluirmos que o Paraná teve considerável importância nos planos gerais do Grupo Nacional do Partido. Vimos que, por vezes, chefes nacionais frequentavam os braços municipais da NSDAP/PR, não raro o próprio líder nacional Hans Henning von Cossel.

Malgrado os reveses, os *nazis* conseguiram apregoar a doutrina nos meios que interessavam ao partido global; de sociedades e clubes urbanos a comunidades agrícolas interioranas, o Paraná não esteve ‘imune’ à aparição das quase duas centenas de membros que compunham o grupo estadual. Certamente, como vimos, as ações

se concentraram na capital, cidade de visível presença da etnia e da cultura alemãs.

Para tanto, o auxílio do Consulado da Alemanha em Curitiba foi fundamental e a imbricada relação do mesmo com o Partido – espelho do projeto de Estado nacional-socialista – permitiu que uma série de atividades se desenvolvesse à sombra das instituições consulares.

Um exemplo é a propaganda partidária, realizada por meio de uma mescla de ações, na qual não é possível distinguir quais são do Partido ou do Consulado. Dividimos em quatro as categorias de propaganda nazista direcionadas aos teutos do Paraná: escrita, radiofônica, cinematográfica e a que chamamos de presencial.

Quanto à face social dos militantes, de modo genérico, verificamos que os ingressados na seção brasileira da NSDAP pertenciam a um grupo de alemães, imigrantes de classe média/alta. Geracionalmente, tais indivíduos ligavam-se aos eventos da conflagração mundial de 1914-1918 e pouco tendiam a se desligar da sua pátria e dos aspectos políticos lá presentes. No Paraná, essa caracterização pouco diverge. Contudo, percebemos que alguns indivíduos já fixados no país e de alta posição econômica na capital paranaense participaram ativamente da NSDAP/PR, inclusive sustentando-o com as principais contribuições financeiras.

De forma quase inevitável, nosso trabalho se deparou com a questão da recepção ao nazismo entre os germânicos no Paraná. Encontramos assim, na década de 1930, uma comunidade permeada pelo conflito político e cindida entre partidários e não-partidários da causa nazista e/ou do Partido. Fato comum também em outras localidades, a truculência dos nazistas na tentativa de impor sua ideologia serviu para afastar parte dos alemães, se não da ideologia, pelo menos dos quadros formais da NSDAP.

CONCLUSÃO

Pudemos constatar também, nesse sentido, que parte dos teuto-brasileiros e alemães com raízes mais profundas no Brasil e imbuídos da ideia de pertença a um *establishment* na nova nação recusaram a novidade do nazismo, na medida em que entendiam os jovens partidários como *outsiders* que intentavam cruzar as fronteiras protetoras do grupo, construídas desde o século XIX.

Vimos também que, se os dois primeiros governos da Era Vargas permitiram que proliferassem os círculos da NSDAP, com o Estado Novo a situação se modifica. Impõe-se um projeto nacionalizante e politicamente apartidário, que entra em choque com o trabalho dos *nazís* em todo o país.

Nesse contexto, a NSDAP/PR cessou as atividades, principalmente por força do Decreto 383, de 18 de abril de 1938, que proibia a existência de agremiações partidárias estrangeiras em solo nacional. A DOPS, após essa data, cumpria a função de vigilância sobre os ex-militantes, mapeando suas trajetórias e convocando alguns para prestar esclarecimentos.

Com a precipitação do conflito mundial de 1939 e sob a necessidade de resguardar a neutralidade do Brasil, alguns indivíduos foram presos por práticas desrespeitosas à condição diplomática do país.

Mais tarde, com o alastramento do conflito para as terras americanas e o consequente posicionamento do Brasil ao lado dos Aliados, em 1942, justifica-se uma atitude repressora contra o elemento teuto, nazista ou não, dada a condição de ‘inimigo de guerra’. No Paraná, as antigas referências sobre membros da NSDAP/PR foram retiradas das gavetas e muitos ex-militantes foram encarcerados. Aqueles ligados ao Consulado foram expulsos, em março de 1942. Outro grupo, composto genericamente de simples ex-membros da NSDAP, alemães não-nazistas e uns

poucos ex-líderes do Partido, foi enviado para a Colônia Penal Candido Mendes (conhecida como Ilha Grande), em agosto do mesmo ano.

Salientamos que parte das explicações para a onda repressora aos nazistas no ano de 1942 se encontra nos meandros do próprio ‘clima bélico’ instaurado na capital paranaense. Insuflado pela mídia (jornais e rádio) e pela presença de organismos de ordem nacionalista (como a Liga de Defesa Nacional), o ambiente tornou-se propício para uma ação com ‘carta branca’ das forças repressoras, haja vista as incoerências encontradas em alguns dossiês referentes à falta de provas ou conclusões precitadas da DOPS.

Enfim, pensamos ter conseguido apresentar, minimamente, a ‘aventura nazista no Paraná’. A falta de referências, com exceção dos livros de época, fez-nos sentir tateantes no escuro. Assim, evidenciamos que este é o começo de um trabalho historiográfico que merece a devida atenção, tanto a partir da reavaliação de hipóteses aqui apresentadas quanto no aprofundamento de minúcias deixadas de lado, devido ao tempo e à escolha do pesquisador.

Nesse sentido, gostaríamos que os leitores percebessem este trabalho como um instigador para futuras abordagens sobre o nazismo no Paraná e outros temas correlatos aos fascismos em solo estadual. Nesse campo, muito ainda se tem por fazer.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ABECK, H. *A colaboração germânica no Paraná nos últimos 50 anos (1929 – 1979)*. Curitiba: Casa Romário Martins, 1980.
- ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- ARIAS NETO, J. M.; DE BONI, M. I. M. de; SOUZA, S. C. M. de. (Org.). 150 anos de Paraná: história e historiografia. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 8., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2004. p. 445-448.
- ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO. Tribunal de Segurança Nacional (TSN). Rio de Janeiro. (1943. Processo 1463, Henrique Klein).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. ([193-]. Fl. 44, Pront. 1428, Top. 168, Nazismo - informes da delegacia e fotografia).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Relação da documentação extraída do arquivo do Partido Nazista de Curitiba. 5ª RM, 2ª Seção. 1933-1938. Fls. 101-113, Pront. 125, Top. 15, Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Resposta do NSDAP/PR ao protesto da colônia alemã de Curitiba. Deutscher Morgen. [1936?]. Pront. 3704, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Solicitação de informações acerca do NSDAP (bilhete informal). 1936a. Fl. 25. Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Aus dem deutschem Kulturraum – Deutsch-brasiliachischer Protest gegen NSDAP. 1936b. Fls. 26-32, Pront. 3704, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Informe ao Delegado Auxiliar. 23 jun.1936c. Fl. 24, Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Werner Hoffmann. 25 jun. 1936d. Fls. 22-23, Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Guilherme Willy Roettger a Frau Mull. 20 maio 1937a. Fls. 6, Pront. 1427, Top. 353, Guilherme Willy Roettger).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Certidão de escritura da Companhia Paranaense de

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

Colonização LTDA. 13 out. 1937b. Fls. 37-39, Pront. 1082, Top. 334, Erich Finmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Circular do NSDAP nº 37/69 – Ho./J. 31 dez. 1937c. Fl. 9, Pront. 3704, Werner Hoffmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Estatutos da Sociedade dos Ex-combatentes alemães da Grande Guerra, Estado do Paraná. [1938?]. Fls. 2-3, Pront. 1352, Top. 349, Guilherme Fischer).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas do Werner Hoffmann. 27 jun. 1938a. Fls. 18-19, Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Estatutos da Sociedade de Cultura Física Jahn. 15 dez. 1938b. Fl. 6, Pront. 2178, Top. 239, Sociedade Cultural Física Jahn).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Kurt Maeckleburg. 20 dez. 1938c. Fls. 19-20, Pront. 2305, Top. 407, Kurt Maeckelburg).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Folha de anotações e antecedentes de Otto Braun. 1938d. Fl. 1, Pront. 3024, Top. 452, Otto Braun).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Folha de anotações e antecedentes de Alberto Blum. Pront. 1938e. 100a, Top. 279, Alberto Blum).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Folha de anotações e antecedentes de Werner Ricken. 1938f. Pront. 3707, Top. 492, Werner Ricken).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Kurt Maeckelburg (anexo). 23 dez. 1938g. Pront. 2305, Top. 407, Kurt Maeckelburg).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Jornal Gazeta do Povo - 1938-1942a).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Jornal O Dia - 1938-1942b).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945a. Pront. 770, Top. 316, Clement Banach).

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945b. Pront. 674, Top. 311, Carlos Ruprecht).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945c. Pront. 770, Top. 316, Clement Banach).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945d. Pront. 2709, Top. 431, Max Schrappe).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945e. Pront. 2977, Top. 448, Oscar Schrappe Sobrinho).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (1938-1945f. Pront. 236, Top. 25, Clube Concórdia).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Wener Hoffman a Erich Finmann. [1939?]. Fl. 10, Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta do Consulado da Alemanha em Curitiba ao chefe da DOPS. 05 jan. 1939a. Fl. 16, Pront. 3704, Werner Hoffmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Otto Braum a Guilherme Fischer. 10 jan. 1939b. Fl. 6, Pront. 1352, Top. 349, Guilherme Fischer).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Rudolf Mayer ao Consulado da Alemanha em Curitiba. 02 fev. 1939c. Fl. 29, Pront. 1538, Top. 360, Erich Finmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Werner Hoffmann ao Consulado da Alemanha em Curitiba. 08 fev 1939d. Fl. 30, Pront. 3024, Top. 452, Otto Braun).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta do Consulado da Alemanha em Curitiba para a Seção de Divisas Cambiais em Stuttgart. 18 fev. 1939e. Fl. 64, Pront. 1538, Top. 360, Erich Finmann).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta do Consulado da Alemanha em Curitiba a Emil Mohrhoff. 19 abr. 1939f. Fl. 5, Pront. 1050, Top. 331, Emil Mohrhoff).
- ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Werner Hoffmann a

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

DESPS/RJ. 24 fev. 1939g. In: Semana Policial, Curitiba, 1 maio 1939g. Pront. 3704, Top. 492, Werner Hoffmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Circular secreta da Gesellschaft für Siedlung im Ausland ao NSDAP/PR. maio 1939h. Fl. 21, Pront. 1082, Top. 334, Erich Finmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Erich Finmann. 13 maio 1939i. Pront. 1538, Top. 360, Erich Finmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Otto Braun. 17 jul. 1939j. Fls. 32-33, Pront. 3024, Top. 452, Otto Braun).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de apreensão. 29 out. 1939k. Fl. 9, Pront. 1473, Top. 356, Hans Zischler).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Julio Brand. 1940a. Fls. 25-26, Pront. 2248, Top. 403, Julio Brand).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de prisão em flagrante. 04 jan. 1940b. Fls. 116-118, Pront. 125, Top. 15, Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Guilherme Fischer. 13 dez. 1940c. Fls. 18-19, Pront. 1352, Top. 349, Guilherme Fischer).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Ofício do Comandante da 5ª Região Militar ao Chefe de Polícia do Estado do Paraná. 14 ago. 1941a. Fl. 11, Pront. 1352, Top. 349, Guilherme Fischer).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Relação nominal dos alemães, japoneses e brasileiros de origem alemã, fichados na 2ª seção do Estado Maior Regional considerados, pelos seus antecedentes, como elementos mais perigosos, no momento, tais interesses da Segurança Pública do Estado do Paraná. 12 dez. 1941b. Fls. 24-26, Pront. 3024, Top. 452, Otto Braum).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Ofício n. 763 da DOPS à Chefia de Polícia. 25 fev. 1942a. Fls. 8-11, Pront. 125, Top. 15, Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen).

REFERÊNCIAS

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Albino Carlos Krueger. 23 abr. 1942b. Fl. 2, Pront. 121, Top. 280, Albino Carlos Krueger).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Ricardo Kempfer. 06 jul. 1942c. Fls. 4-5, Pront. 3266, Top. 467, Ricardo Kempfer).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Emil Mohrhoff. 11 jul. 1942d. Fl. 19, Pront. 1050, Top. 331, Emil Mohrhoff).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Herbert Hebmuller. 11 jul. 1942e. Fl. 7, Pront. 1554, Top. 361, Herbert Hebmuller).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Otto Braun. 14 jul. 1942f. Fl. 12, Pront. 3024, Top. 452, Otto Braun).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Auto de declarações prestadas por Osvald Nixdorf. 23 ago. 1942g. Fl. 22, Pront. 3001, Top. 450, Osvald Nixdorf).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/PR. 03 nov. 1942h. Fls. 16-17, Pront. 492, Top. 301, Arthur Hoffmann).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Osvald Nixdorf ao Interventor Federal Manoel Ribas. 14 nov. 1942i. Fl. 25, Pront. 3001, Top. 450, Osvald Nixdorf).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Relação das casas depredadas no comício realizado em 18 mar. 1942j. Fls. 3-5, Pront. 0254, Top. 27).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Crônica do dia da PRB-2 lida no dia 20 mar. 1942k; Rodrigo de Freitas. Fl. 2, Pront. 0254, Top. 27. Comício de 18 mar. 1942).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Demonstrativo de Conta Corrente do Consulado Alemão de Curitiba, jun. 1939 – jun. 1942, Banco Alemão Transatlântico. 1942L. Fls. 22-30, Pront. 353. Top. 41, Consulado Alemão).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Folha de anotações e antecedentes de Ernst Minjon. 1942m. Fl. 1. Pront. 1094, Top. 334, Ernst Minjon).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/ PR. 08 mar. 1944a. Fls. 10-14, Pront. 1554, Top. 361, Herbert Hebmuller).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Comunicação Reservada n. G/101 do Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública, Capitão Fernando Flores, ao Delegado de Ordem Política e Social, Dr. Valfrido Piloto. 13 mar. 1944b. Pront. 1379, Top. 163, Movimento dos Antinazistas Alemães do Brasil).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Resposta manuscrita aos quesitos formulados pela DOPS/ PR. 29 ago. 1944c. Fls. 12-13, Pront. 2303, Top. 407, Kurt Boiger).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Decreto-lei 7.474. 18 abr. 1945. Fl. 4, Pront. 1538, Top. 360, Henrique Klein).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Comunicação reservada do Delegado de Ordem Política e Social do Paraná ao Major Arthur da Costa Seixas, comandante da 5ª R.M. 18 nov. 1946. Fls. 45-46, 50, Pront. 125, Top. 15, Atividades Nazistas no Sul do Brasil e Alfred Andersen).

ARQUIVO PUBLICO DO PARANÁ. Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS). Curitiba. (Carta de Oscar Schrappe Sobrinho, Max Shcarappe Junior e Hellmuth Schrappe ao Exmo. Snr. Governador do Estado do Paraná. 14 dez. 1951. Fls. 1-2, Pront. 2977, Top. 448, Oscar Schrappe Sobrinho).

AULICH, W. *Alemães no Paraná: estudo histórico e caracterológico*. Curitiba: Comissão de festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953.

BERSTEIN, S. Os partidos. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 57-98.

BERTONHA, J. F. A questão da 'Internacional Fascista' no mundo das relações exteriores internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Rio de Janeiro, ano 43, n. 1, p. 99-118, 2000.

_____. *A Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Saraiva. 2001. (Coleção Que história é esta?).

_____. Amanhã o mundo? Uma análise da produção histórica recente sobre os objetivos internacionais da Alemanha Nazista. *RelNet*, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <<http://www.relnet.com.br/Arquivos/pdf/2003/391revista.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2006.

REFERÊNCIAS

- _____. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 40, p. 85-104, 2001.
- _____. História transnacional: perspectivas e problemas. In: FÓRUM DE PESQUISA UEM/UEL, 1., 2001, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2000. p. 335-340.
- _____. *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BORMANN, M. *Testamento político de Hitler*. São Paulo: Exposição do Livro, 1965.
- BOSCHILIA, R. *O cotidiano de Curitiba durante a II Guerra Mundial*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1995.
- BRASIL. Decreto-lei n. 37, de 2 de dezembro de 1937. Dispõe sobre partidos políticos. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103167>>. Acesso em: 06 out. 2006.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências.
- BRASIL. Decreto-lei nº 4166, de 11 de março de 1942. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103367>>. Acesso em: 06 out. 2006.
- BREPOHL DE MAGALHAES, M. D. O pequeno burguês nazificado. In: BREPOHL, M. D.; BRESCIANI, M. S.; NAXARA, M. (Org.). *Razão e paixão na política*. 1. ed. Brasília, DF: EDUNB, 2002. v. 1, p. 217-236.
- _____. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã no Brasil*. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1998.
- _____. *Paraná: política e governo*. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios).
- CANCELLI, E. *O mundo da violência: a polícia na Era Vargas*. 2. ed. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1994.
- CARNEIRO, M. L. T. (Org.). *Inventário DEOPS Alemanha*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- CARONE, E. *A Segunda República (1930 – 1937)*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1974.
- _____. *A Terceira República (1937-1945)*. São Paulo: Difel, 1976.

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

COGGIOLA, O. (Org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã, 1995.

COSTA, S. C. da. *Crônica de uma Guerra Secreta - Nazismo na América: a conexão argentina*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CYTRYNOWICZ, R. *Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Edusp, 2000.

DIETRICH, A. M. *A caça às suásticas: o partido nazista em São Paulo sobre a mira da polícia política*. 2001. 316 f. Dissertação (Mestrado em História Social)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. *Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil*. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em História Social)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007a.

_____. Porta vozes de Hitler. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, p. 22-23, 2007b.

_____. *Suásticas no Brasil*. São Paulo: [s.n.], [2004].

DOPS: a lógica da desconfiança. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretária de Estado da Justiça/Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1996.

ELIAS, N. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAUSTO, B. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FÁVERI, M. de. *Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Univali, 2004.

FERRAZ, F. C. A. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FISCHER, G. *Abrigo no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.

GAY, P. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GERTZ, R. E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. Preconceitos de sangue. *História: questões e debates*, Curitiba, v. 10, n. 18, p. 157-180, 1989.

_____. *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Fascismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

REFERÊNCIAS

- _____. O Brasil nos anos 30 e a ideologia germanista: estudo de caso. In: MILMANN, L.; VIZENTINI, P. F. (Org.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 89-99.
- GOEBBELS, J. Rassenfrage und Weltpropaganda. In: REICHSTAGUNG in Nürnberg 1933. Berlin: Vaterländischer Verlag C. A. Weller, 1934. p. 131-142.
- HALL, M. M. *The origins of mass immigration in Brazil, 1871-1914*. 1969. Tese (Doutorado em Ciência Política)-Columbia University, Nova York, 1969.
- HILTON, S. *A guerra secreta de Hitler no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- _____. *Suástica sobre o Brasil: a história da espionagem alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX 1914 -1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Sobre história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KIMURA, R. *Políticas restritivas aos japoneses no Estado do Paraná 1930 – 1950* (de cores proibidas ao perigo amarelo). 2006. 197 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- LENHARO, A. *Nazismo, o triunfo da vontade*. São Paulo: Ática. 1990.
- _____. *Sacralização da política*. Campinas: Papirus, 1986.
- MARTINS, M. *Hitler guerreia o Brasil há dez anos*. Curitiba: Empresa Editora O Dia, [1942].
- _____. *Valeu a pena: memórias de um jornalista e político de oposição que nunca foi do contra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- MEMORANDO do chefe da divisão política IX do Ministério do Exterior – 30 de novembro de 1937. DGFP, 1918 – 1945. Série D, Volume V. In: *O III Reich e o Brasil*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. p. 9.
- MILARCHI, A. A Alemanha e os seus diplomatas. *Estado do Paraná*, Curitiba, 29 nov. 1986.
- MILMANN, L.; VIZENTINI, P. F. (Org.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- MOORE, B. Nazism and German Nationals in the Netherlands, 1933-40. *Journal of Contemporary History*, London, v. 22, no. 1, p. 45-70, 1987.
- MORAES, L. E. *Ein volk, Ein Reich, Ein Führer: a seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional*. 1996. 222 f. Dissertação (Mestrado em

Antropologia Social)-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. *Konflikt und Anerkennung*: Die Ortsgruppen der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro. Berlin: Metropol Verlag, 2005.

_____. NSDAP no Brasil: problemas de pesquisa. In: PARADA, Mauricio (Org.). *Fascismos: conceitos e experiências*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 201-231.

MOURA, G. *Autonomia na dependência*: a política externa brasileira de 1935 a 1942. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980.

MÜLLER, J. El NSDAP en México: historia y percepciones, 1931-1940. *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, Tel Aviv, v. 6, n. 2, p. 89-107, dez. 1995. Disponível em <http://www.tau.ac.il/cial/VI_2/muller.htm>. Acesso em: 12 dez. 2006.

_____. *Nationalsozialismus in Lateinamerika*: die Auslandsorganisation der NSDAP in Argentinien, Brasilien, Chile und Mexiko, 1931-1945. Stuttgart: Verlag Hans-Dieter Heinz / Akademischer Verlag Stuttgart, 1997.

NADALIN, S. O. Cidade, ciclos matrimoniais e etnicidade: imigrantes e descendentes de origem germânica e luterana em Curitiba: 1866-1939. *História Questões e Debates*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 205-226, 1999.

_____. *Paraná: ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED. 2001. (Coleção História do Paraná; textos introdutórios).

NEWTON, R. *El cuarto lado del triángulo*: la 'amenaza nazi' en la Argentina (1931-1947). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

OBERDIEK, H. I. *Fugindo da morte*: imigração de judeus alemães para Rolândia-PR, na década de 1930. Londrina: Eduel, 1997.

PERAZZO, P. *O perigo alemão e os mecanismos de repressão do Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

_____. *Prisioneiros de Guerra*: os cidadãos do Eixo nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). 2002. 454 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

PERKINS, J. The Swastika Down Under: Nazi Activities in Australia, 1933-39. *Journal of Contemporary History*, London, v. 26, no. 1, p. 111-129, 1991.

PY, A. da S. *A Quinta Coluna no Brasil*: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1942.

REFERÊNCIAS

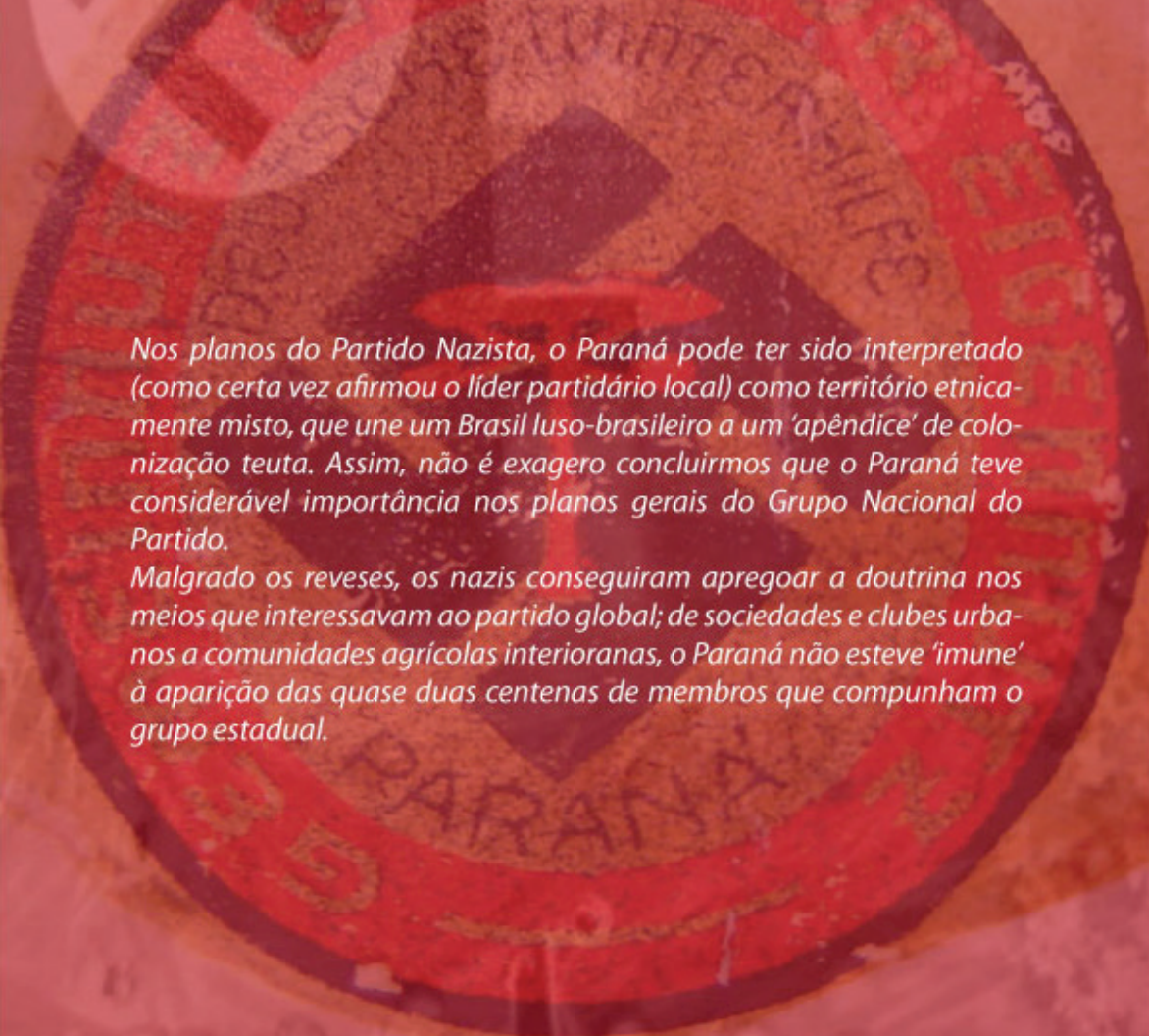
- REIS FILHO, D. A.; FERREIRA, J.; ZENHA, C. *O século XX: o tempo das certezas, o tempo das crises e o tempo das dúvidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 3 v.
- RELATÓRIO do Embaixador alemão na Argentina ao Ministério do Exterior – 2 de agosto de 1938. DGFP 1918 – 1945. Série D, Volume V. In: *O III Reich e o Brasil*. Rio de Janeiro: Laudes, 1968. p. 103-109.
- RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- _____. *O Século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- ROSANVALLON, P. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22. 1995.
- SEITENFUS, R. *O Brasil vai à Guerra: o processo de envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Manole, 2003.
- SEYFERTH, G. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.10, n. 22, p. 149-197, 2004.
- _____. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.
- _____. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SILVA, F. C. T. da (org.). *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX*. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. *O Século Sombrio*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. Os fascismos. In: FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. A.; ZENHA, C. (Org.). *O século XX: o tempo das crises: revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2, p. 109-164.
- SILVA, H. R. K. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006.
- SILVA, M. A. Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira (1942-1943). 2010. 223 f. Dissertação (Mestrado em História)-Univrsidade Estadual de Maringá, 2010.
- SOUZA, R. M. S. *A Estrada do Poente: Escola Alemã/Colégio Progresso (Curitiba 1930 – 1942)*. 2002. 152 f. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Poder)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

O PARTIDO NAZISTA NO PARANÁ - 1933-1942

TOEDTER, N. *E a guerra continua...* Curitiba: Ed. do Autor, 2001.

VOGT, O. P. Imperialismo: a face oculta do germanismo. In: CENTRO DE ESTUDOS MARXISTAS (Org.). *As portas de Tebas: ensaios de interpretação marxista*. 1. ed. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 67-147.

ZUCON, Otávio. Comunidade Cindida: dissensão e conflito em Curitiba na II Guerra. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 9, p. 103-114, 1997.



Nos planos do Partido Nazista, o Paraná pode ter sido interpretado (como certa vez afirmou o líder partidário local) como território etnicamente misto, que une um Brasil luso-brasileiro a um 'apêndice' de colonização teuta. Assim, não é exagero concluirmos que o Paraná teve considerável importância nos planos gerais do Grupo Nacional do Partido.

Malgrado os reveses, os nazis conseguiram apregoar a doutrina nos meios que interessavam ao partido global; de sociedades e clubes urbanos a comunidades agrícolas interioranas, o Paraná não esteve 'imune' à aparição das quase duas centenas de membros que compunham o grupo estadual.

ISBN 978-85-7628-324-9



9 788576 283249